



UFRR

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

CYNEIDA MENEZES CORREIA

JORNALISMO E MEMÓRIA
A construção da política nos jornais de Roraima (1907-1988)

BOA VISTA, RR
2021

CYNEIDA MENEZES CORREIA

JORNALISMO E MEMÓRIA

A construção da política nos jornais de Roraima (1907-1988)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Roraima, sob a orientação do(a) Prof.(a). Dr.(a) Luís Francisco Munaro

Linha 1: Comunicação e Memória

Data: 26/04/2021.

Boa Vista, RR

2021

Dados Internacionais de Catalogação na publicação (CIP)
Biblioteca Central da Universidade Federal de Roraima

C824j Correia, Cyneida Menezes.

Jornalismo e memória a construção da política nos jornais de Roraima (1907-1988) / Cyneida Menezes Correia. – Boa Vista, 2021.

129 f. : il.

Orientador: Prof.(a). Dr.(a) Luís Francisco Munaro.
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Roraima,
Programa de Pós-Graduação em Comunicação.

1 – História da Imprensa. 2 – Roraima. 3 – História Política. 4
– Jornal Impresso. I – Título. II – Munaro, Luís Francisco
(orientador).

CDU – 070(091)(811.4)

CYNEIDA MENEZES CORREIA

JORNALISMO E MEMÓRIA

A construção da política nos jornais de Roraima (1907-1988)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Roraima, defendido em 26 de abril de 2021 e avaliada pela seguinte banca examinadora:

Orientador: Prof. Dr. Luís Francisco Munaro

Profa. Dr. Reginaldo Gomes

Prof. Dr. Maurício Elias Zouein

Boa Vista, RR

2021

Dedico este trabalho a minha mãe, Rita, pois sem ela nenhum caminho que tracei teria sentido.

Aos meus filhos, Guilherme e Camila, e aos meus netos Renato e Juan, e ao meu marido Michel Sales, que são a razão de tudo que faço.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família e principalmente a Deus, porque toda página de agradecimento que eu conheço começa assim,

Ao meu marido Michel Sales, pela compreensão nesses 2 anos de abstinência amorosa.

As minhas amigas, Rebeca, Élissan, Adriana, e Loide, pela compreensão em nossos 2 anos de abstinência social.

À xícara de café, companheira de tantas madrugadas enquanto eu fazia a qualificação.

Ao Google Tradutor, que fez meu Resumo virar Abstract.

A quem criou as normas da ABNT, sem as quais eu jamais saberia que a margem da direita tem 2 cm e a esquerda tem 3 cm.

Aos professores Maurício Zouein e Reginaldo Gomes por suas contribuições na minha qualificação, colaborando assim para eu conseguisse a abençoada nota pelo meu trabalho.

E principalmente, agradeço muito ao meu orientador Luís Munaro, pela sabedoria e compreensão, por não ser um orientador tóxico quando discordei dele e por ter me incentivado quando ninguém acreditou que eu conseguiria terminar, nem mesmo eu.

Thanks

Todo amanhã se cria num ontem, através de um hoje. De modo que o nosso futuro se baseia no passado e se corporifica no presente. Temos de saber o que fomos e o que somos, para sabermos o que seremos.

(PAULO FREIRE)

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar trajetória dos jornais de Roraima no recorte que vai do primeiro manuscrito em 1907, até a transformação de Roraima em Estado, em 1988, a partir da seguinte periodização: jornalismo durante o pertencimento de Roraima ao Estado do Amazonas (1907-1943) e jornalismo no período em que Roraima foi um Território Federal (1943-1988). Isso será feito com a recuperação de acervos documentais e identificação de jornais que foram importantes na construção de uma cultura letrada regional, além da análise de conteúdo dos exemplares encontrados durante a pesquisa. Ao fazer semelhante levantamento sobre o histórico da imprensa, será possível reforçar hipóteses sobre as relações entre a elite política regional e os jornais e verificar de que forma essa relação interferiu na manutenção e no fechamento dos veículos que passaram por Roraima durante este recorte temporal. A problemática da pesquisa envolve o questionamento sobre a contribuição histórica do que era escrito para a sociedade roraimense, além da ligação com o poder político local a partir dos referenciais de história política de grandes autores como René Remond e Nelson Werneck Sodré. Tem-se como objetivo final analisar como a mídia impressa ajudou a moldar e foi moldada pelas atividades políticas regionais.

PALAVRAS-CHAVE: História da Imprensa; Roraima; História Política; Jornal Impresso.

ABSTRACT

The objective of this work is to analyze the trajectory of the newspapers in Roraima from the first manuscript in 1907, until the transformation of Roraima into State, in 1988, from the following periodization: journalism during Roraima's belonging to the State of Amazonas (1907 -1943) and journalism in the period when Roraima was a federal territory (1943-1988). This will be done with the recovery of documentary collections and identification of newspapers that were important in the construction of a regional literate culture in addition to the content analysis of the copies found during the research. By making a similar survey of the press history, it will be possible to reinforce hypotheses about the relations between the regional political elite and the newspapers and to see how this relationship interfered with the maintenance and closure of vehicles that passed through Roraima during this period. The research problem involves questioning the historical contribution of what was written to the society of Roraima, in addition to the connection with the local political power based on the political history references of great authors such as René Remond and Nelson Werneck Sodré. The final objective is to analyze how the printed média helped to shape and was shaped by regional political activities.

KEYWORDS: History of the Press; Roraima; Political History; Newspaper.

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Cronologia do surgimento da imprensa na região Norte	19
TABELA 2 – Jornais mapeados em Roraima em 113 anos	37
TABELA 3 – Jornais que passaram pelo Município de Boa Vista do Rio Branco	43
TABELA 4 – Jornais que passaram pelo Território Federal de Roraima	65
TABELA 5 – Período de circulação dos jornais do Território	112

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Os primeiros jornais da região Norte e suas características	25
QUADRO 2 – Categorias do protocolo de análise utilizado na pesquisa	34
QUADRO 3 - Estilo Gráfico e Materialidades dos jornais do período	106
QUADRO 4 – Manchetes políticas constantes nos jornais do Rio Branco	108
QUADRO 5 – Manchetes políticas constantes nos jornais do Território	114

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Página do livro ‘Informações históricas’ de Dorval Magalhães, 1986	10
FIGURA 2 - Capa do Jornal O Caniço, edição no 10 de 15 de junho de 1907	46
FIGURA 3 - Capa do Jornal O Tacutu, edição no 1 de 1º de março de 1907	48
FIGURA 4 - Capa do Jornal A Escova, edição no 1 de 1º de maio de 1907	50
FIGURA 5 - Capa do Jornal O Bemtivi, edição no 4 de 19 de maio de 1910	53
FIGURA 6 - Capa do Jornal Rio Branco, edição no 1 de 15 de março de 1914	56
FIGURA 7 - Capa do Jornal O Rio Branco, edição no 1 de 7 de julho de 1918	59
FIGURA 8 - Capa do Jornal do Rio Branco, edição no 1 de novembro de 1916	62
FIGURA 9 – Capa do jornal “Boa Vista”, edição 267 do dia 29 de agosto de 1954	68
FIGURA 10 – Capa do jornal “O Átomo”, edição n° 4 do dia 28 de abril de 1951	71
FIGURA 11 – Capa do jornal “O Combate”, edição 1 do dia 23 de set de 1946	73
FIGURA 12 – Capa do jornal “Resistência”, edição 2 do dia 12 de abril de 1954	75
FIGURA 13 – Capa do jornal “O Debate”, edição 18 do dia 20 de dez de 1956	77
FIGURA 14 – Capa do jornal “Tribuna do Norte”, edição 100 de dez de 1968	81
FIGURA 15 - Capa do “Jornal Boa Vista”, edição 18 do dia 15 de junho de 1974	83
FIGURA 16 - Capa do jornal “O Roraima”, edição 137 do dia 16 de fev de 1979	85
FIGURA 17 - Capa do jornal “Tribuna de Mucajai”, do dia 21 de agosto de 1987	87
FIGURA 18 – Capa do jornal “O Observador”, edição n° 3 de maio de 1980	89
FIGURA 19 – Capa do jornal “Folha de Roraima”, edição 30 10 de maio de 1982	91
FIGURA 20 – Capa do jornal “A Gazeta”, edição 354 de 22 a 28 de nov de 1991	94
FIGURA 21 – Capa do jornal “Folha BV”, edição 463 dias 17 de agostos 1988	96
FIGURA 22– Capa do jornal “Tribuna de RR”, edição 34 de 05 de dez de 1986	98
FIGURA 23 – Capa do jornal “A Crítica de Roraima”, edição 105 do julho 1987	100
FIGURA 24 – Capa do jornal “O Diário”, edição n° 780 de dia 3 de março de 1999	102
FIGURA 25 – Capa do jornal “O Jornal”, edição n° 140 dia 31 de julho de 1992	104

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1 – HISTÓRIA, IMPRENSA E PODER: PROBLEMATIZAÇÃO	16
1.1 A HISTÓRIA DA IMPRENSA NO BRASIL	16
1.2 A HISTÓRIA DA IMPRENSA NO NORTE	18
1.3 A IMPRENSA E A MEMÓRIA	25
1.4 A IMPRENSA E O PODER	27
CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA E A CONSTRUÇÃO DA PESQUISA	27
2.1 O PROTOCOLO E SUAS CATEGORIAS	33
2.2 MAPEAMENTO DOS JORNAIS PESQUISADOS	34
CAPÍTULO 3 – A HISTÓRIA DOS JORNAIS IMPRESSOS EM RORAIMA	38
3.1 O MUNICÍPIO DE BOA VISTA DO RIO BRANCO	38
3.2 OS JORNAIS DO RIO BRANCO, DO MANUSCRITO AO IMPRESSO	41
3.2.1 O Caniço (1907)	44
3.2.2 O Tacutu (1907)	47
3.2.3 A Escova	49
3.2.4 O Bemtivi	51
3.2.5 O Carvão, Graveto E Sabiá	54
3.2.6 Rio Branco	55
3.2.7 O Rio Branco	57
3.2.8 Jornal Do Rio Branco	60
3.3 JORNAIS DO TERRITÓRIO FEDERAL DO RIO BRANCO E DE RORAIMA	63
3.3.1 Boa Vista	66
3.3.2 O Átomo	69
3.3.3 O Combate	72
3.3.4 Resistência	74
3.3.5 O Debate	76

3.3.6 A Tarde	78
3.3.7 A Tribuna Do Norte	80
3.3.8 O Jornal Boa Vista	82
3.3.9 O Roraima	80
3.3.10 Tribuna De Mucajaí	82
3.3.11 O Observador	84
3.3.12 Folha De Roraima	86
3.3.13 A Gazeta De Roraima	88
3.3.14 Folha De Boa Vista	91
3.3.15 Tribuna De Roraima	93
3.3.16 A Crítica De Roraima	95
3.3.17 Diário Do Povo	97
3.3.18 O Jornal	99
CAPÍTULO 4 – RORAIMA: A POLÍTICA NOS JORNAIS EM NÚMEROS	101
4.1 OS JORNAIS DO RIO BRANCO E A POLÍTICA NA CONSTRUÇÃO DA PESQUISA	101
4.2 ANÁLISE DE CONTEÚDO NOS JORNAIS DO TERRITÓRIO DE RORAIMA	106
4.2.1 A construção da pesquisa- O Discurso Político	108
CONSIDERAÇÕES FINAIS	111
REFERÊNCIAS	114
APÊNDICE	
ANEXO	

INTRODUÇÃO

O jornalismo impresso em Roraima completou 115 anos, acumulando uma dimensão significativa de jornais produzidos no estado. No entanto, existem poucas memórias desse jornalismo e quase nenhum estudo mais abrangente que possa ser usado como referência sobre o que foi produzido pela imprensa escrita local.

Como uma tentativa de elucidar a trajetória do jornalismo impresso em Roraima num período importante de mudanças políticas e econômicas no país e no estado, elaboramos um mapeamento das informações existentes sobre os jornais produzidos em Roraima, utilizando-se como recorte temporal o surgimento do primeiro manuscrito em 1907 até a transformação do território federal em estado da União, que ocorreu em 1988.

Também analisamos criticamente o papel da política e dos políticos locais na história do jornalismo roraimense, detectando o comportamento dos veículos impressos e de que forma noticiavam a atuação desses personagens da história de Roraima. O programa de estudos consiste na catalogação e descrição dos jornais existentes em Roraima no período destacado, sempre que possível apontando a sua inter-relação com a esfera do político e buscando dialogar com autores que são referência na temática política e histórica como René Rêmond (2003) e Sodré (1999). Este afirma que existe uma história da história que carrega o rastro das transformações da sociedade e reflete as grandes oscilações do movimento das ideias.

Ao refletir sobre a história do impresso em Roraima destacam-se três períodos: o primeiro quando o Rio Branco era uma vila do Estado do Amazonas (1907-1942); o segundo quando da criação do Território de Roraima em 1943; e o último período com a criação do Estado de Roraima e de impressos oriundos da esfera privada, relativamente autônomos da esfera política (1988).

Como aporte teórico, entendemos que os periódicos foram suporte para veiculação de informações relacionadas à política, mas também tiveram participação ativa no cotidiano roraimense. Sobre isso John Thompson (2009) afirma, inclusive, que os meios de comunicação – como os jornais – são “rodas de fiar” que tecem diversos sentidos. Estes sentidos precisam ser buscados na inter-relação entre os poderes políticos conflitantes e os vários jornais que surgem e desaparecem rapidamente vinculados a agentes políticos locais.

A pergunta central que orienta esta dissertação é: em quase um século de existência, que transformações significativas podem ser percebidas na imprensa escrita de Roraima e como a mídia impressa ajudou a moldar e foi moldada pelas atividades políticas regionais?

A problemática da pesquisa envolve o questionamento: o que o estudo da Imprensa escrita pode revelar sobre a história de Roraima o seu papel na configuração de diferentes identidades políticas e manifestação de memória histórica? A salvaguarda da memória do jornalismo impresso roraimense é fundamental para a manutenção de um saber crítico e historicamente válido, capaz de estabelecer um trânsito contínuo entre os jornalistas e a sociedade de uma forma mais ampla.

Busca-se, como objetivo geral deste trabalho, estudar a transformação histórica do jornalismo manuscrito e impresso em Roraima no período de 1907 a 1988, analisando os registros jornalísticos deixados e mapeando os jornais, suas chamadas, identificando os grupos a que pertencem e como se colocam no jogo de poder político local, além de analisar o conteúdo dos jornais encontrados, colaborando assim na manutenção da memória do jornalismo em Roraima. Como objetivo específico, pretende-se facilitar o acesso a esses jornais por meio de mapeamento temático, produzindo um trabalho cuja importância reside em reunir elementos sobre a história da imprensa e realizar uma interpretação e síntese da produção impressa em Roraima, identificando um panorama teórico que seja útil para a compreensão histórica dos jornais em Roraima.

Também se pretende examinar os tensionamentos entre sociedade, economia e política no processo histórico de instalação e consolidação da mídia de papel no estado, fornecendo uma periodização a respeito da transformação do jornalismo em Roraima que caminhe em paralelo à transformação da mídia na Amazônia como um todo.

Tem-se como justificativa que a discussão desses jornais será útil para a construção de um conhecimento mais sólido sobre comunicação no âmbito roraimense. Além disso, a sua análise do conteúdo aliada à história do seu surgimento e fim permite compreender melhor os caminhos que os jornalistas buscaram para reproduzir a realidade da sociedade roraimense e os vínculos entre os jornais e a política no Estado. Ao fazer semelhante levantamento sobre o histórico da imprensa roraimense, será possível reforçar hipóteses sobre as relações entre os políticos regionais e os jornais. Entende-se também como justificativa para este trabalho que o

resgate da memória jornalística de Roraima é fundamental para pesquisas na área da comunicação, da história e áreas correlatas.

O texto da dissertação foi dividido em quatro capítulos.

No Capítulo 1, dedicamo-nos aos conceitos de Imprensa, Poder e História, apresentando as discussões centrais que ocorrem nestas áreas. Com a base teórica sobre a temática imprensa e Memória e Imprensa e Poder, este capítulo justifica a escolha do tema, discorrendo sobre a importância dos jornais para a sociedade a partir da História da Imprensa no Brasil e na região Norte.

A metodologia da pesquisa é descrita no Capítulo 2, sendo a nossa base o método da análise de conteúdo, além do mapeamento dos jornais e, sempre que possível, seus vínculos de poder. Para a sistematização e análise do material, utilizamos um protocolo de análise da Rede Ibero-Americana de Monitoramento e Capacitação em Jornalismo Científico adaptado para ser usado em materiais impressos. Neste capítulo, o protocolo é apresentado, assim como os critérios de inclusão dos jornais pesquisados que vão compor o corpus.

O Capítulo 3 traz a história da imprensa em Roraima, contextualizando a criação dos jornais analisados, os objetos empíricos do estudo, a partir do período de circulação e importância na vida econômica, política e social do estado. Nesse capítulo são analisados os jornais do rio Branco e do território de Roraima.

O Capítulo 4 apresenta os dados gerados pela pesquisa, suas variações e principais destaques. Nesse capítulo também discutimos os dados encontrados nos jornais, destacando o que é falado sobre política em números e fazendo uma análise de conteúdo das chamadas, além de contextualizar os atores e narrativas orais nas matérias de política do material analisado.

Nas Considerações Finais, tecemos a discussão sobre a política e sua relação com os jornais impressos a partir dos resultados e reflexões do Capítulo 4. Os conceitos estudados foram retomados e relacionados com os resultados obtidos na pesquisa, tendo como finalidade a resposta ao problema central da pesquisa.

Trazemos ainda apêndices e anexos encontrados ou feitos durante o desenrolar desse trabalho. A partir desta apresentação, iniciamos a nossa dissertação.

CAPÍTULO 1 – HISTÓRIA, IMPRENSA E PODER: PROBLEMATIZAÇÃO

1.1 A HISTÓRIA DA IMPRENSA NO BRASIL

Com um século de atraso, a imprensa escrita chegou ao Brasil. Os dois primeiros impressos do país foram o Correio Braziliense e a Gazeta do Rio de Janeiro, que datam de 1808, de junho e setembro, respectivamente. Destaca-se que neste período, a imprensa brasileira acompanhou e participou das mudanças políticas no Brasil desde a chegada da família real até a transformação da Colônia em Império (MARTINS; LUCA, 2013).

No Brasil, a imprensa teve certa dificuldade para ser iniciada e consolidada. Diferente da Europa, que no século XIX usufruía de diversas formas de promoção da instrução da população, em terras brasileiras, os jornais tornaram-se o único meio de comunicação, apesar de esbarrar na pouca alfabetização no período colonial (ROCHA; ZAUITH, 2014).

Quando o rei retornou a Portugal e deixou seu filho Dom Pedro I como Príncipe Regente, foram estabelecidas condições para a consolidação mais efetiva da imprensa no território colonial e houve uma consequente proliferação dos jornais. Essa proliferação foi rápida e alarmou D. Pedro I, que proibiu o anonimato das obras, buscando uma maior preocupação com o conteúdo. Nas décadas de 1820 e 1830 marcaram um período no qual a imprensa brasileira buscou a construção de um discurso político em suas publicações (BARBOSA, 2010).

A expansão da imprensa, com as suas responsabilidades, surge acompanhada do conceito de "Quarto Poder", em que a defesa e vigilância da chamada "opinião pública" é invocada como dever e atua como legitimadora da nova força social que é a imprensa. Ao mesmo tempo, a censura foi um elemento constante, e o extremo controle garantiu a centralização da produção e circulação de impressos desde sua implementação até ao processo que levou à Independência do Brasil, em 1822 (MELO, 2003).

Esse processo da Independência gerou grande estímulo à produção de impressos, pois as elites provinciais tiveram a noção da força que a imprensa tinha sobre a sociedade. Com isso, passaram a utilizar a imprensa como mecanismo de difusão ideológica. Ao mesmo tempo, essa imprensa ainda não havia construído um

conceito próprio e se confundia “com a noção de literatura pública, de finalidade moral e política” (RÜDIGER, 1998).

Em um primeiro momento, a imprensa no Brasil se configurou a partir da produção de “pasquins” que caracterizaram a imprensa brasileira neste período e são a sua melhor expressão, pois estiveram ligados à contestação política e social. Não é por acaso que os pasquins foram alvo de repressão e censura, ao mesmo tempo em que muitas vezes seus autores mantiveram anonimato, com o objetivo de autopreservação (SODRÉ, 1999).

Conforme o panorama político se alterou e iniciaram as divergências entre setores políticos, começou a haver novamente disputas entre grupos dominantes. Tais divergências levaram a novas agitações e ao surgimento de duas alas: liberais e conservadores. A partir dessa divisão, novos partidos e fações políticas foram se organizando, e recorriam à imprensa como forma de propaganda das ideias que defendiam. Os partidos encarregavam-se de montar suas próprias empresas e lançar periódicos pelos quais assumiam inteira responsabilidade. Nesse contexto, surgiam as redações propriamente falando, e os jornais passaram a ter uma organização editorial. De acordo com Nelson Sodré, somente entre 1870 e 1872 surgem mais de vinte jornais republicanos no país (SODRÉ, 1999).

À medida que os ânimos políticos se acalmam, surgem dois novos padrões de imprensa, que passam a dividir espaço com a imprensa político-partidária, e que diferem tanto desta quanto da antiga estrutura de pasquinagem. De um lado surgia, mesmo que de forma bastante efêmera, em princípio, uma imprensa organizada nos moldes empresariais e voltada à notícia enquanto produto; de outro, uma imprensa combativa e que buscava representar um setor ainda incipiente da sociedade brasileira, o operariado urbano (SODRÉ, 1999).

Com o novo tipo de imprensa, os jornais apresentavam-se como órgãos imparciais, cujo objetivo era informar a população. Mesmo que tivessem posicionamentos políticos definidos, eles chegavam ao leitor como imparciais; “começava então a esboçar-se uma imprensa de massas, no sentido de estar mais preocupada com o público leitor e menos em expressar interesses individuais e de grupos” (TASCHNER, 1992)

De acordo com a historiografia que se dedica ao estudo da imprensa, em 1930, a estrutura jornalística de cunho político partidário entra em franca decadência, sendo

extinta por completo com o Golpe do Estado Novo, em 1937. Desse modo, a grande imprensa desponta como elemento hegemônico no poder.

Essa grande imprensa pode ser exemplificada a partir da história de um dos homens públicos mais influentes do Brasil nas décadas de 1940 e 1950 em vários campos da sociedade brasileira: Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo, mais conhecido como Assis Chateaubriand, ou Chatô, que se destacou como jornalista, empresário, mecenas e político. Como magnata das comunicações no Brasil entre o final dos anos 1930 e início dos anos 1960, dono dos Diários e Emissoras Associadas, conglomerado que em seu auge contou com mais de cem jornais, emissoras de rádio e TV, revistas e agência telegráfica, Chatô criou e dirigiu a maior cadeia de imprensa do país.

Atualmente, os três principais jornais impressos brasileiros são: O Estado de São Paulo, Folha de São Paulo e, no Rio de Janeiro, O Globo. Hoje em dia, observa-se que com as mudanças tecnológicas os jornais impressos estão empenhados em oferecer ao leitor um “ambiente” semelhante ao da internet, em termos de diagramação e construção textual, a inserção de elementos de dinamização e movimento. Uma alteração significativa que se observa na modernidade são as novas estruturas de jornal com links, boxes, ícones habitualmente utilizados no meio eletrônico, barras coloridas etc. que já fazem parte da diagramação “intuitiva” de alguns jornais, e os usos narrativos desses elementos para a construção da notícia.

Conclui-se, neste contexto, que o principal negócio da grande mídia impressa é a informação e não o papel. Portanto, para se manter no mercado, o jornalismo impresso deve se dedicar à criação de uma rede de influência e credibilidade, conquistando a confiança do público com jornalismo de qualidade.

1.2 A HISTÓRIA DA IMPRENSA NO NORTE

A história da imprensa da região Norte ainda é pouco conhecida. E o que é mais grave, é que essa história é ignorada pela maioria dos brasileiros e dos próprios habitantes da região, por conta de um ensino (público e privado) omissivo e de uma historiografia que privilegia os fatos e personagens das regiões sudeste do País (FERREIRA, 2005).

Porém, a distância entre a circulação do primeiro jornal independente no Brasil, (embora produzido em Londres), o “Correio Braziliense”, lançado em 1808, e o

primeiro periódico do Norte do país, O Paraense, surgido em 1822, em Belém, foi de 14 anos. Apesar do extremo isolamento da época entre o Rio de Janeiro (capital da colônia) e Belém, o intervalo foi relativamente pequeno entre o surgimento dos primeiros jornais, que expressavam as mudanças que a sociedade brasileira vivia.

O hiato na linha do tempo entre as capitais e o interior dos estados, ainda tinha como característica a forma como os jornais regionais eram produzidos, de maneira artesanal, sem anúncios e com periodicidade irregular, afetando assim o próprio tempo de suas existências. “Os temas, em geral, representavam os interesses do dono do jornal e do grupo ao qual ele pertencia, com o intuito de defender publicamente os seus ideais. Grande parte dos impressos foram iniciativas individuais e de vida fugaz” (ROCHA; ZAUITH, 2014, p.38).

Confira os primeiros jornais em cada estado conforme a cronologia em uma tabela estruturada por Santos (2019)

TABELA 1 – Cronologia do surgimento da imprensa na região Norte

ESTADO	GÊNESE DA IMPRENSA	PRIMEIRO JORNAL
Pará	1822	O Paraense
Amazonas	1851	Cinco de Setembro
Amapá	1890	O Democrata
Tocantins	1891	Folha do Norte
Rondônia	1891	Humaythaense
Acre	1901	El Acre
Roraima	1914	O Rio Branco

Fonte: Adaptado de: CARILLI, J. (2014); MUNARO, L. F. (2014); PAULA, et all (2012)

Wilson Bueno (2013) explica que o jornal regional tem como ideal influenciar a informação em uma determinada região, além disso, uma das características desse tipo de veículo ante a outro que cobre somente uma cidade, distrito ou bairro, é sua forma de organização e sua divisão entre jornal quase artesanal, jornal local e jornal regional.

A história da imprensa regional é marcada pela luta em defesa da liberdade, da independência com relação a Portugal e contra a tirania dos novos governantes. Mas é também de sustentação política da ordem vigente em cada período histórico desses quase dois séculos de imprensa na Amazônia.

Os jornais foram usados como espaço para a literatura e como trincheiras para as lutas e agressões contra os adversários. E, por isso mesmo, volta e meia eram alvos de atentados, que acabavam por atingir toda a sociedade. A história da imprensa no Norte, é uma história de mais de 180 anos entre “letras e baionetas”, como bem definiu o historiador Geraldo Mártires Coelho e como relembra Ferreira (2005) e Santos (2019) quando falam em uma história basicamente ligada a política e a resistência. Nesse capítulo, vamos falar rapidamente de alguns desses jornais.

Pará

A “Gazeta do Pará”, organizada e publicada em Lisboa, em janeiro de 1821, foi o primeiro jornal a circular na Amazônia. Com uma linha que valorizava as notícias da corte portuguesa, teve duração curta. Um ano depois, surgiu O paraense que durante muito tempo foi apontado como o marco da imprensa livre do Norte, por ter nascido em defesa da liberdade de imprensa e criticando as negligências do governo imperial. A ousadia dos jornalistas resultou, inclusive, na prisão de ambos em momentos diferentes.

Na primeira página da edição inaugural de O Paraense, o periódico publica o decreto sobre a liberdade de imprensa prevista na constituição de Portugal. A luta pela liberdade e a independência do Brasil marca a linha editorial do jornal, principalmente após o cômego João Batista Gonçalves Campos ter assumido a sua direção no lugar de Felipe Patroni. O jornalista responsável foi perseguido e preso várias vezes. O jornal deixou de circular em fevereiro de 1823, em sua 70ª edição, após militares portugueses invadirem a tipografia do periódico e a confiscaram (FERREIRA, 2005).

Vários outros periódicos surgiram depois d’O Paraense, que serviram de tribuna para liberais e conservadores. Mas a publicação de mais longa duração no Pará, que surgiu antes da metade do século XIX foi o “Treze de maio”, em homenagem à data em que as forças do Império retomaram a cidade de Belém das mãos dos cabanos, em 1836. Seu proprietário foi Honório José dos Santos, que ensinou a dois de seus escravos o ofício de tipógrafo. O jornal, que foi lançado em 1840 encerrou suas atividades em 1862, durou, portanto, 22 anos.

O diário mais antigo da Amazônia, que durou 125 anos, foi “A Província do Pará”, fundado em 25 de março de 1876 por Joaquim José de Assis (redator), Francisco de Souza Cerqueira (tipógrafo) e Antônio Lemos (redator-gerente). Na época da luta contra a escravidão, “A Província do Pará” publicava extensas relações

contendo nomes dos escravos redimidos, espontaneamente, pelos seus senhores. Desde o início aquele jornal alinou-se ao Partido Liberal e depois ganhou linha independente e se estruturou como empresa. Mas o posicionamento político do jornal custou caro aos seus dirigentes. Em 1912 a sede do diário, localizada na praça da República, no centro de Belém, foi incendiada pelos inimigos de Antônio Lemos, uma das lideranças políticas do Pará, que foi intendente (prefeito) de Belém (FERREIRA, 2005).

Depois de passar oito anos sem circular, o periódico volta em 1920 sob a direção de Pedro Chermont de Miranda. Novamente, “A Província do Pará” interrompe sua circulação em 1926 por problemas financeiros e só retorna em 1947, sob controle dos Diários Associados, de Assis Chateaubriand, que comandou uma rede nacional de jornais, rádio e televisão. Em 2001 passa o seu comando para o publicitário Miguel Ângelo Arraes, que encerra, antes do final do ano, as atividades do mais antigo periódico da Amazônia. Dívidas trabalhistas e problemas de gestão foram as principais causas de um conjunto de fatores que conseguiram o que nem as mais sangrentas lutas entre as facções políticas de Lauro Sodré e Antônio Lemos foram capazes.

Outro jornal que marcou época no cenário regional foi a “Folha do Norte”, que iniciou sua circulação em 1896, fundado por Enéas Martins e Cipriano Santos. Surge como oposição a Antônio Lemos e como órgão de sustentação das ideias do Partido Republicano Federal, chefiado por Lauro Sodré e depois por Paes de Carvalho, todos políticos da ordem vigente. Quando o revisor de provas, jornalista Paulo Maranhão, assume a direção do periódico, a linha editorial muda parcialmente. A “Folha do Norte”, como jornal matutino, deixou de circular em 1974, um ano após ser adquirida pelo jornalista Rômulo Maiorana, que já era dono do jornal que sustentara Barata e seus seguidores (FERREIRA, 2005).

Amazonas

Na segunda metade do século XIX, o Amazonas partilhou com as demais regiões do Brasil de um verdadeiro frenesi de produção periódica, responsável pelo aparecimento de mais de 500 títulos nos cem primeiros anos de sua existência (BAHIA, 1990; FREIRE, 1990).

No Estado do Amazonas, a primeira publicação impressa foi o “Cinco de Setembro”, que circulou no dia 3 de maio de 1851. Em 1854 o título muda para

“Estrella do Amazonas”. Era presidente da província João Batista de Figueiredo Tenreiro Aranha, que tinha sido redator do jornal paraense “A Opinião”, onde se entrincheiravam os opositores de Batista Campos (CARILLI, 2014).

A vinculação do proprietário do periódico Manoel da Silva Ramos com o poder público era bastante próxima e sua patente militar o colocava como parte de um grupo distinto de cidadãos em uma província recém-criada.

O jornal mais antigo e que ainda está em circulação é o “Jornal do Commercio”, fundado em 2 de janeiro 1904, em Manaus, por J. Rocha dos Santos. O periódico passou para o controle da rede de Assis Chateaubriand, em 1943, e de Guilherme Aluízio de Oliveira Silva, a partir de 1985. Foi o terceiro jornal da América do Sul a importar uma máquina linotipo, para composição de textos, em 1906. Sua linha editorial está voltada para a economia e a política. Hoje é o jornal mais antigo em atividade na Amazônia (FERREIRA, 2005).

Amapá

Como no Pará e Amazonas, no Amapá, a função política também delineou o surgimento da imprensa, através d” O Democrata (1890). De caráter conservador, seu início teve promoção do Partido Republicano Democrático, com tipografia em Belém. Apesar do processo de produção jornalística ser feito em outro território, ele é tratado como marco inicial da imprensa amapaense por motivos semelhantes que o Correio Braziliense é apontado como um dos pioneiros da imprensa brasileira, mesmo sendo confeccionado em Londres, na Inglaterra, entre 1808 e 1822 (SODRÉ, 1999). Isto é, O Democrata abrangia como foco de circulação o território do Amapá e continha notícias de Macapá (SANTOS, 2019).

O fim do periódico ocorreu em 1895, depois de vários atentados promovidos pelo governo da província, que como última estratégia de calar os jornalistas, confiscou o maquinário que imprimia O Democrata (SANTOS, 2019).

Em 15 de novembro de 1895 foi lançado no Amapá o “Pinsonia”, iniciativa de Joaquim Francisco de Mendonça Junior e do comerciante José Antonio de Cerqueira Mendonça. O nome do periódico foi uma homenagem ao navegador espanhol Vicente Yánes Pinzón, descobridor da foz do rio Amazonas, em 1500.

O jornal era impresso no formato tabloide, com circulação semanal. Suas primeiras edições foram feitas em Belém. A partir de 1897 chegam a Macapá máquinas alemãs para a impressão do jornal, que no ano seguinte para de circular.

Na capital do Amapá foi fundado no dia 11 de julho de 1915 o jornal “Correio de Macapá”, com circulação semanal (posteriormente quinzenal) em Macapá e tiragem média de 500 exemplares. O fundador do periódico foi o tenente-coronel Jovino Albuquerque Dinoá. Um dos redatores era o padre belga Júlio Maria Lombardi. A linha editorial era atrelada aos interesses da Intendência (hoje prefeitura) de Macapá.

Acre

Assim como aconteceu nos primeiros anos da imprensa no Brasil, nos quais o jornalismo era utilizado como forma de provocar e instigar ideais políticos, no Acre não foi diferente.

Em 1901, surge o *El Acre* produzido por bolivianos, tendo como propósito a defesa de um território independente, tanto da Bolívia quanto do Brasil. Segundo Pinheiro (2015), o jornal deixou de circular depois de ter sofrido um atentado capitaneado pelo coronel José Plácido de Castro, que liderou uma tropa de seringueiros, a maioria oriunda do Nordeste do Brasil, durante as batalhas do acontecimento histórico chamado pelos historiadores de Revolução Acreana. O fato ocorreu na madrugada de 6 de agosto de 1902. Pouco mais de seis meses depois, em 24 de janeiro de 1903, o Acre foi anexado definitivamente ao Brasil, após assinatura do Tratado de Petrópolis, por intermédio do diplomata brasileiro Barão do Rio Branco, que um ano antes já havia conseguido ganho de causa ao Brasil sobre as terras do Amapá, derrotando a França no Tribunal Suíço (SANTOS, 2019).

Rondônia

Em Rondônia, os primeiros jornais foram impressos e circular em língua inglesa. É que circulavam entre os trabalhadores da extinta companhia Madeira-Mamoré Railway. A ferrovia, de 364 quilômetros, que ligava Porto Velho a Guajará-Mirim, na fronteira com a Bolívia, foi construída como parte do Tratado de Petrópolis, assinado em 1903, em que a Bolívia reconhece a anexação do Acre ao território brasileiro, depois de uma guerra entre seringueiros e as forças legais bolivianas em 1902. Entre esses periódicos estão o “The Porto Velho Times” (4/7/1906), o “Porto Velho Courier” e o “Marconigran”, este último em 1910 (FERREIRA, 2005).

Dentre as particularidades dos movimentos que fizeram surgir a imprensa em Rondônia, a proposta do seu primeiro jornal, o *Humaythaese*, que saiu às ruas no dia

29 de agosto de 1891, não se diferenciou do restante que existia na Amazônia. Como nasceu em uma comunidade recém-elevada à categoria de município, serviu como instrumento de propagação de ideais do governo local.

A publicidade comercial aparece de forma gradativa, mas ao longo de seus 26 anos, os atos públicos eram a principal fonte de renda do Humaythaense até o fechamento, em 1917. “O jornal tem claras motivações políticas e é controlado pelo Partido Republicano Federal, este dirigido por Monteiro em Humaitá e com influência da política de toda a província” (COLFERAI, 2017, p.183)

Tocantins

No território que atualmente é o estado de Tocantins, a imprensa teve como marco a Folha do Norte, fundada em 3 de julho de 1891. Apesar de ter sido criada por um ex-deputado, Luiz Leite Ribeiro e pelo comerciante Frederico Lemos, o periódico tinha caráter geopolítico. A proposta era usar o jornal como uma tribuna dos anseios dos tocantinenses em busca da independência da Província de Goiás (SANTOS, 2019).

A Folha do Norte era produzida e impressa em Porto Nacional, cidade que atualmente faz parte da região metropolitana de Palmas. Durou até meados de 1914, sendo o único do Norte de Goiás nesse período. Seu surgimento teve como união o interesse de duas autoridades locais. Luiz Leite Ribeiro tinha na Folha do Norte uma tribuna em busca de sua luta pela emancipação de Tocantins e Frederico Lemos o utilizava para promoção pessoal, financiando a compra da tipografia e controlando o periódico. (COSTA; TEIXEIRA; PAINKOW, 2015).

Roraima

Roraima foi o último estado a ter imprensa na região que atualmente compreende o Norte do Brasil. Iniciado em 1914, o Rio Branco era vinculado ao professor e futuro intendente de Boa Vista, Diomedes Souto Maior. De acordo com Munaro e Zouein (2017), a inserção de Roraima no cenário do jornalismo amazônico obedece a três vertentes. A primeira é o do ponto de vista religioso e a segunda tem relação com o impacto da migração da civilização de Boa Vista e a reivindicação por melhorias para o povo roraimense.

Da então vila de Boa Vista, hoje capital de Roraima, passaram cerca de 50 periódicos em mais de 100 anos de existência. A maioria dos periódicos foi criado

apenas para passar pelo período político, mas alguns como a Folha de Boa Vista tiveram mais de 30 anos de existência, até deixar de circular na forma física e virar digital. Os jornais mais conhecidos no estado foram Brasil Norte, Folha de Boa Vista e Correio.

QUADRO 1 – Os primeiros jornais da região Norte e suas características

Estado	Fundação da imprensa	Primeiro jornal	Características editoriais
Amazonas	1851	Cinco de Setembro	Surgiu por intermédio de financiamento político e buscava moldar imagens da elite local
Amapá	1890	O Democrata	Surgiu logo após a instalação do governo provisório da República e tinha como ideal a reivindicação pelo retorno da monarquia
Tocantins	1891	Folha do Norte	Sua característica era defender a emancipação de Tocantins do território de Goiás por autoridades de Porto Nacional
Rondônia	1891	Humaythaense	Teve como influência para o seu surgimento a época do Ciclo da Borracha e privilegiava editorialmente anseios da elite política local
Acre	1901	El Acre	Criado por bolivianos, acampava ideias emancipatórias de um estado acriano
Roraima	1907	O Caniço	Ajudava na manutenção de um círculo de poder local, capaz de evidenciar os aspectos positivos dos s da Vila Boa Vista

Fonte: Adaptado de SANTOS (2019).

1.3 A IMPRENSA E A MEMÓRIA

Os meios de comunicação estão presentes no cotidiano das pessoas com imagens e sons narrativos atuais, relativos ao passado e com perspectivas para o futuro, contendo, portanto, um “horizonte de expectativas”. As pessoas se informam e conhecem a cidade, os feitos de seus cidadãos, os costumes, as tradições, a história, os conflitos, enfim. Nesse sentido, como sugere Canclini (2008), os meios de comunicação trazem novas experiências com a cidade e a sua memória.

Portanto, pensar o processo de reconstrução de memória no universo da comunicação ou da ação das mídias significa entender três vias em que podem se desdobrar estes relatos: a ação de construir discursos a partir de fatos e versões; a ação de reconstruir uma história em cima dos modos de contar tais fatos por meio da

tessitura da própria matéria jornalística; e, por fim, a maneira pela qual estes indivíduos envolvidos na cobertura jornalística, que, dentro da rotina de uma redação, percebem suas próprias experiências e o modo como lembram mais ou menos de algumas recordações ou outras.

Dessa forma, é possível argumentar que, como instâncias constitutivas do social, os jornais, pelo que defendem ou contestam; pelo que silenciam ou omitem, traduzem a história e a cultura de um povo. O que se quer argumentar é que a imprensa, ao invés de espelho da realidade passou a ser concebida como espaço de representação do real, ou melhor, de momentos particulares da realidade em constante processo de transformação (FERREIRA, 2005).

Com efeito, conforme avalia Luciana Soutelo (2015, p 10), “as fontes de imprensa permitem, por um lado, através da análise dos jornais que participam mais diretamente no processo de formação da opinião pública – ou a grande imprensa –, a compreensão da construção/consolidação dos discursos memoriais dominantes no espaço público, assim como do combate pela memória em torno da hegemonização no sentido da interpretação do passado.

Le Goff (1990) afirma que o passado é uma reconstrução e uma reinterpretação realizada de maneira constante no presente, onde os documentos fazem com que momentos ao longo do tempo ganhem vida no futuro. É a partir deles que se impõem voluntariamente ou involuntariamente imagens de determinado evento, pessoa ou objeto. O documento é monumento, ou seja, é um instrumento do registro do passado.

Leituras de documentos, frutos de um presente que nascerá no futuro, devem também assegurar ao passado uma sobrevivência – ou melhor, uma vida –, que deixa de ser "definitivamente passado". À relação essencial presente-passado devem acrescentar o horizonte do futuro. (LE GOFF, 1990, p.25).

Pode-se dizer que a imprensa é capaz de constituir uma imagem que se legitima a partir da palavra tanto falada quanto impressa. Enquanto pesquisadores, devemos pensar como este veículo da informação torna homogêneos os circuitos noticiosos, perpetuando memórias, legitimando histórias construídas no social e, assim, cristalizando-se como única verdade tecida por meio de um conjunto de palavras solidificadas (DIAS & PAIXÃO, 2018).

Além de se constituírem em fontes riquíssimas para o pesquisador, os jornais também podem ser vislumbrados como agentes da própria história. Conforme Capelato (1994), a imprensa impôs-se como uma força política. Os governos e os

poderosos, por isso, sempre a utilizam e temem; ora adulando, ora vigiando, controlando e punindo. Pois, os impressos têm a função de ‘despertar as consciências’ e ‘modelá-las’ conforme seus valores e interesses, procurando indicar uma direção ao comportamento político do público leitor” (CAPELATO, 1994, p.23).

Ao analisarmos o documento impresso, levamos em consideração a análise semântica da linguagem e o contexto social no qual determinados textos foram produzidos, mas também a realidade que buscaram retratar. De acordo com Tânia De Luca, os jornais não são, no mais das vezes, obras solitárias, mas empreendimentos que reúnem um conjunto de indivíduos, o que os torna projetos coletivos, por agregarem pessoas em torno de ideias, crenças e valores que se pretende difundir a partir da palavra escrita (LUCA, 2005, p.140). Os jornais, por meio dos discursos, “produzem estratégias e práticas tendentes a impor autoridade, uma deferência, e mesmo a legitimar escolhas”, isso porque “é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder” (LE GOFF, 2010, p.536).

Assim, eles procuram atrair o público e conquistar seus corações e mentes: “A meta é sempre conseguir adeptos para uma causa seja ela empresarial ou política, e os artifícios utilizados para esse fim são múltiplos” (CAPELATO, 1994, p.15).

A imprensa é um espaço privilegiado para a construção de memórias. É, aliás, um elemento constitutivo de memórias, sendo imprescindível ao historiador indagar: “(...) de que modo o periódico constrói sua perspectiva histórica, propõe um diagnóstico da realidade social em um dado processo e conjuntura, como se posiciona no campo da memória social, isto é, de que forma e com que referências articula passado/presente/futuro” (CRUZ, 2007, p. 265).

Na memória política, os juízos de valor intervêm com mais insistência. O sujeito não se contenta em narrar como testemunha histórica "neutra". Ele quer também julgar, marcando bem o lado em que estava naquela altura da História, e reafirmando sua posição ou matizando-a (BOSI, 1997).

1.4 A IMPRENSA E O PODER

Paul Thompson (1999) alerta que o pesquisador deve hesitar em utilizar a imprensa como fonte histórica porque existem tendências editoriais que podem dar releituras distantes do acontecimento. Cabe ressaltar que no caso do uso dos jornais nessa condição, no entanto, não se pretendeu resgatar fatos históricos da sociedade

local, mas se valeu deles para sistematizar a formação da imprensa, apontar marcos do jornalismo, mapear veículos de comunicação e indicar suas características.

Se entende que a escrita era monopolizada por quem sabia ler, no caso quem integrava a elite nos estados de forma geral. A pequena burguesia de Boa Vista, formada por membros dos familiares de fazendeiros, comerciantes, militares e funcionários do governo, tinha interesse em preservar privilégios políticos, mantendo a população inculta distante do poder socioeconômico e político, vivendo na pobreza. Mas observa-se que apesar de serem donos e proprietários da maioria dos grandes veículos, a imprensa sempre se mostrou independente pois senão não se teria chance de nenhuma mudança na ordem social vigente e não se veria forma tão rápida, tentativas ainda que frágeis de se estruturar a economia de maneira democrática além de se investir nas estruturas de comunicação.

Para Marcondes Filho (1989), no entanto, o jornalismo conformista de consciências, produtor de “mentes mal-informadas”, é uma questão central neste debate. Entende-se que essa explicação é simplista, visto que na verdade, o próprio Ciro Marcondes Filho pode ser citado como integrante do “bloco hegemônico, por conta da clara hegemonia, no sentido gramscista, na produção cultural e na formação de mentes. Portanto, entende-se que ele acusa “o sistema hegemônico” do qual é parte. Outro dos exemplos é a dimensão do poder que teve Jean Paul Sartre. Ele praticamente moldou a cultura francesa à sua própria imagem, apesar de sempre ter se imposto como “contra hegemônico”.

Na concepção gramsciana, o bloco de poder abriga não apenas a classe que exerce a autoridade cultural, política e econômica, mas também segmentos da classe subordinada que demonstram que seus interesses são os mesmos do grupo dominante, naturalizando o que historicamente representa uma ideologia de classe, tornando-a uma forma de senso comum.

Para René Rémond (2003) a política é a atividade que se relaciona com a conquista, o exercício e a prática do poder. Os objetos da história política são todos aqueles relacionados pela noção de poder. Essa relação pode ser entre os Estados, sociedade e os meios de comunicação. Só é política a relação com o poder na sociedade global, aquela que constitui a totalidade dos indivíduos que habitam um espaço delimitado por fronteiras políticas.

Neste contexto, entende-se que a mídia tanto pode fazer parte do jogo político, aderindo o jogo dos poderosos, quanto pode manipular a informação, influenciando

os indivíduos ou até mesmo influenciando em mudanças sociais de modo geral a partir do que é publicado nos jornais.

Para explicar melhor essa questão, Perseu Abramo (2003), diz que a manipulação da informação é uma das principais características do jornalismo brasileiro na contemporaneidade, da qual decorre a cobertura limitada do complexo cotidiano nacional. Ao relacionar os métodos – que chamou de “padrões” – pelos quais a grande imprensa distorce o conteúdo, Abramo pretendeu demonstrar de que forma a realidade artificial construída pela mídia contradiz e muitas vezes se superpõe ao mundo real, comprometendo a possibilidade de efetiva apreensão. Mas a distorção nem sempre ocorre, e nem é praticada pela totalidade dos veículos (ABRAMO, 2003).

Mantidos por oligarquias empresariais e políticas, os veículos de comunicação regionais sofisticaram-se na forma, mas se mantêm conservadores na concepção do conteúdo. Neles predomina a visão hegemônica, que superficializa os acontecimentos, submetendo-os ao chamado “pensamento único”, em contraponto a um mundo cada vez mais complexo e plural.

Mas entende-se que apesar das críticas de Abramo e de Adorno, não faz sentido esperar que a grande imprensa se proponha a debater, a fundo, os problemas da região e a lutar contra a hegemonia do poder e a manipulação da informação. Porque o debate aberto, franco, aprofundado, levaria, naturalmente, à exposição de mazelas que a indústria midiática necessita ocultar em nome da ânsia de lucro.

A linha editorial dos periódicos locais conduz invariavelmente à conclusão de que os interesses de seus dirigentes são tratados como prioridade absoluta. Esses interesses, obviamente, estão sempre muito distantes do conceito de informação como bem social, ao qual todos podem ter acesso, indiscriminadamente.

A pluralidade de opiniões, que seria natural e desejável em um ambiente democrático, cede espaço ao que Nelson Werneck Sodré identifica como uma “impressionante uniformidade de posições”. Em introdução à edição de 1999 da obra *História da imprensa no Brasil*, o historiador constatou: “[...] No momento, por exemplo, todos os grandes jornais apoiam o neoliberalismo adotado pelo governo brasileiro, uns com mais veemência, com menos veemência outros” (SODRÉ, 1999, p. 16).

CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA E A CONSTRUÇÃO DA PESQUISA

Neste capítulo, apresenta-se a metodologia utilizada nesse estudo, a partir do objetivo geral de analisar a cobertura política em jornais roraimenses, tendo como objeto os jornais recuperados ao longo do trabalho de campo dessa pesquisa.

O extenso recorte temporal nos propiciou uma visão mais ampla e diacrônica sobre as publicações e ligações políticas nos jornais analisados, identificando as informações produzidas, analisando-as e avaliando a contribuição destas informações para compreender o problema levantado.

Posteriormente, incluiu o estudo do material encontrado, para se construir tabelas e assim obter subsídios para pensar o problema de pesquisa, realizar as construções teórico-metodológicas e refletir sobre as possíveis contribuições da pesquisa em curso para o campo da comunicação.

A definição mais precisa do problema-objeto investigado e dos aspectos da problemática foi se realizando à medida que progrediam outras frentes de trabalho construtivo, como tabelas com relação geral de jornais, relação de jornais encontrados por cada período, relação dos jornais que faltam ser encontrados e estudados, entre outras, além da pesquisa bibliográfica referente aos temas abordados no trabalho.

Considerando os períodos de origem dos jornais incluídos neste estudo, conforme mencionado anteriormente, nossa análise perpassa um período histórico de 81 anos, iniciado em 1907 e encerrado em 1988.

A pesquisa foi feita a partir de um recorte selecionado, desde o aparecimento do primeiro manuscrito até o fim do Território quando Roraima se tornou Estado. Segundo Bauer e Gaskell (2012), são pouco frequentes análises longitudinais sobre a política nos jornais impressos – tal como nos propusemos neste estudo. O autor ressalta que este tipo de trabalho pode estimular novos insights em pesquisas sobre o tema, oferecendo dados cronológicos que possibilitem uma análise mais ampla.

Entre os exemplos de estudos que podem ajudar a respaldar nossa escolha por esse recorte temporal, está o trabalho de José Marques de Melo (2009), que realizou uma análise de conteúdo em 12 jornais diários de São Paulo e Rio de Janeiro, durante uma semana, escolhida aleatoriamente em 1984. Já Luísa Massarani et al. (2005) realizaram um estudo de caso em sete jornais da América Latina utilizando como período de análise um mês (abril de 2004).

Também foi usada neste estudo a obra a História da Imprensa no Brasil, publicada pelo General do Exército reformado, Nelson Werneck Sodré (1999), uma pesquisa minuciosa e principal referência no estudo da atividade jornalística no Brasil, analisando a dependência econômica da imprensa em relação ao poder público de forma cronológica. Em História Cultural da Imprensa, Marialva Barbosa (2010), propõe uma narrativa fragmentada, baseada no conceito de sistemas de comunicação de Robert Darnton, remontando às ações narrativas daqueles que viveram este período, estudando não apenas as publicações nos jornais, mas também dos agentes e do público-alvo envolvidos.

Finalizando o jornalismo regional, destacam-se os trabalhos na região Norte, em Tocantins, de Ruy Bucar, e no Amapá o de Abinoan Santiago. Além de manter-se um período de análise mais curto, também se verifica os jornais encontrados de forma integral, independentes dos cadernos e, dessa forma, o universo da pesquisa se constituiu de todas as edições dos jornais que estavam disponíveis para consulta e foram encontrados e digitalizados durante a pesquisa de campo.

Esse tipo de recorte da pesquisa é categorizado por Álvaro Pires (2012) como uma “estrutura fechada”, identificado como aquele caso em que é impossível ao pesquisador verificar todo o seu universo, sendo necessário retirar dele uma amostra bem definida. Jiani Bonin (2011) categoriza esse procedimento de recorte do universo como ação de uma pesquisa exploratória que, além da aproximação com o objeto empírico em questão, também está relacionado ao levantamento de dados sobre o objeto ou problema da pesquisa.

Bonin (2011) afirma que o método exploratório traz várias contribuições à construção de uma pesquisa, seja pelas pistas que evidencia no processo de conhecimento do objeto empírico, seja por auxiliar na construção da amostra ou do corpus da pesquisa que mostrará o cenário da cobertura dos jornais impressos roraimenses sobre temas políticos, identificando as informações produzidas pelos jornais, avaliando a contribuição destas informações para compreender o entrelaçamento existente entre o jornalismo e a política nesses períodos.

As etapas metodológicas do estudo são a pesquisa bibliográfica, o mapeamento dos jornais impressos e a posterior análise do conteúdo do material coletado, tentando identificar que tipo de ligações esses jornais e jornalistas tinham com o poder e a política durante o período em que existiram.

A pesquisa bibliográfica é associada a uma pesquisa exploratória conduzida para facilitar a seleção e delimitação do tema, do propósito e desenvolvimento do marco teórico, visto que a pesquisa exploratória possibilita conhecer mais detalhadamente o problema a ser investigado, tornando-se mais fácil conhecer fatos e fenômenos relacionados ao objeto investigado, de forma a recuperar as informações colhidas e possibilitando esclarecimentos de uma situação para a tomada de consciência (GIL, 2017).

Escolheu-se a pesquisa exploratória por ser apropriada para questões que se tem pouco conhecimento, tendo como objetivo geral o descobrimento de ideias e a busca de esclarecimento de conceitos, além de uma melhor definição do problema a ser estudado. Em função de se ter pouco conhecimento quando se inicia a pesquisa, os estudos exploratórios são caracterizados pela flexibilidade em relação aos métodos usados para a obtenção de intuições e desenvolvimento de hipóteses. Sobre isso, Gil (2017, p 35) afirma que "boa parte dos estudos exploratórios pode ser definida como pesquisa bibliográfica."

Assim, as pesquisas bibliográficas exploratórias buscam oferecer uma visão preliminar sobre um determinado fenômeno, constituindo-se na primeira fase de uma investigação mais profunda.

Optou-se por uma abordagem qualitativo-quantitativa, conduzida por um raciocínio indutivo e estruturada a partir desse mapeamento dos jornais da época, feito em cerca de 30 jornais que teriam registro de passagem pela vila de Boa Vista e pelo Território de Roraima e tiveram cópias recuperadas nas pesquisas de campo, informando sobre a história de cada um dos jornais, quando surgiram e quando fecharam as portas e a quem estavam ligados politicamente.

Para analisar da forma mais eficaz o tema, fez-se em primeiro lugar (1) um levantamento dos jornais que passaram pelo estado de Roraima desde o recorte temporal delimitado, a partir de bibliografia e pesquisa de campo em bibliotecas e acervos visitados. Apesar de toda a problemática teórica e conceitual envolvendo este tipo de estudo catalográfico, assumiu-se como parte da metodologia de pesquisa que todas as informações relativas aos jornais encontrados fariam parte do levantamento.

As informações foram refinadas de acordo com os conceitos assumidos no quadro teórico (2). A partir dessa primeira etapa, que concerne sobretudo ao mapeamento e registro físico de material disponível, entende-se fundamental o

detalhamento prévio daquilo que pode ser encontrado e, principalmente, dados cientificamente relevantes sobre os jornais e de cada período em que existiram.

Para atingir o objetivo de desenvolver a parte teórica que subsidiou o trabalho, um esforço significativo foi empregado no levantamento bibliográfico a respeito da construção de catálogos e, sobretudo, preservação de memórias e construção de patrimônios (MARCONI e LAKATOS, 2012).

Para este fim, foram consultadas obras que dizem respeito à produção da imprensa no Brasil e na Amazônia, e, de uma forma mais genérica, obras capazes de gerar um estudo mais concreto sobre a utilização coletiva da memória e formação de lugares de memória (LE GOFF, 2010), bem como concernentes à historiografia amazônica e, em particular, de Roraima.

Por fim, a última etapa diz respeito à viabilização concreta e ampla do material catalogado, por meio da descrição de cada um dos jornais e suas principais características. Essa busca pela descrição cuidadosa de cada um dos jornais, buscou perceber ainda a que grupos estão vinculados, na medida em que:

[é importante] identificar cuidadosamente o grupo responsável pela linha editorial, estabelecer os colaboradores mais assíduos, atentar para a escolha do título e para os textos programáticos, que dão conta de intenções e expectativas, além de fornecer pistas a respeito da leitura de passado e de futuro compartilhada por seus propugnadores. Igualmente importante é inquirir sobre suas ligações cotidianas com diferentes poderes e interesses financeiros, aí incluídos os de caráter publicitário. Ou seja, à análise da materialidade e do conteúdo, é preciso acrescentar aspectos nem sempre imediata e necessariamente patentes nas páginas desses impressos. (LUCA, 2005, p 140).

2.1 O PROTOCOLO E SUAS CATEGORIAS

O corpus foi analisado por meio de análise de conteúdo, que Bauer e Gaskell (2012) afirmam ser uma técnica híbrida que ajuda no processo de compreensão da complexidade de um conjunto de textos, implicando (muitas vezes) em um tratamento estatístico deles. Os autores ressaltam ainda que muitas análises dessa natureza enfocam nos tipos, qualidades e distinções dos textos, de modo que a análise do material se torna uma ponte entre o formalismo estatístico e um estudo qualitativo. Isso está em sintonia com os textos dos jornais analisados nesta dissertação, pois eles reproduzem e representam ações dos atores envolvidos tanto na imprensa como na política de Roraima.

Para o desenvolvimento do protocolo que utilizamos nesta dissertação, tomamos por base o instrumento desenvolvido pela Rede Ibero-Americana de Monitoramento e Capacitação em Jornalismo Científico, adaptado para o objeto e os interesses deste estudo em particular.

A partir desse protocolo, registramos e sistematizamos várias características dos textos, desde informações estruturais e de formato físico, até questões temáticas e mais detalhadas no que se refere ao contexto, em concordância com Bauer e Gaskell (2012), quando afirmam que a análise de conteúdo possibilita o estudo das dimensões sintática (voltada para a forma) e semântica (voltada para o sentido). Numa segunda etapa, se fez o estudo dos textos políticos a partir do mapeamento dos jornais disponíveis, subentendendo-se que a leitura de um jornal distante no tempo é capaz de revelar uma série de características de um contexto mais amplo no qual este mesmo jornal atuou.

QUADRO 2 – Síntese das categorias do protocolo de análise utilizado na pesquisa

Características gerais	Nome do jornal
	Título do texto
	Período de Existência
	Quantidade de matérias políticas
Relevância	Localização no jornal (em páginas)
	Indicação se teve chamada na primeira página
	Indicação se foi manchete do jornal
	Indicação sobre político citado

Fonte: Adaptação do quadro apresentado por Ramalho et al. (2012)

2.2 MAPEAMENTO DOS JORNAIS PESQUISADOS

Existem no Brasil e especificamente na região Norte, poucos mapeamentos que apontem dados estatísticos sobre o jornalismo impresso e praticamente quase nada relacionado ao jornalismo de Roraima. Ao usar o principal buscador da internet (Google) e utilizar palavras como “mapeamento”, “jornais impressos” “Amazônia”, “Roraima”, como chave para as buscas, foi possível encontrar poucos modelos de trabalhos realmente expressivos. Entre essas obras, está o livro “Rios de Palavras” do professor Luís Munaro (MUNARO, 2017).

Os mapeamentos são valiosos instrumentos tanto para aferir a expansão do jornalismo em uma determinada região quanto para verificar a fase em que se

encontram, ajudando o pesquisador a compreender as realidades encontradas no seu objeto de estudo (SOARES, 2015).

A coleta de dados foi feita em 2019 até o período da qualificação e foi intensificada em 2020/21, sendo realizada em acervos públicos e particulares e em outros trabalhos produzidos sobre o tema. Infelizmente, por conta da pandemia, vários acervos deixaram de ser visitados e muitas histórias deixaram de ser contadas devido à dificuldade de acesso aos jornais. A morte por Covid de possíveis entrevistados e de jornalistas que atuaram nesses periódicos, além do distanciamento social e do fato da maioria das pessoas não receberem visitas prejudicou o andamento do trabalho.

Dos 48 jornais mapeados, seja através do contato direto em acervos ou indireto via trabalhos historiográficos, foram selecionados 27 que passaram no período de 81 anos por Roraima, com cópias de 25 até o momento, alguns até mesmo que não constavam em nenhum tipo de referencial teórico sobre a imprensa de Roraima, como é o caso do manuscrito “Escova” e do “Bemtivi” recuperados e digitalizados para constar nesse trabalho.

Em seguida, foram selecionados e tabelados cada um dos jornais identificando seus eixos temáticos a partir das matérias existentes nos exemplares encontrados. A realização desta prática metodológica envolveu o estudo do material encontrado que serviu de base para a construção de tabelas que deram uma noção clara do caminho a ser percorrer para se responder ao problema de pesquisa. Elas ajudaram também, junto com as construções teórico-metodológicas a refletir sobre as possíveis contribuições da pesquisa ao campo da comunicação no Estado de Roraima.

Por fim, a última etapa do trabalho corresponde à viabilização concreta e ampla do material catalogado, e da análise de conteúdo com elenco e descrição de suas principais características. Os dados mais relevantes extraídos do material foram: Nome dos jornais, período de existência, quantidade de matérias políticas e, num momento posterior, a análise do conteúdo das matérias existentes nos exemplares encontrados.

O estudo não deixará de levar em conta cuidados adicionais, já que muitas vezes, nos jornais, a função autoral se encontra ensombrecida pelos pressupostos profissionais de linguagem neutra ou imparcial. Ou então, numa teoria que se tornou cara à profissão no século XIX, a de que o jornalista, despido da vaidade profissional, pudesse se tornar um espelho da realidade vivida. Tais problemas já são bastante conhecidos da historiografia e devem ser superados pela identificação cuidadosa dos

grupos responsáveis pela linha editorial, colaboradores assíduos e outros elementos que tornem possível analisar os mecanismos particulares de construção textual utilizados pelos jornalistas.

Como lembra Tânia Regina de Luca, sobre o estudo histórico de fontes jornalísticas, é importante atentar para a escolha do título e para os textos programáticos, que dão conta de intenções e expectativas, além de fornecer pistas a respeito da leitura de passado e de futuro compartilhada por seus propugnadores. Igualmente importante é inquirir sobre suas ligações cotidianas com diferentes poderes e interesses financeiros, aí incluídos os de caráter publicitário. Ou seja, à análise da materialidade e do conteúdo, é preciso acrescentar aspectos nem sempre imediata e necessariamente patentes nas páginas desses impressos (LUCA, 2005).

Importa lembrar ainda que a construção da história da imprensa segue o mesmo processo utilizado para a escrita da história, competindo ao historiador, inclusive, perguntar pelos silêncios e identificar o que não foi dito, bem como as razões deste não-dito.

Ao falar sobre a história da imprensa escrita em Roraima, torna-se possível levantar a hipótese das razões dos silêncios sobre este objeto de estudo. Numa divisão didático-metodológica preliminar, inicialmente pode-se pensar a história da imprensa em cinco períodos que não são isolados nem finitos em si mesmos, mas que se inter-relacionam, influenciando-se e contribuindo para a construção do atual cenário da imprensa escrita em Roraima.

TABELA 2 – Jornais mapeados em Roraima em 113 anos

MUNICÍPIO DE BOA VISTA DO RIO BRANCO (10 jornais)		
O Caniço	1907	1907
Tacutu	1907	1907
A Escova	1907	1907
O Bem-te-vi	1910	1910
Rio Branco	1914	1914
Jornal do Rio Branco	1916	1917
O Rio Branco	1918	1918
O Carvão	SD	SD
O Sabiá	SD	SD
O Graveto	SD	SD
TERRITÓRIO FEDERAL DO RIO BRANCO (17 JORNAIS)		
O Boa Vista	1948	1963
O Átomo	1953	1956
O Combate	1945	1946
Resistência	1954	1954
O Debate	1956	1957
A Tarde	1937	1964
A Tribuna do Norte	1967	1970
Jornal Boa Vista	1973	1983
O Roraima	1976	1987
Tribuna de Mucajaí	1976	1976
O Observador	1978	1980
Folha de Roraima	1980	1982
Tribuna de Roraima	1986	1988
Gazeta de Roraima	1981	1992
A Crítica de Roraima	1986	1990
O Diário de Roraima	1987	1995
O Jornal	1988	1990
ESTADO DE RORAIMA (21 JORNAIS)		
O Estado de Roraima	1989	1993
Jornal de Roraima	1990	1995
Diário de Roraima	1991	1994
O Povo – e a cidade	1991	1994
Correio Roraimense	1993	SD
O Caburai	1993	1996
O Editorial- o arauto dos municípios	1993	SD
Correio Agrícola	1994	SD
O Diário	1995	2000
Povo – Comunicação Popular	1996	SD
Vira Volta- Comunicação popular	1996	2006
Brasil Norte	1997	2007
Jornal Roraima Hoje	1997	1998
Tribuna do estado de Roraima	2000	SD
Correio de Roraima	2001	SD
Roraima Hoje	2006	2014
Povo de Roraima	2006	2006
Monte Roraima	2007	2014
Jornal da Fronteira	2008	2013
Roraima Agora	2010	2014
Roraima em tempo	2012	2015

Fonte: Própria Autoria

CAPÍTULO 3 – A HISTÓRIA DOS JORNAIS IMPRESSOS EM RORAIMA

3.1 O MUNICÍPIO DE BOA VISTA DO RIO BRANCO

A análise do processo histórico dos jornais, revelou outros olhares teórico-metodológicos e evidenciou diferentes situações sociais e culturais, desde o início do século XX, como Município de Boa Vista, pertencente ao Estado do Amazonas, até a criação do Estado Federado em 1988. Ou seja, uma análise histórica das notícias veiculadas na região, no contexto da Primeira República ou República Velha (1889-1930), com a política e o poder sociocultural na figura do coronel, até a instauração do Brasil Democrático em 1988.

O recorte temporal do trabalho apresentou o período do estudo dividido em dois momentos históricos: 1907-1943, que foi a fase de Município de Boa Vista do Rio Branco, pertencente ao Estado do Amazonas. 1943-1988, que foi a fase de Território Federal até a promulgação da Constituição Federal de 1988, criando o Estado Federado de Roraima.

Tudo começou em 1830, quando foi fundada uma fazenda articular, de gado bovino, a qual o fundador Inácio Lopes de Magalhães, um dos pioneiros, deu o nome de Boa Vista. A historiografia revelou que em 1858, por Lei da Província Imperial do Amazonas, foi estabelecida a sede da Freguesia de Nossa Senhora do Carmo, localizada acima das cachoeiras do rio Branco. Assim, a sede da povoação paroquiana (Freguesia) foi instalada no possível lugar de aglomerado de casas ao redor da Fazenda Boa Vista, fundada em 1830 (OLIVEIRA, 2003).

Em 1890, com o Brasil República, a referida Freguesia foi elevada à categoria de vila e sede do Município de Boa Vista do Rio Branco, tornando-se capital do Território Federal do Rio Branco em 1943, com a denominação de Boa Vista. A criação se deu por decreto do então governador do Amazonas, Augusto Ximeno de Ville Roy, que transforma a freguesia de Nossa Senhora do Carmo em município de Boa Vista do Rio Branco tendo como primeiro prefeito o senhor João Capistrano da Silva, em 25 de julho de 1890 (FERRI, 1990).

A mídia roraimense teria tido seu início com o aparecimento em 1907 do primeiro manuscrito a circular pelo município de Boa Vista do Rio Branco. Nesse período, Boa Vista pertencia ao município de Barcelos, no Estado do Amazonas. A lei provincial no 92 de 1858 encontrada no Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas

já fazia referência a freguesia do Carmo como existente "acima das cachoeiras do rio Branco, no lugar denominado Boa Vista".

Os primeiros registros demonstram que o local era uma vila agropecuária com cerca de 160 casas e mais ou menos 1300 habitantes brancos, mamelucos e índios. Um ano mais tarde, começava a ocupação fundiária no Vale do Rio Branco, sendo a maioria de famílias vindas do nordeste brasileiro. Mesmo o local já tendo sido percorrido por várias expedições científicas ou em busca de riquezas da Amazônia, entende-se das leituras feitas sobre esse período que existia em Boa Vista apenas um pequeno núcleo populacional implantado as margens do rio Branco, que mereceria pouca ou nenhuma atenção dos poderes governamentais (FARAGE, 1991).

Apesar de ter poucas pessoas morando no local e não ter ligação com o restante do país, o povoado de Boa Vista ainda subsistia de forma estável, possuindo até energia elétrica. As casas eram simples, de pau-a-pique, construídas através dos recursos então mais fáceis de encontrar na região e até hoje comuns em algumas das ruas da cidade. Segundo D. Pedro Eggerath, em 1920 a cidade se organizava às margens do Rio Boa Vista, ao redor da Igreja de Nossa Senhora do Carmo, que constituía então o centro da cidade, ajudando a demonstrar o poder exercido pelo clero local (VERAS, 2009).

Com base em Souza (1979), podemos afirmar que o processo formal de educação em Boa Vista se iniciou com a instalação da primeira escola, por força do Sargento do Exército João Capistrano da Silva Mota. Desde o fim do século XIX, o Governo do Amazonas passou a designar os primeiros professores, dentre os quais destacamos: Rosa Bamberg, Diomedes Pinto Souto Maior, Sátira Tapajós, Ana Libéria, Rogaciano Franco, dentre outros.

Inicialmente, os professores lecionavam em suas próprias residências. No ano de 1920, com a chegada das freiras, foi construído um prédio ligado à Prelazia do Rio Branco que depois passou a ser a Escola de São José, existente até os dias atuais. O centro comercial mais próximo do Vale do Rio Branco, à época, era Manaus, tanto para a compra de gêneros para abastecer o mercado local, como para a venda de seus produtos, no caso, o gado.

Conforme Freitas (2001), entre 1943 e 1964, as nomeações dos governadores para a administração do Território eram feitas por políticos alheios ao Território Federal do Rio Branco. Isso causava uma grande rotatividade de gestores públicos.

O que comprovou que esse tipo de apadrinhamento político não beneficiava as políticas previstas para o desenvolvimento e ocupação deste Ente.

A título de exemplo, podemos citar os nomes do Senador Vitorino Freire, do Maranhão, e, depois, o ex-governador do Território Félix Valois de Araújo, que tiveram grande influência na indicação dos governadores do Território do Rio Branco. As legislaturas no Território Federal se sucediam ao sabor dos interesses desses chefes políticos e da disposição dos apadrinhados.

O reflexo de tal política era a presença de legisladores totalmente alheios à realidade do Rio Branco. Segundo Magalhães (1986), esta situação prevaleceu até 1964, ano de instalação do regime militar. Comenta Freitas (2001) que depois da criação do Território Federal do Rio Branco em 1943, esta região passou a ter um melhor tratamento, uma vez que as decisões políticas e administrativas passaram a ser resolvidas diretamente com o Governo Federal.

Nessa pesquisa se encontrou um censo feito pelo Serviço Geográfico do IBGE, entre o século IX e 1940 onde constavam 12.130 habitantes nesse local, sendo que 95% dessa população vivia na capital Boa Vista. Dessa população, 19% eram menores de 5 anos e 53% tinham a cor parda. O que se entende é que se trata de visões em fragmentos e que apesar de se contradizerem, fazem notar ainda que de forma vaga, como era a vila de Boa Vista nesse período até a metade do século XX.

Quando o Vale do Rio Branco foi desmembrado do estado do Amazonas, em setembro de 1943, era uma região isolada e carente, cuja população tinha de conviver com sérios problemas de saúde, educação, segurança, carestia de gêneros de primeira necessidade. Como o Rio Branco era a única via de ligação com o restante do país, era comum esta região passar boa parte do ano praticamente isolada.

O IBGE cita, no documento sobre o Censo, que as condições de vida eram precárias no rio Branco e os habitantes lutavam contra toda sorte de obstáculos, desde imensas distâncias, até doenças que matavam cedo os moradores, como consta em alguns dos jornais do período. Diz o documento que:

Estudiosos da vida local chegam a afirmar que naquela época, os habitantes do Território eram doentes. Um inquérito local revelou que quase não havia pessoas sadias. Inúmeras doenças atacavam a população que vivia em casas desprovidas de quaisquer requisitos de higiene. O impaludismo, verminose, tuberculose eram responsáveis pelo estado de depauperamento em que vivia o habitante da região, incapacitando-o para o trabalho, fato este ao qual também se aliava o elevado custo da alimentação, que fazia do habitante da região um subnutrido (IBGE, 1954, p 26).

Após esta breve exposição da situação do Rio Branco no início da década de 1940, convém partir para as informações sobre a imprensa e a comunicação nesse período e falar um pouco sobre os que enfrentavam todas essas intempéries em busca de divulgar o que ocorria no município de Boa Vista do Rio Branco.

3.2 OS JORNAIS DO RIO BRANCO, DO MANUSCRITO AO IMPRESSO

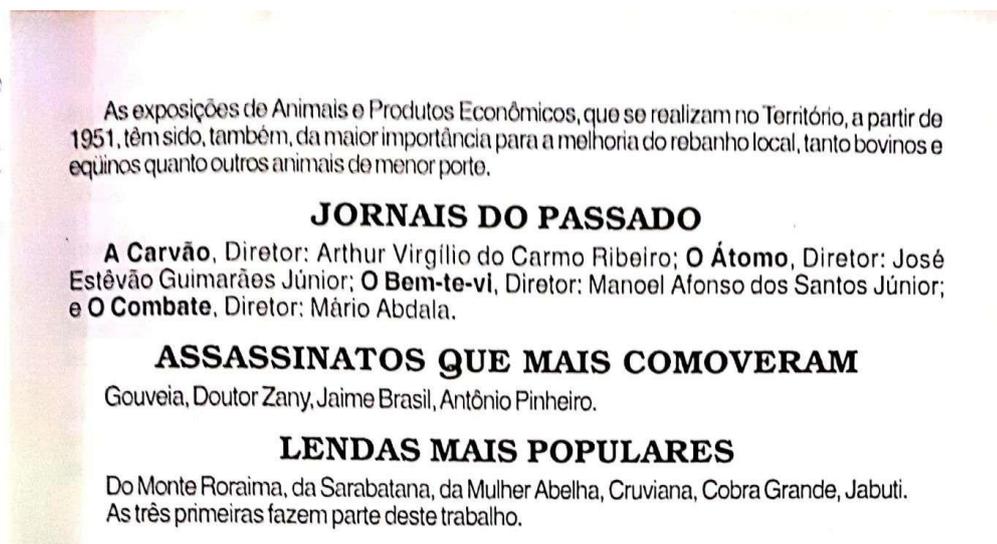
Ao historiar sobre a imprensa em Roraima é importante destacar três momentos: O primeiro quando o Rio Branco é município pertencente ao Estado do Amazonas, o segundo momento é a criação do Território de Roraima em 1943 e da criação da Imprensa Oficial; e o último período com a criação do Estado de Roraima, em 1988.

Quando o município de Boa Vista do rio Branco era parte do Amazonas, antes de se tornar um território federal, período que compreende os anos de 1900 a 1947, a maioria dos jornais que circulavam vinha do Amazonas. Ao longo desse período, poucos desses periódicos foram editados em Boa Vista, e a grande maioria teve vida efêmera e circulação esporádica, por conta do contexto histórico e sociocultural, cultuante da oralidade, eles não conseguiram seduzir grande parte da sociedade de Roraima, composta por indígenas e não indígenas mestiços.

Os primeiros jornais eram feitos de forma manuscrita e foram registrados os seguintes exemplares: O Caniço, O Tacutu, A Escova, cujos exemplares foram encontrados durante a pesquisa in loco feita em bibliotecas públicas do Amazonas e de Roraima e em coleções particulares, e em seguida veio O Bemtivi, que era feito de forma rudimentar e impresso no Amazonas.

Os outros jornais, O graveto, O Sabiá e o Carvão, que foram citados nos livros "A Imprensa Escrita em Roraima - Uma Questão de Ética", escrito por Rodrigues (1996), e "Raposa Serra do Sol: Demarcação Territorial", de Jupira Joaquim (2003), além do livro do Dorval Magalhães sobre os primeiros jornais de Roraima, não foram encontrados exemplares nas pesquisas feitas para esta dissertação.

FIGURA 01 – Página do livro ‘Informações históricas’ de Dorval Magalhães, 1986



Fonte: Biblioteca Pública de Roraima

Os manuscritos foram um recurso local importante para compensar a ausência de máquinas tipográficas nos municípios ligados ao Estado do Amazonas e em Roraima, mas esses jornais eram esporádicos e alguns tiveram apenas uma edição, conforme o estudo “Cem Anos de Imprensa no Amazonas (1851 – 1950)” elaborado por Santos (1990).

A segunda fase já é marcada por jornal rodado em oficina tipográfica; e, em 1910 há o registro dos jornais impressos, Rio Branco (1914), Jornal do Rio Branco (1916-1918) e O Rio Branco (1918). Cabe ao Rio Branco, “Jornal Independente”, de propriedade de Diomedes P. Souto Maior, pioneiro da imprensa roraimense junto com os beneditinos, que além de educador, atuava como escritor de jornais, o título de primeiro jornal impresso de Boa Vista, surgido quando a pequena vila Boa Vista do Rio Branco pertencia ao município de Barcelos, no Estado do Amazonas. A capital de Roraima recebeu como primeiro nome o de Vila de Boa Vista do Rio Branco (RODRIGUES, 1996).

O Jornal do Rio Branco foi o segundo jornal tipográfico e marcou a participação dos missionários na produção impressa no Rio Branco, desde a impressão que era feita nas oficinas dos beneditinos até a participação da equipe editorial (JUPIRA, 2003). Depois o Rio Branco teria voltado com outros diretores e nome, passando a se chamar “O Rio Branco”, mudando a diagramação e deixando alguns exemplares para serem estudados em bibliotecas do Amazonas.

De 1919 até 1947, os periódicos deixam de circular na vila de Boa Vista, em virtude de questões políticas e financeiras, segundo informações registradas pelos historiados do período. Naquela época, em 1920, a maioria dos habitantes da vila não eram letrados, o que tornava mais precária a circulação de jornais (MUNARO, 2017).

No estudo feito nesse período, percebeu-se que a consolidação do jornalismo em Roraima aconteceu a partir da dinamização da vida social na vila, com a expansão do cultivo de gado voltado para o fornecimento de carne para a pujante cidade de Manaus. Além disso, interesse das autoridades e políticos que residiam em divulgar suas ações e posses, além do comércio que exerciam e os problemas que enfrentavam para o crescimento da vila do rio Branco.

No começo do século XX, apesar do esforço dos missionários beneditinos, a cultura letrada ainda era apreciada pelo pequeno grupo da elite local, com vínculos familiares na fazenda de gado, ou no comércio, ou no Forte. Em um momento posterior, foi preservada pelos familiares de funcionários da Prefeitura, Delegacia e outros órgãos criados para estruturação do antigo Município de Boa Vista e depois do Território Federal.

Pode-se destacar por enquanto, a existência e a história de 10 jornais, com seu surgimento e término na Vila do Rio Branco. Houve um lapso de tempo de quase 30 anos até a imprensa de esse período voltar a ser ativa e apenas em 1948, surgiu o jornal Boa Vista, de edição semanal e propriedade do governo. Ele era mimeografado juntamente com o Diário Oficial do governo, e a partir de 1951, com a compra da impressora manual tipográfica, passou a ser o primeiro jornal tipográfico do estado, deixando de circular em 1958.

TABELA 3 –Jornais que passaram pelo município de Boa Vista do Rio Branco

MUNICÍPIO DE BOA VISTA DO RIO BRANCO (10 jornais)		
O Caniço	1907	1907
Tacutu	1907	1907
A Escova	1907	1907
O Bem-te-vi	1910	1910
Rio Branco	1914	1914
Jornal do Rio Branco	1916	1917
O Rio Branco	1918	1918
O Carvão	SD	SD
O Sabiá	SD	SD
O Graveto	SD	SD

Fonte: Própria

3.2.1 O CANIÇO (1907)

TÍTULO:	O CANIÇO (1907)
Subtítulo	Sem subtítulo
Formato:	22X32 cm, 4 páginas, 2 colunas, 1 caderno
Periodicidade:	Quinzenal
Lugar de Publicação:	Rio Uraricuera - Roraima
Diretor:	Uma empresa
Redator-chefe:	Passarinho
Colaborador:	J. Justo
Ligação Política:	Coronel Bento Brasil
Observações:	Jornal Manuscrito que circulou na Vila Boa Vista. No acervo do IGHA encontramos o de nº 10 de 1907. Uma cópia desse número também foi encontrada no acervo do Museu de Roraima, localizado no Parque Anauá, em Boa Vista, na capital de Roraima

Fonte: Adaptação do quadro apresentado por Freire (1990)

O Caniço, primeiro destes jornais a se ter notícia de circulação no Rio Branco, foi elaborado com letras desenhadas sobre quatro folhas de papel almaço, publicado a cada quinze dias, numa tiragem de 50 exemplares. Seu redator-chefe, conhecido como Passarinho, e seu único repórter, um cidadão de nome J. Justo, eram os responsáveis tanto pela confecção quanto pela distribuição dos exemplares, conforme consta no livro '100 anos da imprensa no Amazonas'.

Além de apurarem as novidades, os dois também seriam jornaleiros e se encarregavam de levar os exemplares de canoa para distribuírem nas casas. O periódico teria circulado por um período de 2 anos, segundo Rodrigues (1996) embora não tenha conseguido manter sempre a periodicidade. No entanto existe uma informação contraditória no livro 'A Imprensa no Amazonas', escrito em 1908, e publicado em primeira edição (1987) pela Editora Ana Cássia Ltda e, numa segunda edição (1990), pela Editora Umberto Calderaro, onde consta que "o primeiro e único número é de 15 de junho de 1907".

O exemplar nº10 do Caniço foi encontrado durante minha pesquisa no museu de Roraima que hoje funciona no prédio do IACT, no Parque Anauá, após exaustivas buscas no acervo do local. No conteúdo do exemplar analisado, nota-se que as letras do manuscrito são caprichosamente desenhadas sobre quatro folhas de papel almaço, firmes e redondas, feitas com caneta-tinteiro, todas padronizadas, que mais parecem carimbo.

Munaro e Zouein (2014) sugerem que o manuscrito Caniço representa uma versão bastante embrionária da imprensa local e ajudava na manutenção de um

círculo de poder local, capaz de evidenciar os aspectos positivos de um político (*pride gossip*) e afastar os concorrentes via fofoca negativa (*blame gossip*):

O estilo gráfico imortalizado nas marcas textuais revela outras características peculiares dando novas pistas sobre os processos produtivos. A letra regular e cuidadosamente desenhada do número 10 de O Caniço e, o mais importante, sem qualquer rasura, o que era incomum nos manuscritos, indica que aquele número foi recopiado, retirando-se dele as possíveis incorreções (MUNARO; ZOUJIN, 2014)

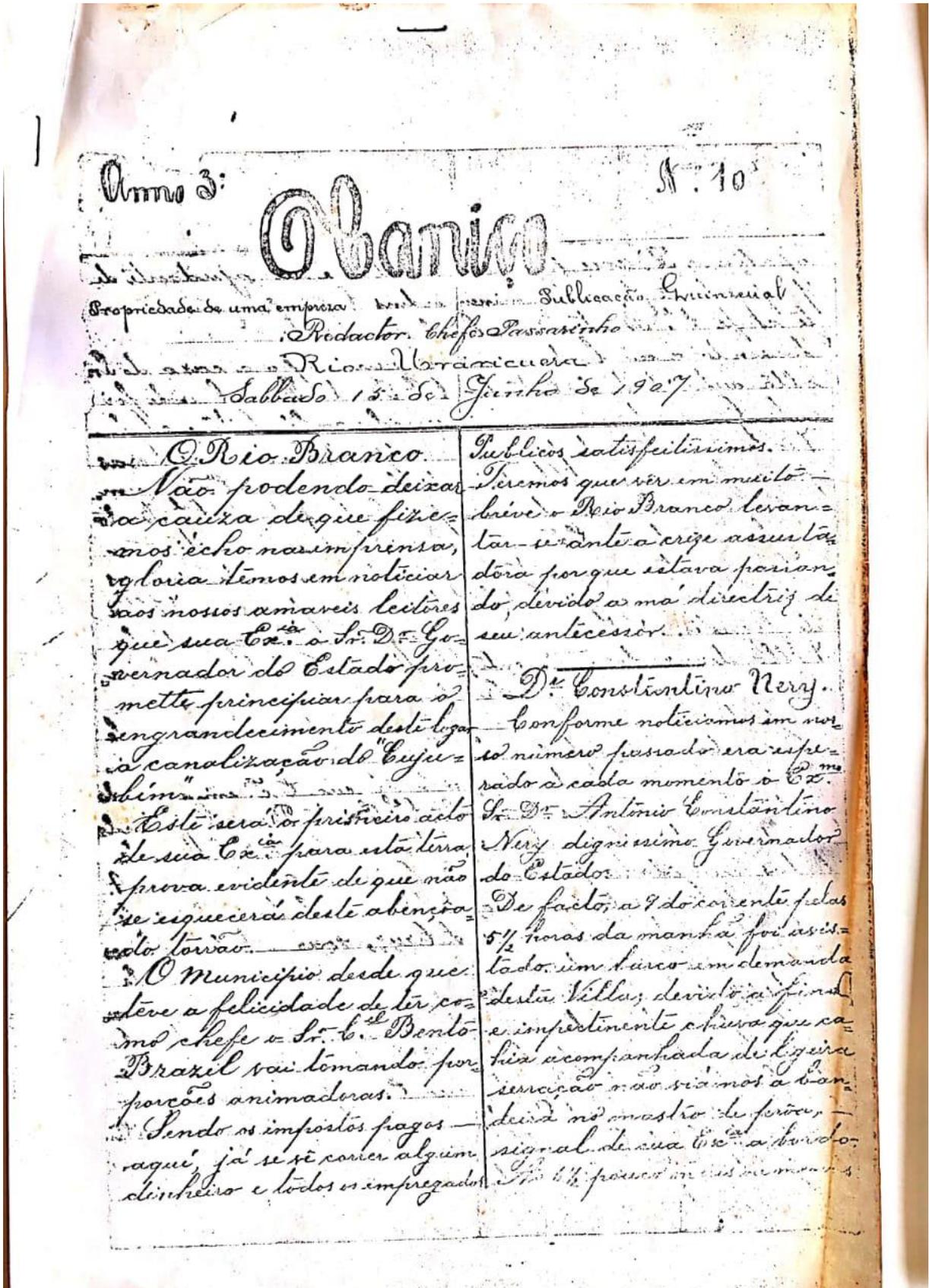
Do ponto de vista do conteúdo, O Caniço tanto elogiava os políticos considerados amigos quanto criticava os adversários. Munaro (2017) explica bem essa tendência quando fala que todo o pequeno município amazônico tem um coronel e um jornal e tanto o jornal, como aquele 'coronel' que nele se pronuncia, tentava se mostrar como uma força moderna e progressista fazendo do elogio a sua liderança local, um hábito nas páginas do referido manuscrito, o que no caso do O Caniço, era o coronel Bento Brasil.

No que diz respeito aos jornais amazônicos, constituem apenas um retrato da vida política dos rios, da tentativa de estabelecer entrepostos, firmar poderes e determinar autoridades, e refletiam também nas entrelinhas, a composição social dos vilarejos. Estas referências podem ser confirmadas nas publicações sobre as "chegadas e partidas", "visitas ilustres à redação", participações em festas, nomeações políticas etc.

Munaro (2017) sugere que o jornal interiorano, em geral, era um instrumento desse coronelismo e da luta pelo espaço no aparelho administrativo:

As elites recentemente constituídas reclamavam o seu lugar no cenário político regional, argumentando a contribuição das suas atividades para a vida econômica brasileira. Ao mesmo tempo, buscavam reforçar o seu poder e prestígio no cenário local através da palavra letrada. (...) Os fatos apareciam diretamente vinculados ao nome de alguma autoridade e à curiosidade gerada por aquilo que pode ser chamado de "*blame gossip*" ou fofoca danosa. Um exemplo disso é aquilo que é apresentado constantemente como a vida dissoluta da autoridade, seu caráter repugnante e sua moral combalida (MUNARO, 2017 p 270 a 292).

FIGURA 2 - Capa do Jornal O Caniço, edição nº 10 de 15 de junho de 1907



Jornal Caniço, 1907. 774 X 1032, cor: tons de cinza (com a ação do tempo a cor ficou sépia, Fotografia retirada do exemplar encontrado no Museu de Roraima

3.2.2 O TACUTU (1907)

TÍTULO:	O TACUTU (1907)
Subtítulo	Sem subtítulo
Formato:	22X32 cm, 4 páginas, 2 colunas, 1 caderno
Periodicidade:	Mensal
Lugar de Publicação:	Rio Branco - Roraima
Diretor:	E-Bion
Redator-chefe:	-
Colaborador:	-
Ligação Política:	Coronel Bento Brasil
Observações:	Jornal Manuscrito que circulou no rio Branco em Roraima. O 1º número é de 1º de março de 1907 e o último número, o 2º, é de abril do mesmo ano, segundo o livro "100 anos da imprensa no Amazonas". Uma cópia do exemplar número 1, de março de 1907, pode ser encontrada no acervo do Museu de Roraima

Fonte: Adaptação do quadro apresentado por Freire (1990)

O segundo jornal manuscrito, intitulado Tacutu, surgido em março de 1907, possuía periodicidade mensal. Não foram deixados dados de seus editores e nem de sua linha editorial disponíveis em publicações consultadas, e nem no exemplar recuperado no Museu de Roraima, apenas o que consta é que seu diretor assinava como E-Bion. Seu fechamento aconteceu no intervalo de trinta dias, tendo ficado registro de apenas duas edições.

Sua primeira edição saiu em março de 1907 e em abril do mesmo ano circulou o seu último exemplar, segundo informações constantes no catálogo '100 anos da imprensa no Amazonas' feito em 1990, que reuniu informações sobre todos os jornais do período que circularam pelo Estado do Amazonas e seus municípios.

Não se sabe as razões do curto período de existência do panfleto, mas, nesse período, os manuscritos tendiam a um desaparecimento rápido e as folhas manuscritas não passaram de um único número, visto que a maioria era escrita de forma experimental e era produzida e consumida em um espaço restrito falando apenas do cotidiano local ou fazendo intriga sobre a vida das autoridades (FARIA E SOUZA, 1908).

No Tacutu, que muito elogiou as autoridades e personalidades da época, conforme se observa na análise do exemplar encontrado durante a pesquisa, deviam existir interesses específicos e particulares dos políticos locais para a criação e fim, não tendo encontrado reconhecimento e legitimidade para manutenção de sua existência.

3.2.3 A ESCOVA

TÍTULO:	A ESCOVA (1910)
Subtítulo	Sem subtítulo
Formato:	22X32 cm, 4 páginas, 2 e 3 colunas, 1 caderno
Periodicidade:	Mensal
Lugar de Publicação:	Rio Branco - Roraima
Diretor:	Não consta
Redator-chefe:	O Engraxate
Colaborador:	O Vigia
Ligação Política:	Inexistente
Observações:	Jornal Manuscrito que circulou no rio Branco. Uma cópia dos exemplares número 1 e número 2, podem ser encontradas na Biblioteca Mário Ypiranga Monteiro, localizada no Centro Cultural dos Povos da Amazônia (CCPA)

Fonte: Adaptação do quadro apresentado por Freire (1990)

Nos livros publicados sobre a história da imprensa de Roraima, não encontramos registros sobre a passagem do manuscrito “A Escova” pelo Estado. No entanto, no catálogo ‘A imprensa no Amazonas 1851-1908’ feito por Faria e Souza e publicado em 1908, que reuniu informações sobre boa parte dos jornais do período que circularam pelo vale do Rio Branco, esse manuscrito é um dos três listados na área destinada a vila do rio Branco. Um pouco da história dele também foi contada no livro “100 anos da imprensa no Amazonas”.

As duas edições encontradas na Biblioteca Mário Ypiranga Monteiro, localizada no Centro Cultural dos Povos da Amazônia (CCPA), estão assinadas pelo redator chefe com a alcunha de "Engraxate". Ele apresenta o jornal como crítico e literário que teria surgido a bordo do navio Madeira com o objetivo ‘de defender as mulheres segundo seu comportamento’. No editorial, o jornal se apresentava como um periódico ‘despido de bajulação, firme no seu ideal de defender os fracos (sic) dos que tentam macular a honra alheia’. No entanto, nas quatro páginas analisadas, o jornal fala sobre a sociedade, usando o humor e a sátira para citar adultérios, relações escusas e traições, criticando de forma intensa o comportamento feminino.

Outro ponto interessante publicado no editorial é a informação que a redação do jornal dispunha de pessoal especializado em esmiuçar as informações da cidade. A primeira edição, de março de 1907, é dividida em duas colunas, com letra rebuscada e itálica. O jornal usava uma linguagem figurativa e sexual para falar sobre os relacionamentos, como quando cita que houve um almoço na residência de D Eulicio, onde foram convidados Clemente Pardo e Thomaz Reis, que teriam levado ovos e linguiça, que foram usados pela filha do anfitrião.

3.2.4 O BEMTIVI

TÍTULO:	O BEMTIVI (1910)
Subtítulo	Órgão da Safadeza
Formato:	22X32 cm, 4 páginas, 2 colunas, 1 caderno
Periodicidade:	Quinzenal
Lugar de Publicação:	Manaus, Rio Branco
Diretor:	Tráz-Zas
Redator-chefe:	Flavio Junior,
Colaborador:	Vampero, Zeca Malagueta
Proprietário:	Um grupo de vagabundos aposentados
Ligação Política:	Inexistente
Observações:	Jornal impresso do Amazonas que circulou na Villa Boa Vista. O acervo do IGHA teria o nº 10 de 1907. Uma cópia desse número também pode ser encontrada no acervo do Museu de Roraima

Fonte: Adaptação do quadro apresentado por Freire (1990)

O jornal O Bemtivi, retratava o cotidiano das famílias de Manaus e do município do Rio Branco por meio da sátira. Tal como ocorreu com outros veículos, uma das principais características desses jornais era a efemeridade, pois consta que ele publicou poucos números antes de encerrar as atividades.

O próprio jornal, em um dos seus editoriais, externou suas preocupações com essa tendência anunciando um previsível insucesso. O Bemtivi disse na edição de 19 de maio de 1910 que “não sabia se amanhã morreria, como aconteceu com outros jornalecos”.

Os exemplares analisados mostravam uma crítica contundente às mulheres principalmente as que se arriscavam em relacionamentos extraconjugais, refletindo ainda o fenômeno citado como *blame gossip* (Fofoca negativa). Seus comportamentos, encontros sexuais fortuitos em pensões ou mesmo na própria casa, eram noticiados sem nenhuma clemência, com intenção moralizante, mostrando o controle social que era exercido sobre elas, que eram chamadas pelos jornalistas redatores de “rameiras” e “vagabundas” se cometiam algum deslize que ficasse conhecido socialmente. Essa vigilância era exercida não só pelos representantes da chamada “moral familiar”, mas também por pessoas da mesma camada social, vizinhos e conhecidos e não se concentrava apenas nos fatos de adultério, mas em qualquer comportamento mais “ousado”, como atesta a nota abaixo:

Previne-se a uma certa senhora casada que mora na praça São João (Mocó) que seja mais passiva em seus passeios pela cidade, pois os filhos da Candinha não dormem e mesmo o seu marido está para chegar de viagem e pode ficar sabendo dos seus passeios (O Bem-Te-Vi, n. 04, 19/05/1910).

A minúcia das informações deixa claro que a fonte dos articulistas não poderia ser outra que não pessoas próximas a estas mulheres, talvez vizinhas. As informações sobre a vida privada chegavam a ser por vezes tão pormenorizadas e íntimas que não deixam dúvidas em relação às suas fontes de informação: as próprias companheiras da vítima (SANTOS, 2006).

Há que se distinguir as “*blame gossips*”, que são as fofocas depreciativas, das “*pride gossips*”, que tendem a celebrar e elogiar as pessoas das quais se comenta. Quando incidem sobre os agentes do grupo (ou da rede de interdependência) funcionam como um mecanismo de controle, uma vez que operam no sentido de depreciar o seu prestígio, a sua reputação frente aos demais. Sabe-se que para Elias a ideia de prestígio tem um papel fundamental para a interação pessoal, sendo talvez o mais desejado bem simbólico ao qual alguém pode aspirar dentro das redes de interdependência nas quais se interage com os outros:

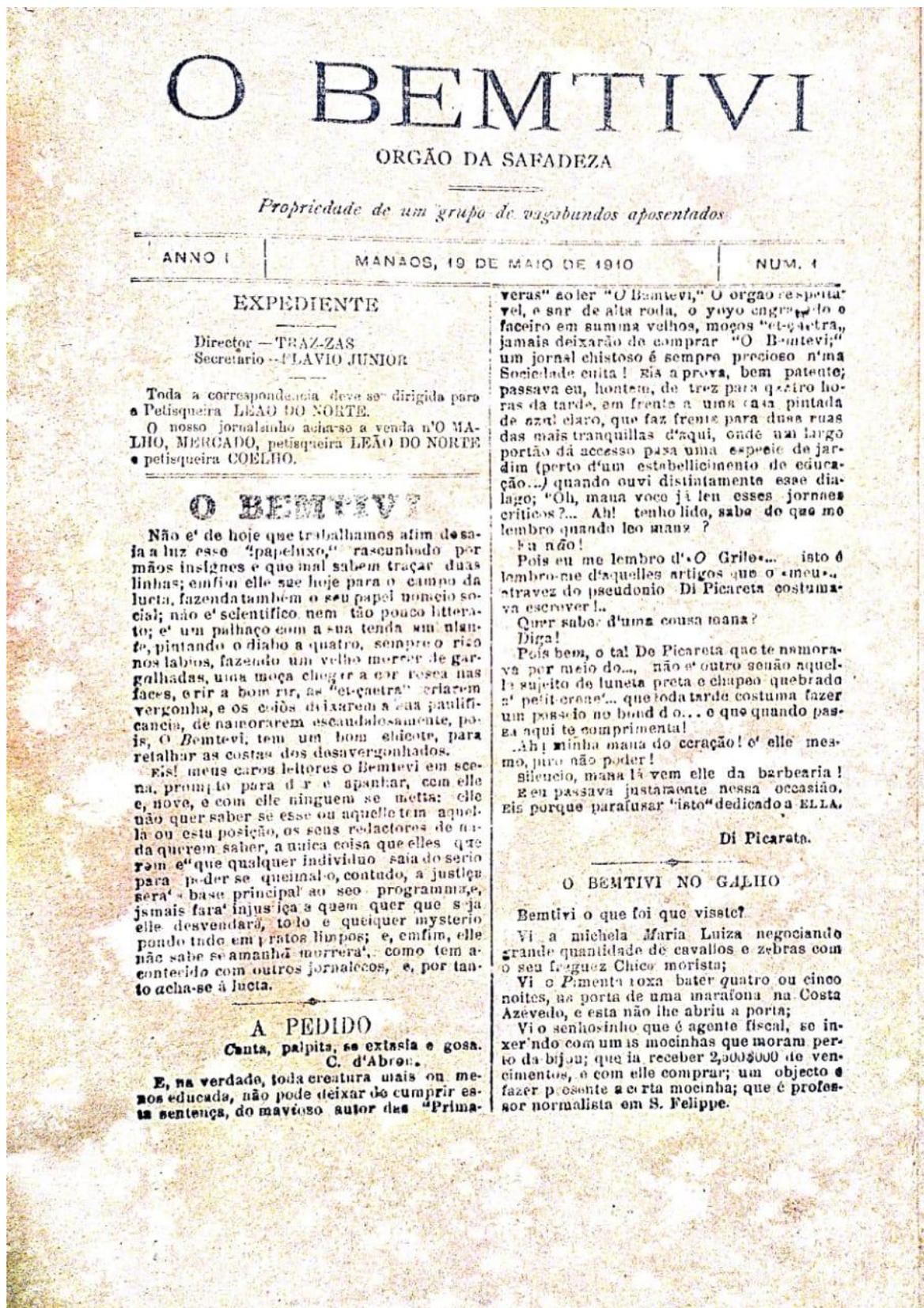
é esse medo de perda de prestígio aos olhos dos demais, instilado sob a forma de auto compulsão, seja na forma de vergonha, seja no senso de honra que garante a reprodução habitual da conduta característica, e como sua condição um rigoroso controle das pulsões em cada pessoa (ELIAS, 2000, p 213).

O foco da maioria das fofocas publicadas nesse periódico é a sociedade amazonense, que era a capital e pouca ou nenhuma citação era feita a personalidades do rio Branco, considerado um município insipiente e sem nenhuma atratividade social, pelo que se observa nas publicações.

Silva (2014) conta que Murilo Bezerra de Menezes, um dos pioneiros na área de jornais em Roraima, citou durante uma entrevista para Jupira (2003) como funcionava a edição do jornal O Bemtevi, afirmando que ele tinha por função satirizar o cotidiano familiar dos moradores do Amazonas e do Rio Branco:

O Bem-te-vi era só mesmo para malhar as famílias e tudo. Ele era impresso em Manaus, as matérias saiam daqui... lá eram impressas e vinha circular aqui. Tinha até uma coluna assim, que dizia o bem-te-vi voando viu, aí baixava o malho (SILVA, 2014, p 25).

FIGURA 5 - Capa do Jornal O Bemtivi, edição nº 4 de 19 de maio de 1910



Jornal O Bemtivi, 1910. 22X32 cm, cor: tinta preta, Fotografia retirada de exemplares existentes no acervo do IGHA (Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas)

3.2.5 O CARVÃO, GRAVETO E SABIÁ

TÍTULO:	O CARVÃO, GRAVETO E SABIÁ
Subtítulo	Não Consta
Formato:	Não Consta
Periodicidade:	Não Consta
Lugar de Publicação:	Não Consta
Diretor:	Artur Virgílio do Carmo e Manoel Afonso
Redator-chefe:	Não Consta
Colaborador:	Não Consta
Observações:	Não Consta

Ainda há relatos de outros três jornais: *O Carvão* dirigido por Artur Virgílio do Carmo Ribeiro, *O Graveto* e o *Sabiá* que teriam passado pela vila do Rio Branco. Contudo, nesta pesquisa e nos livros que procuramos, não foi possível encontrar nenhuma comprovação da existência de dois desses manuscritos nem na história de Roraima, nem o Amazonas e nem no Pará. Apenas o manuscrito *O Carvão* é citado no livro de Dorval Magalhães (1986).

Algumas das informações que ainda existem e não foi possível de verificar sobre estes jornais, foram divulgadas nos seguintes livros "A Imprensa Escrita em Roraima - Uma Questão de Ética", que foi escrito por Rodrigues (1996), e "Raposa Serra do Sol: Demarcação Territorial" de Jupira (2003) que citam que a existência teria sido comprovada por meio de pequenos recortes ou páginas descontínuas que estariam no acervo do arquivo público do Palácio da Cultura em Roraima, mas o local foi visitado pela pesquisadora e nada foi encontrado.

3.2.6 RIO BRANCO

TÍTULO:	RIO BRANCO (1914-1914)
Subtítulo	Jornal Independente
Formato:	19x29 cm; no 1, 4 páginas, 3 colunas, 1 caderno
Periodicidade:	Semanário
Lugar de Publicação:	Boa Vista – RR- Rua Sebastião Diniz
Proprietários	Diomedes Pinto Souto Maior
Diretores e Redatores	Mizael Berredo, Artur Lago e Antônio Seabra
Observações:	Considerado o primeiro jornal impresso verdadeiramente do rio Branco, apenas com notícias locais. Uma cópia do exemplar número 1º, pode ser encontrada na Biblioteca Mário Ypiranga Monteiro, localizada no Centro Cultural dos Povos da Amazônia (CCPA)

Fonte: Adaptação do quadro apresentado por Freire (1990)

Coube ao ‘Rio Branco - Jornal Independente’, de propriedade do professor Diomedes P. Souto Maior, o título de primeiro jornal impresso permanente da vila de Boa Vista. Jupira (2003) conta que a linha editorial deste jornal era voltada para informações sobre viagens de autoridades, tanto locais quanto de outros estados. Ele também tinha em seu conteúdo artigos históricos voltados à região do Rio Branco, sem contar as bajulações que eram feitas às autoridades, fazendeiros e políticos que viviam na região.

O ‘Rio Branco’ surgiu em 1914, e em seu primeiro número tinha na medição 19 cm por 29 cm. Era um jornal semanário, vendido por 500 réis. Dizia em seu editorial que tinha como objetivo ser o ‘disciplinador dos que se afastaram dos deveres na vida política e social’ e apesar das dificuldades os redatores escreveram que lutariam para que o jornalzinho não tivesse vida efêmera, o que de fato parece ter ocorrido, visto que não existem outros exemplares nos arquivos até então pesquisados ou outras citações sobre a permanência desse jornal na vila.

Outro objetivo descrito no editorial do jornal era o de estimular a população rio-branquense para o progresso intelectual e material. Esse estímulo era um dos sonhos do professor Diomedes Pinto Souto Maior, um dos fundadores do jornal, que era professor e criou o jornal preocupado com a educação da vila e com a melhoria da evolução da comunidade com um melhor entendimento cultural e político.

Esse jornal possui apenas uma edição conhecida e datada de 15 de março de 1914 estando disponível no acervo digital da Biblioteca Mario Ypiranga, no Amazonas.

FIGURA 6 - Capa do Jornal Rio Branco, edição nº 1 de 15 de março de 1914



Jornal Rio Branco, 1914. Fotografia retirada de exemplares existentes no acervo da Biblioteca Mário Ypiranga Monteiro, localizada no Centro Cultural dos Povos da Amazônia (CCPA)

3.2.7 O RIO BRANCO

TÍTULO:	O RIO BRANCO (1918-1918)
Subtítulo	Orgam Hebdomadário, Literário, Noticioso e Comercial
Formato:	25,5x35,5 cm; nº 1 e 2, 4 páginas, 4 colunas, 1 caderno
Periodicidade:	Quinzenal
Lugar de Publicação:	Boa Vista – RR- Rua Sebastião Diniz
Proprietários	Não Consta
Diretor:	Alfredo do Carmo Ribeiro
Administrador:	Ananias Linhares
Redatores	Renato de Alencar,
Observações:	Circulava com o título e subtítulo: O Rio Branco – Orgam Hebdomadário, literário, noticioso e comercial”. Uma cópia dos exemplares número 1 e número 2, podem ser encontradas na Biblioteca Mário Ypiranga Monteiro, localizada no Centro Cultural dos Povos da Amazônia (CCPA)

Fonte: Adaptação do quadro apresentado por Freire (1990)

Esse jornal circulou em 1918, com um título muito parecido com o Rio Branco, mas de tamanho e com diagramação diferentes, contendo quatro colunas. Com direção de Alfredo do Carmo Ribeiro, média 25,5cm por 35,5cm, sendo o título ‘O Rio Branco’ e subtítulo: Orgam Hebdomadário, Literário, Noticioso e Comercial. Continha uma linha editorial de informações sobre a região; viagens, chegadas de pessoas importantes; artigos históricos, anúncios, coluna social e muitos outros artigos distribuídos nas quatro páginas, circulando num único caderno (LIMA, 2008).

Nos exemplares encontrados e nos registros históricos consta seu aparecimento em 7 de julho de 1918, com o primeiro número buscando incentivar uma ocupação ordeira da região. No editorial analisado deste periódico, o jornal se diz alheio a paixões partidárias e afirma que apesar disso não se furtará de fazer atenciosa censura a qualquer ato de qualquer departamento da pública administração que falhar em ser portador legítimo dos interesses da coletividade e da lei.

O mesmo jornal traz um editorial assinado por Renato de Alencar que informava que vinha de fora e estava se firmando no rio Branco e sendo bem recebido. A mesma edição consta ainda que o administrador do jornal se chama Ananias Linhares, além de informar a visita do professor Diomedes, antigo proprietário do jornal ‘Rio Branco’ na redação. Com a análise, entende-se que ele não seria o mesmo jornal anterior com título diferente, mas outro veículo criado após o fim do jornal “Rio Branco”.

O jornal divulgava de forma efetiva a vida dos políticos e da elite local. Nessa edição encontrada é mencionada a viagem do “abastado” Coronel Bento Brasil a Manaus, externando “afetuosas saudações”. Nesta altura do campeonato, Bento Brasil cumpria um de seus quatro mandatos como Deputado Estadual no Amazonas.

Também era mencionada a sua Casa Comercial, responsável por “grande sortimento de estivas, fazendas, miudezas e ferragens”. O registro deste nome, bem como de outros coronéis, permite pensar a articulação local do coronelismo, ainda que em Roraima isto aconteça de forma apenas rudimentar dada a pequena dimensão da vila e alto grau de analfabetismo.

Do ‘O Rio Branco -Órgão hebdomadário, literário, noticioso e comercial’ (1918) foram encontradas duas edições microfilmadas de 7 e 14 de julho de 1918 no acervo digital da Biblioteca Mario Ypiranga, no Amazonas, que foram cedidas pelos servidores para este trabalho.

FIGURA 7 - Capa do Jornal O Rio Branco, edição nº 1 de 7 de julho de 1918



Jornal O Rio Branco, 1918. Fotografia retirada de exemplares existentes no acervo da Biblioteca Mário Piryanga Monteiro, localizada no Centro Cultural dos Povos da Amazônia (CCPA)

3.2.8 JORNAL DO RIO BRANCO

TÍTULO:	JORNAL DO RIO BRANCO (1916-1919)
Subtítulo	Orgam dos Interesses dos moradores de Boa Vista
Formato:	30X42 cm, 4 páginas, 4 colunas, 1 caderno
Periodicidade:	Mensal
Lugar de Publicação:	São Bonifácio - Vila de Boa Vista oficinas dos padres Beneditinos)
Proprietário:	Dias Medeiros e Cia, Mizael Guerreiro, Prelazia do rio branco
Diretores:	Geraldo O.S.B, bispo de Phocsea; Arthur Virgílio do Carmo Ribeiro
Principais redatores e colaboradores	Pe. Boaventura Barbier; Paulo Elheuterio; Bezerra de Moraes, Bezerra de Menezes e Costa Gomes
Observações:	Jornal circulou na Vila Boa Vista entre os anos de 1916 e 1917. O acervo da Biblioteca Mário Ypiranga Monteiro, localizada no Centro Cultural dos Povos da Amazônia (CCPA) dispõe das edições de novembro e dezembro de 1916 e as edições janeiro-fevereiro, março, abril-maio, junho, outubro-novembro de 1917. Em seu editorial, o jornal explicava que não podia se comprometer a periodicidade mensal e que circularia conforme pudesse usar a tipografia.

Fonte: Adaptação do quadro apresentado por Freire (1990)

O segundo jornal a passar pela vila de Boa Vista foi o *Jornal do Rio Branco*, com circulação mensal e impressão nas oficinas dos padres Beneditinos, sendo coordenado por Gerardo S.B. que recebeu o cargo de Bispo de Phocera e pelo magistrado Arthur Virgílio de Carmo Ribeiro (CRUZ, 1998).

O jornal possuía quatro páginas divididas entre as colunas fixas “Parte Editorial”, assinada pelo Bispo Dom Gerardo Van Caloen; “Parte Diocesana”, com reflexões sobre o espiritismo e divulgando os nomes das pessoas que contribuíram com esmolas para a Matriz; “Parte Variada”, com decretos municipais e audiências públicas e, por fim, as colunas de informações nacionais e internacionais “Várias Notícias do Brasil” e “Várias Notícias do Estrangeiro”. Um fato interessante é que a tipografia do jornal do Rio Branco vinha da Itália, o que prejudicava a existência de alguns dos sinais gráficos nas palavras, entre eles “til”.

Impresso na oficina tipográfica São Bonifácio na Vila de Boa Vista, em posse dos missionários beneditinos, o jornal funcionava como um espaço de sociabilidade para troca de experiências, organização do espaço urbano, com anúncio de propriedades, realizações de festas ou bailes em determinadas localidades, informando acontecimentos nacionais e publicando acontecimentos locais, cobrando soluções das autoridades para os problemas da vila.

Além de solicitar, como forma de cortejo, agradecia quando o poder público fazia algo em prol da comunidade. A construção de uma estrada de rodagem que ligava a algumas regiões foi de grande motivo de satisfação por parte da população e

principalmente aos beneditinos, que como interesse subjetivo, pode-se perceber o interesse na construção de uma cidade ideal aos moldes dos clérigos quando exaltavam os seus pedidos ligados ao desenvolvimento econômico.

Outro fato interessante sobre o Jornal do Rio Branco era a intenção de por meio da religião católica integrar o Rio Branco ao resto do país, trazendo o catecismo e a doutrina cristã em suas páginas onde a moral era destacada como necessária para o desenvolvimento do povo.

O jornal cumpria o papel de divulgar a fé cristã que era levada para os indígenas e para os moradores da vila, que passaram a seguir os costumes estabelecidos pela igreja. Em suas páginas era dada muita ênfase às atividades ligadas à Igreja (novenas, arraiais, festejos, arrecadação de donativos) noticiadas sempre em primeira mão e ocupando várias páginas:

A Igreja, que funcionava como núcleo da cidade, também orientava o caráter da publicação, buscando assimilar os vários habitantes da localidade, evitando, por exemplo, as práticas consideradas abusivas, inclusive aquelas relacionadas ao espiritismo e à mancebia (MUNARO E ZOUEN, 2014).

O redator afirmava que o dever de jornalista era ser porta-voz da opinião pública, convertendo o seu conhecimento em suporte para o desenvolvimento da comunidade como um todo. Um dos exemplos eram os alertas para que a população fervesse a água antes de beber.

Apesar dos beneditinos terem sido escorraçados pelos coronéis da vila logo após sua chegada ao local, por conta de terras e disputa pelo poder, conseguiram forte influência no governo federal a partir da igreja católica no rio de Janeiro e terminaram por fazer um acordo com as lideranças locais. O jornal refletia esse acordo, divulgando notícias e informações de interesse dos políticos e coronéis da vila.

Em geral, o Jornal do Rio Branco é um importante documento para estudo da vida e cotidiano do antigo município de Boa Vista do Rio Branco, apesar da linguagem objetiva, observa-se as entrelinhas e problemas estruturais enfrentados pela população e a missão da Igreja. Apesar de seus interesses, o jornal foi um importante vetor de informações e solicitações para melhoria do distante município. Como visto pelo próprio periódico que publicou: "O Rio Branco é destinado a ser o celeiro do Amazonas, e o Amazonas há de ser o celeiro do mundo, como disse o grande sábio Humboldt".

FIGURA 8 - Capa do Jornal do Rio Branco, edição nº 1 de novembro de 1916



Jornal do Rio Branco, 1916/1917. Fotografia retirada de exemplares existentes no acervo da Biblioteca Mário Ypiranga Monteiro, localizada no Centro Cultural dos Povos da Amazônia (CCPA)

3.3 OS JORNAIS DO TERRITÓRIO FEDERAL DO RIO BRANCO E DE RORAIMA

O Território Federal do Rio Branco foi instituído em 1943, por meio do Decreto-Lei nº. 5.812. Após o fim da democratização, de 1946 a 1988, mudou para Território Federal de Roraima com a mudança no cenário político nacional. O país passou de democrático para um regime autoritário e o Território Federal de Roraima passou para um poder local centrado em figuras que exerceram seus governos de maneira autoritária, com disputa por nomeações de governadores e pelo poder político da época (SOUZA, 2008).

Levando-se em consideração as nuances político-administrativas, sociais e estruturais em que se encontrava o Território Federal de Roraima antes de 1964, pode-se afirmar que durante esta fase da história de Roraima as disputas políticas, as divergências na máquina administrativa, as constantes trocas de governadores foram o grande entrave para o desenvolvimento desta região e sendo a sociedade/povo o maior prejudicado.

Esse período foi marcado pela descontinuidade política e pelas constantes trocas de governantes que eram na grande maioria indicados pelo Senador Victorino Freire, um influente político maranhense e totalmente alheio às questões locais ou pelo Deputado Federal do Território Félix Valois de Araújo, que também foi o primeiro governador e continuou por muitos anos sua carreira política pelo território, sendo um dos modelos locais do coronelismo (SANTOS, 2004).

Com a implantação do Regime Militar (1964-1985), o Território Federal de Roraima passou a apresentar mudanças significativas em vários níveis da vida local e podendo, desta forma, os governadores militares desempenhar administrações mais relevantes nesta região. Mendonça Neto (2011) destaca que a repressão política e a força de coação do poder, que se instalou a nível nacional, logo se fez sentir no Território Federal de Roraima.

Em relação aos governadores do território no período militar, o primeiro governo militar no Território Federal de Roraima, o Tenente Coronel Dilermando Cunha da Rocha (1964-1967) não estabeleceu uma boa relação com a sociedade, de modo que é destacado na história política local como um governo não satisfatório.

Entre 1967 e 1969, foi a vez do primeiro governo do Tenente Coronel Hélio da Costa Campos, que teve sob sua responsabilidade a realização de uma série de obras

de infraestrutura no território durante sua primeira gestão e na segunda que iniciou em março de 1970, chegou a construir a Ponte sobre o Rio Branco – A Ponte dos Macuxi, concluída somente no governo de Fernando Ramos Pereira (SOUZA; VIEIRA, 2009). Entre os dois mandatos do Tenente Coronel Hélio da Costa Campos assume o governo o major aviador Walmor Leal Dalcin (1969-1970), ficando apenas por nove meses no comando do Território Federal, tendo nomeado seu genro prefeito da capital e sua filha diretora do Serviço de Informações no Palácio 31 de março (SOUZA; VIEIRA, 2009).

Sobre a atuação dos políticos e dos jornais é importante destacar que a Imprensa Oficial de Roraima não dispõe dos primeiros números referentes ao período de 1943/44. Para contar a história dos jornais, foram encontrados registros a partir do ano de 1945. O “período sem memória escrita” deve-se a um Prefeito que ateou fogo no acervo histórico de Boa Vista. As chamas consumiram boa parte dos registros da vida desta cidade. Sobre esse mesmo fato, lamentou o professor Antonio Ferreira de Souza (prof. Ferreirinha), em seu livro “Noções da Geografia e História de Roraima”, ano 1969: “Infelizmente, a atitude impensada do Prefeito Cândido Pena Rocha, queimando o velho arquivo da Comuna, em 1946, impede-nos de prosseguir coligindo outras notícias autênticas sobre a municipalidade, a partir do ano de 1900.”

Após a implantação da Ditadura Civil Militar, ficou bastante limitada a possibilidade de circulação de impressos políticos num território diretamente administrado pelo governo federal. É somente durante os anos de 1970, que a cultura letrada ganha forma e existem poucas referências históricas sobre esse período de transição, podendo se citar a obra Dorval de Magalhaes, Roraima-Informações históricas (1986). Além das poucas informações históricas, também existe um silêncio sobre a existência ou não de jornais nesse período de transformação do Território Federal no período de 1943 a 1948.

Após esse período, surgem jornais que estavam à frente de determinados grupos políticos e que, com o término de seus mandatos, deixavam de circular. Como lembra Jupira, “os jornais eram ligados aos políticos, era comum o aparecimento deles na época de eleições, como também o seu desaparecimento quando terminava o processo eleitoral, principalmente se o dono do jornal não fosse eleito ou reeleito” (JUPIRA, 2003, p 32). Nesse período de 45 anos, 21 jornais teriam passado pelo território de Roraima, e a maioria deles com fortes ligações com o poder local, sendo

criados ou deixado de circular apenas por conta de suas ligações políticas ou para atender os interesses da elite dominante existente.

TABELA 4 –Jornais que passaram pelo Território Federal de Roraima

JORNAIS	SURTIU	TÉRMINOU
O Boa Vista	1948	1963
O Átomo	1953	1956
O Combate	1945	1946
Resistência	1954	1954
O Debate	1956	1957
A Tarde	1937	1964
A Tribuna do Norte	1967	1970
Jornal Boa Vista	1973	1983
O Roraima	1976	1987
Tribuna de Mucajaí	1976	1976
O Observador	1978	1980
Folha de Roraima	1980	1982
Tribuna de Roraima	1986	1988
Gazeta de Roraima	1981	1992
A Crítica de Roraima	1986	1990
O Diário	1987	1995
O Jornal	1988	1990

Fonte: Autoria Própria

3.3.1 BOA VISTA

TÍTULO:	BOA VISTA (1948-1963)
Subtítulo	Órgão Noticioso
Formato:	Tabloide, 4 páginas
Periodicidade:	Semanal
Lugar de Publicação:	Boa Vista
Proprietário:	Governo do Território F. do Rio Branco
Diretores:	Juvenal Alves, Heiroceryce Rodrigues Pessoa, Edson Casto
Principais redatores/ colaboradores	Afonso Rezende, Maria Macaggi
Observações:	Ligado ao governo do Território

O governo do território instalou em 1945 a biblioteca pública da capital e em 1948 fundou o "Boa Vista", com quatro páginas e que possuía uma tiragem média, naquela data, de 350 exemplares. Era como um "Boletim Oficial", semanário, onde se publicavam todos os atos oficiais do Território, sendo subordinado ao Governo.

Nesta pesquisa conseguimos encontrar e analisar as 30 edições de 243 a 281, no arquivo da Biblioteca Nacional e que estão disponíveis no anexo. O jornal pertencia ao governo militar do Território e circulava junto com O Átomo. Planejado para ser semanal, rodava quando tinha material gráfico.

Com a tiragem média de 350 exemplares segundo levantamento feito pelo IBGE na época, o jornal era editado pelo mesmo diretor da imprensa oficial, Juvenal Alves que assinava uma coluna intitulada 'ponderação' que comentava a política local do período (SANTOS, 2005)

No editorial de 31 de março de 1951, o editor Afonso Rezende fala que embora o propósito fosse manter o periódico em circulação semanal, devido à escassez de material tipográfico, eles eram forçados a faltar nas publicações previstas. Esse jornal, apesar do apoio dos políticos do território, e de se denominar semanal, teve uma publicação muito irregular até a sua última edição.

O editor também reclamou da falta de espaço no prédio onde o jornal foi instalado e deixou claro no editorial que o jornal tinha sido criado pelo governador Jerocílio Gueiros, mas a maioria das edições estava voltada para o governador Araújo Filho.

Um dos trechos interessantes do jornal em 27 de março de 1954 foi um depoimento do deputado Paulo Pinto que cita que o então território já tinha tido até aquela presente data, 8 governadores.

Outro fato interessante sobre o jornal é que a redatora Maria Macaggi, na edição 275, ainda aparece na função, mas na edição 277, em "atos do governo", ela

que estava lotada na Imprensa Oficial do Governo do Território é colocada à disposição da Comissão de Abastecimento de Preços. Com isso, na edição 277 não aparece o nome dela no expediente.

Alguns trabalhos sobre a imprensa escrita em Roraima citam que o Boa Vista teria deixado de circular em 1958, mas nas pesquisas de campo em busca de jornais, encontramos uma edição de 1963 no Museu Integrado de Roraima, (constante neste trabalho) e, portanto, usaremos essa data como data final de circulação do jornal.

Analisamos dentro do possível as edições constantes no site da Biblioteca Nacional, dentro do trabalho de preservação feito pelo professor Mauricio Zouein, referentes ao ano de 1954. O Boa Vista teria circulado até 1963, noticiando a maior parte do tempo, os acontecimentos vinculados ao governo do Estado, ecoando, de forma positiva, as suas ações.

3.3.2 O ÁTOMO

TÍTULO:	O ÁTOMO (1951-1959)
Subtítulo	Jornal Independente e Noticioso
Formato:	Tabloide, 6 a 12 páginas,
Periodicidade:	Semanal, 500 exemplares vendidos por dois cruzeiros
Lugar de Publicação:	Rua Bento Brasil, número 584, em Boa Vista
Proprietário:	José Estevam Guimarães
Diretores:	José Estevam Guimarães, Guimarães Junior
Principais redatores e colaboradores	Batista Guerra, Aries Gueiros e Dorval de Magalhães, Augusto Matheus, Tarcilo Aires, Vidal da Penha Ferreira, Altair Silva, Jamil Moises Xaud, Wilson Cruz, Arnaldo Brandão, Jersey de Brito Nunes
Observações:	O cabeçalho podia ser encontrado tanto na parte superior quanto no centro da página, as notícias eram pequenas espalhadas dentro de desenhos de balões e foguetes. Destaque para denúncias contra o governo

Em 1951 nasceu O Átomo, o primeiro jornal impresso manualmente construído para fazer oposição ao governo do Território, apesar de que não tenha nunca declarado abertamente sua posição. Tinha como proprietário o tenente José Estevam Guimarães que, de certa forma, se beneficiava de alguns favores do governo. O nome dele chegou a causar confusão em alguns historiadores ao citarem o nome do jornal como “O Tenente Guimarães” (SILVA, 2014).

Sua linha editorial combatia um dos líderes da região, o Deputado Félix Valois (1946-1947) e o Prefeito Estácio Melo, tendo bastante influência sobre a política local. Há relatos de que quando havia a presença de informações que desagradavam os governantes, estes mandavam recolher todos os jornais como forma de evitar que a população tivesse contato com notícias incômodas (SOARES, 1998).

O nome do jornal fazia referência à divisão do Átomo na descoberta da bomba atômica. O jornal tinha apenas um caderno com publicações variadas desde discursos, até piadas e espaços onde os leitores escreviam. Também em algumas edições era possível encontrar colunas relacionadas à sociedade, a fatos políticos e opinativos.

Em 1953, uma das edições vinha com a publicação de um conto de Nenê Macaggi, o que mostra o importante papel da mulher na imprensa roraimense. Neste mesmo ano, na edição 132, aparece publicado um telegrama de Afonso Resende, o diretor, informando que o jornal ficaria fechado por um tempo por conta de condenação.

Em 1954, o jornal inicia com a edição 140 e neste ano passa a usar a fotografia, tendo como redator apenas Wilson Cruz. Em 1955, ocorre um fato estranho. O periódico começa na edição 192, datada de 15 de janeiro, mas depois publica a edição

194, datada de 02 de janeiro de 1955. Edição 193 é de 24 de janeiro de 1955. Na Edição 205, de 1955, a direção do *Átomo* publica um artigo pedindo que a redatora Nenê Maccagi e o articulista Floriano Alves da Silva parem de brigar. Termina na edição 222 o ano de 1955.

Outra situação importante a ser destacada é que na Edição 223, de 1955, aparece a figura do censor, o senhor Geraldo Guimarães Moreira, no jornal, já dentro do estado de sítio. A equipe editorial permaneceu. Na edição 224, é publicada a criação do Ministério da Defesa Nacional.

O jornal era de pequeno formato, modesto, rudimentar com diagramação feita em máquina manual, com tiragem de trezentos exemplares, e cada exemplar custava dois cruzeiros. Após ser vendido para Valois, passou a ter um formato maior passando a elogiar o governo até ser fechado em 1958. Joaquim Jupira descreve desta forma as razões da compra:

Para isso o poder econômico era fundamental, pois quando o jornal não agradava aos palacianos, a solução encontrada pelo Executivo era comprar o jornal como garantia dos fins das críticas ao poder. Foi exatamente isso que aconteceu com o *Átomo* e outros pequenos jornais. No período territorial foi comum que os jornais, com raríssimas exceções, nascessem sob a égide política e terem seu crepúsculo determinado pelos mesmos fins, isto é, as questões políticas (JUPIRA, 2003, p 120).

O *Átomo*, segundo Menezes (2008), era o jornal mais vendido da época e se apresentava como rival do jornal *O Boa Vista* que, apesar de maior qualidade física, era recebido com descrença pela população por pertencer ao governo do território.

FIGURA 10 – Capa do jornal “O Átomo”, edição n° 4 do dia 28 de abril de 1951

ABRIL
S. Vital
Hoje 4.º dia
28
SABADO

O ATOMO

ANO I—N.º 4 —JORNAL INDEPENDENTE E NOTICIOSO— FUNDADO A 28-3-51
— «mas é difícil, mesmo ao mais humilde, ter uma boa idéia e manifestá-la». (Voltaire)—

Crepory Franco para o Govêrno do Rio Branco

No intuito de bem informar nossos leitores dirigiu O ATOMO o seguinte radiograma ao Deputado Cel. Felix Valois: Notícia precedente Rio informa ter Crepory Franco recebido convite Vossência para governar Rio Branco pt Qualidade jornal independente O ATOMO apela seu espirito democrático fineza dizer algo assunto pt Guimarães, diretor.

Em resposta recebemos o seguinte: «Urgente of. Ten. Guimarães, jornal O ATOMO — B. Vista—Rio 24. Resposta telegrama prezado amigo informo nada existe sobre assunto perguntado, sendo destituído de fundamento. Cordts. sds. — Dep. Felix Valois».

Antonio Martins e O ATOMO

J. E. GUIMARÃES JUNIOR

A direção deste periódico afirmou em artigo de fundo de sua primeira edição, entrar em ação despida de qualquer animosidade pessoal e estar, de modo particular, a serviço do povo riobranquense. Coerente com esses princípios, compete-lhe o imperativo moral de não privar a coletividade que lhe tem dado todo o apoio moral e material, dos serviços que, por seu intermédio, a mesma, possam ser prestados por cidadãos dignos, com experiência administrativa, econômica, parlamentar ou em qualquer outro setôr da atividade humana, tohidos por compreensível

constrangimento, oriundo de desentendimentos pessoais.

Assim é que, sendo notoria, apesar do respeito mútuo, nossa adversidade proveniente de questões políticas, dirigidas ao sr. Antonio Augusto Martins, com a remessa de um dos exemplares de O ATOMO, um cartão, no qual, reconhecendo ser o mesmo um dos valores mais capacitados da terra, solicitamos que, a serviço da mesma, fizesse uso das nossas colunas.

Colocando se em plano superior, S. Sria. nos endereçou a carta que temos a honra e satisfação de transcrever, a qual nos faz acreditar, cada vez mais firmemente, no futuro do nosso Território, onde existem mentalidades que pairam acima dos níveis estreitos das paixões pessoais, onde é possível, com honra, encontrarem pontos de entendimento, em torno de um ideal verdadeiramente superior.

A todos, em idênticas circunstâncias, estendemos nosso sincero apêlo, pregando e praticando a união de todos, para que possamos construir ou ajudar a construir.

«Boa Vista, 23 de abril de 1951.
Ilmo. Snr. Diretor de O ATOMO
Nesta: Sensibilizado agradeço as expressões contidas no cartão de V.Sa., datado de 21 do andante, capeando um exemplar da última edição de seu nável jornal.

Se ao O ATOMO não lhe faltarem a independência, a honestidade de propósitos e a elegância de estilo com que nasceu, por sem dúvida, chegará à maioridade aureolada pelo acatamento, pela confiança e pela admiração da opinião pública, pois que terá preenchido uma grande lacuna na vida social riobranquense. E são esses os meus votos.

Atenciosamente
Antonio A. Martins.

A Rádio Difusora e O ATOMO

O maior e mais popular cronista do rádio planetário, um dos maiores do país, nos deu a honra de tecer longa e generosa apreciação, em sua crônica noturna de 5.ª feira última, sobre nosso modesto semanário.

A palavra de Jesus, aqui sempre ouvida com interesse e carinho, foi, para nós, um incentivo bem alentador nesta fase inicial de provas, quando o pouco que produzimos, na realidade dos bastidores, representa um mundo de dificuldades vencidas, restando tanto ainda para vencer, que se torna inapreciável e inesquecível o nobre gesto de solidariedade.

Nosso sincero agradecimento à mais querida e seu grande Diretor.

Governador — democrata

Num gesto democrata, bem do seu feitio, apresentou-nos pessoalmente seus agradecimentos o Gov. Jerocillo Gueiros, por motivo das merecidas referências elogiosas que tivemos a oportuni-

dade de tecer à sua pessoa, em nossa última edição.

Durante a palestra mantida, revelou-nos S. Excia. seu firme propósito de desenvolver importante plano de trabalho, esperando ser apenas uma questão de tempo o fator de que necessita para merecer o aplauso geral, pois conta reajustar a situação de todos os elementos aptos, nas inúmeras oportunidades que irão surgir com a execução do seu vasto programa, necessitando no momento de calma e sobretudo de compreensão da situação.

A viã o da C. do Sul 2 vezes por semana

Segundo estamos informados, a partir do próximo dia 1º de Maio, a C. do Sul passará a fazer sua linha para este Território com dois aviões semanais conforme obrigação contratual.

Jornal Átomo, 1951, n 4, cor: tons de sépia, Fotografia retirada do exemplar disponível no acervo pessoal do jornalista Galvão Soares

3.3.3 O COMBATE

TÍTULO:	O COMBATE (1945-1946)
Subtítulo	Órgão independente
Formato:	Compacto com 6 folhas
Periodicidade:	Semanário/Mensal
Lugar de Publicação:	Manaus
Proprietário:	Affonso Rezende
Diretores:	José Arimatéia
Principais redatores e colaboradores	Jose de Alencar e Silva, José R. Jansen, Waldir Rodrigues e Mary Mabel, M.J. Andrade, Anisio Melo, Conde Onairos
Observações:	Affonso Rezende aparece também como redator do jornal Boa Vista, quando da implantação do território.

Em 1945, surgiu um segundo jornal de oposição no território, O Combate, jornal mensal de propriedade de Affonso Rezende e Jose Arimateia que era editado em Manaus, e teve vida curta no território, parando de ser impresso em 1946 (MADEIRA, 2003).

O Jornal surgiu voltado para a classe estudantil, falando das mazelas enfrentadas pelos alunos, mas logo se voltou para a política, dando destaque aqueles políticos que não ajudavam os estudantes pobres que vinham de outros locais para estudar no Amazonas e passavam necessidades

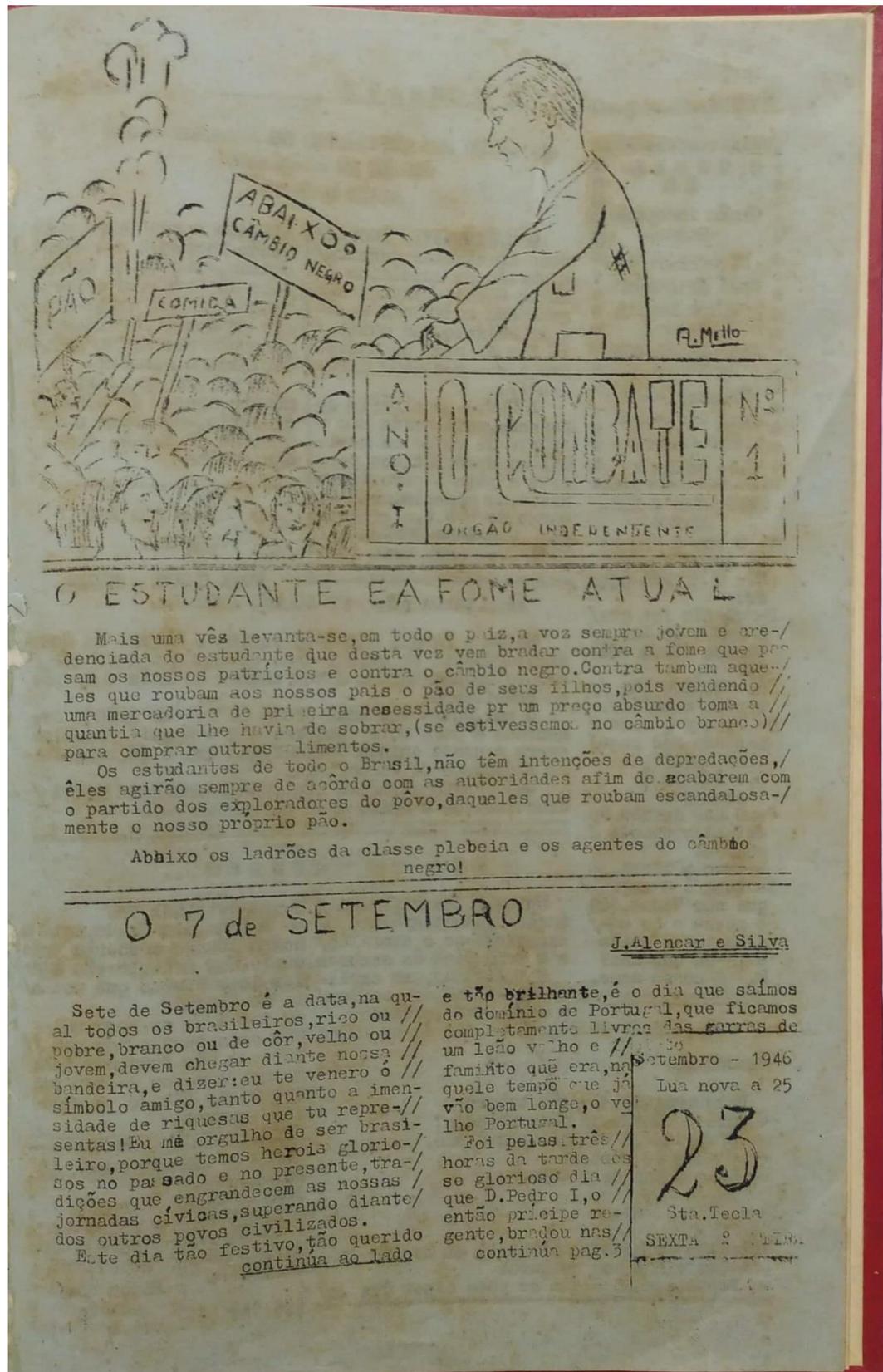
Até aqui se observa, portanto, a dificuldade de estabelecer máquinas tipográficas no território, sendo os jornais predominantemente impressos em Manaus e sendo deslocados até Boa Vista através do Rio Branco. No editorial da primeira edição, ele fala:

Mais uma vez levanta-se em todo o paiz (sic) a voz sempre jovem e credenciada do estudante que vem bradar contra fome que pesam em nossos patricios e contra o câmbio negro. Contra também aqueles que roubam aos nossos pais o pão de seus filhos. (sic). queremos acabar com o partido dos exploradores do povo, daqueles que roubam descaradamente.

Uma cópia da primeira edição do jornal foi encontrada na coleção particular do jornalista Galvão Soares, no caderno de jornais relativos a movimentos sociais e estudantis e analisada para contextualizar esse trabalho.

Outra edição de um jornal chamado Combate foi recuperado do acervo do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, mas refere-se a um exemplar de um jornal do mesmo nome, que circulou em 1912 em Manaus, no Amazonas, voltado para a crítica da sociedade amazonense. O jornalzinho vinha com um editorial afirmando que foi criado para *“combater os contrários aos bons princípios e mostrar ao público sem a máscara da hypocrisia, com que cobriam suas faces negras”*.

FIGURA 11 – Capa do jornal “O Combate”, edição nº 1 do dia 23 de setembro de 1946



Jornal O Combate, 1946, n 1, cor: tons de cinza se tornando sépia por conta da ação do tempo, Fotografia retirada do exemplar disponível no acervo pessoal do jornalista Galvão Soares

3.3.4 RESISTÊNCIA

TÍTULO:	RESISTÊNCIA (1954)
Subtítulo	Hoje e Sempre a serviço do povo
Formato:	Compacto, 4 folhas
Periodicidade:	Não consta
Lugar de Publicação:	São Luis
Proprietário:	Tarcilo Ayres
Diretores:	Não consta
Principais redatores e colaboradores	Não consta
Observações:	Não consta

O jornal Resistência era voltado para a crítica dos políticos que atuavam no território neste período. Quando Aquilino Duarte era Governador, a oposição uniu vários partidos e juntos formaram uma “Frente-Única” e em 1954 apareceu um periódico para combater essa “Frente”.

Entre os anos de 1952-1956, Aquilino Duarte era o Governador. A oposição uniu vários partidos e formaram uma ‘Frente Única’ para tirar o governo, quando foi nomeado o Dr. José Luiz de Araújo Neto, fruto da indicação do acordo político da oposição. Para combater a Frente, apareceu em 1954, o periódico Resistência – hoje e sempre a serviço do povo (...) estilo de jornalismo polêmico, com denúncia de fraudes e críticas ao novo governo e aos membros da Frente – Única (CRUZ, 1998).

A edição recuperada no acervo do jornalista Galvão Soares, traz como manchete a descrição da "frente única" formada por políticos do território que o jornal classifica como ‘sindicato dos vigaristas’. Explana que os políticos só eram unidos contra os desmandos do governo antes de precisarem dividir cargos.

O editorial explica que o objetivo do jornal era mostrar ao povo quem eram esses políticos e cita o presidente da Frente Única, Bairton G. Barreto, que segundo o jornal teria montado um gabinete dentário com materiais e moveis pertencentes ao patrimônio da União.

Cita ainda que o político nunca deixou de ser servidor do governo do Ceará e tem atividade irregular no Território. Também cita José Ribamar Feitos que teria um processo no IBGE que deveria ter se livrado para poder desempenhar outra função. Explica que ele é funcionário da prefeitura e que não teria prestado contas de determinado recurso público além de vender terrenos por ele mesmo avaliados. Outro líder da frente única citado pelo jornal é Newton Tavares que é citado como chefe da "comuna". Ele seria o prefeito da capital e é denunciado uma transação de barcas destinadas ao rio Mucajaí cujo negócio foi feito sem concorrência pública. O editorial pede ainda aos riobranquenses que analisem a quem está entregue o destino da terra.

FIGURA 12 – Capa do jornal “Resistência”, edição nº 2 do dia 12 de abril de 1954

RIOBRANQUENSE! Escolhe conscientemente, a 3 de Outubro, o teu REPRESENTANTE!

RESISTENCIA

Hoje e sempre a Serviço do Povo

TIRAGEM ESPECIAL PARA O TERRITÓRIO DO RIO BRANCO

Direção e Responsabilidade **YARCILO AYRES**

ANO 1 SÃO LUIZ SEGUNDA FEIRA, 12 DE ABRIL 1954 N. 2



A RAINHA DO RÁDIO

Aparece nesta fotografia, a maior cantora de samba-canção do Brasil, Angela Maria, que foi eleita, com maioria absoluta, há poucos meses, na Capital da República, “Rainha” do Rádio de 1954.

Angela foi uma descoberta do saudoso cantor Francisco Alves, numa das muitas “boites” cariocas. Chico Alves declarou o seguinte quando a viu cantando pela primeira vez: “Você será a maior cantora do Brasil”.

A “FRENTE-UNICA”

UM SINDICATO DE VIGARISTAS

A Ficha dos Principais Personagens do Governo de “S. Majestade” — Apropriação Indébita dos móveis do Território — Negociatas de Quinhentos Mil Cruzeiros sem concorrência

HA CERCA DE OITO meses, foi celebrado um acordo entre os partidos políticos existentes em Boa Vista, com o objetivo de combater o então governador Aquilino Mota Duarte. O acordo foi firmado e de início tudo corria às mil maravilhas, até que veio a mudança do governo. Os “líderes” batizaram o referido acordo de “frente única”, e até se entendiam cordialmente. Mas quando chegu o momento da divisão dos cargos-chaves, começaram os primeiros desentendimentos, e aquilo que era apelidado de “frente única”, transformou-se num verdadeiro sindicato de vigaristas.

Vamos, agora, fazer uma análise sincera em torno das atividades desses fabulosos “líderes”. Vamos mostrar ao povo quem são os tais líderes da chamada “frente única”, para que o povo possa, deles, fazer o necessário julgamento. Vamos, agora, lhes tirar a máscara, a fim de que todos fiquem sabendo como são por dentro.

Inicialmente, estudaremos o caso do presidente, dr. Bairton G. Barrêto.

Este cidadão, que, hoje, pode-se considerar de rico, está com um gabinete dentário perfeitamente montado. Pergunte-se agora, onde adquiriu o referido gabinete e o preço — e ele não poderá responder porque o material empregado no “seu” gabinete pertence ao governo. Pergunte ao presidente quanto custou os móveis usados no “seu” gabinete, e ele não responderá porque aqueles móveis pertencem ao patrimônio da União. Pergunte-se enfim ao doutor se ainda continúa como funcionário público do Estado do Ceará — e ele naturalmente silenciará, pois a sua situação não é regular.

Passemos, agora, a analisar o jovem José Ribamar Feitosa. Inicialmente, devemos perguntar a esse “líder”, como é que vai o seu processo no I.B.G.E., se já se livrou para poder desempenhar outra função, como vem desempenhando. Pergunte, ainda, se já presençou conta de determinada importância pertencente à Prefeitura de Boa Vista. Pergunte-se, também, se, como funcionário de categoria, da Prefeitura, pode vender terrenos por ele mesmo avaliados. Nada poderá responder, pois, em tudo isso, se acha envolvido.

Outro “líder” — Newton Tavares. Com relação a esse rapazola, já nos referimos em edição anterior. No entanto temos algumas novidades para o conhecimento do povo rio-branquense:

1.º) Conto chefe da Comuna, o sr. Newton Tavares nada mais tem feito senão transações comerciais, pois dirige, nessa terra, uma firma comercial, da qual o seu velho pai é o testa do ferro.

O jovem prefeito, (por nomeação), há oito meses, esteve envolvido numa chantagem de documentos, na qual, com a esperteza que lhe é peculiar, quis envolver o deputado Felix Valois de Araújo. Informações vindas de Boa Vista nos dão conta de que o jovem “líder” foi intermediário de uma transação de barcas destinadas ao Rio Mucajal, cujo negócio, que, segundo informações, subiu a mais de quinhentos contos e não teve a indispensável concorrência pública, como manda a lei.

Meditem, pois, rio-branquenses, a quem está entregue os destinos dessa boa terra.

O ARMANDO DESARMANDO

Um Crime Perfeito a Demolição do Prédio Onde Funcionou a Divisão de Obras — O Governador é o Único Responsável Pelo Crime

Tomámos conhecimento de mais um caso de polícia dos muitos existentes em Boa Vista. Há cinco anos foi construído um prédio, três anos concluiu na última letra A.

OS AVENTUREIROS DE S. MAJESTADE

Texto na última página

Jornal Resistência, 1954, n 2, cor: tons de cinza, Fotografia retirada do exemplar disponível no acervo pessoal do jornalista Galvão Soares

3.3.5 O DEBATE

TÍTULO:	O DEBATE (1956-1957)
Subtítulo	Sempre Solidário com o povo
Formato:	Standart
Periodicidade:	Semanal
Lugar de Publicação:	Boa Vista
Proprietário:	Mário Abdala
Diretores:	José Rezende
Principais redatores e colaboradores	Não consta
Observações:	Jornal de situação, elogioso a políticos do Território

No ano de 1956, surgiu O Debate, fundado por José Rezende, irmão do jornalista Afonso Rezende, proprietário de O Combate. O Debate era semanal e uma cópia da primeira edição do jornal foi encontrada na coleção particular do jornalista Galvão Soares, no caderno de jornais relativos a movimentos sociais e estudantis e analisada para contextualizar esse trabalho (CRUZ, 1988).

O jornal tinha seis colunas e fazia uso da fotografia, apesar do exemplar ter uma impressão ruim, o que dificultava a leitura e entendimento. Ele tinha apenas o nome do diretor Mario Abdala, um dos pioneiros de Roraima e profissional de imprensa, que na política, apoiava os políticos Felix Valois de Araújo, Dr. Silvio Botelho e Hélio Campos.

A capa conseguida do jornal O Debate, de 1956, fala sobre a vinda do presidente da República Juscelino Kubitschek ao Território para inaugurar obras públicas feitas pelo governador à época José Maria Barbosa.

Entre as obras estava a usina termoelétrica de Roi Couro e a rádio difusora de Roraima. Era a primeira vez que um presidente da República vinha ao Rio Branco. Na mesma matéria, o jornal faz elogios ao governador Barbosa como gestor.

Outra notícia do mesmo jornal fala sobre a chegada do deputado Felix Valois ao rio Branco e o fato dele ser paraninfo de uma turma de alunos do curso normal da escola Monteiro Lobato, que se tornariam futuros professores.

3.3.6 A TARDE

TÍTULO:	JORNAL A TARDE (1937-1964)
Subtítulo	Um vespertino que será sempre arauto das aspirações populares
Formato:	Tabloide
Periodicidade:	Semanal
Lugar de Publicação:	Amazonas
Proprietário:	Aristophano Antony, Carlos Sebastião Gonçalves
Diretores:	
Principais redatores/ colaboradores	Não consta
Observações:	

O jornal A Tarde, cujo lema era " um vespertino que será sempre arauto das aspirações populares" foi fundado em fevereiro de 1937 pelo jornalista Aristophano Antony, membro de uma das famílias mais tradicionais de Manaus.

Por vários anos, A Tarde confrontou governos trabalhistas, principalmente em períodos de campanhas eleitorais. Em 1961, Antony vendeu o jornal para Carlos Sebastião Gonçalves. Em 1964 o jornal fechou as portas.

Nas eleições de 1962, o jornal amazonense A Tarde surgiu e desapareceu repentinamente de Roraima, a partir da atividade de uma figura política de destaque na região. O vespertino, semanário, com impressão manual teve o papel de dar sustentação à candidatura de deputado federal de Gilberto Mestrinho pelo Território do Rio Branco (o jornal fechou as suas portas tão logo terminaram as eleições de 1962). Com a revolução militar de 1964, Gilberto Mestrinho teve o mandato cassado e o jornal foi extinto.

Em outubro de 1962, Mestrinho elegeu-se Deputado Federal pelo território de Roraima e em abril de 1964, teve seus direitos cassados pelo AI-1. Com o processo de abertura política, retornou ao governo do Amazonas com as eleições diretas para governadores ocorridas no ano de 1982. Sobre este jornal, lembra Getúlio Cruz,

Com a revolução militar de 1964, Gilberto Mestrinho teve o mandato cassado e o jornal foi extinto". O jornal era semanário, vespertino, com impressão manual [...], tendo como objetivo fazer a campanha política do professor Gilberto Mestrinho, candidato a Deputado federal pelo Rio Branco [...] com a revolução militar de 1964, Gilberto Mestrinho teve o mandato cassado e o jornal foi extinto (CRUZ, 1998).

FIGURA 15 – Capa do jornal “A Tarde”, edição n° 31 de maio de 1940

MANAOS—AMAZONAS—BRASIL
UM VESPERTINO QUE SE FAZ O ARAUTO DAS ASPIRAÇÕES POPULARES

1940
MAIO
152 Sáb. J. d'Arc 214
Lun. nova a 4
31
Sexta-feira
1867—Citem a Tarde 2 bellas
captivas para observ. o inimigo

ANNO IV PROPRIEDADE E DIREÇÃO DE ARISTOPHANO ANTONY NUMERO 1003

A TARDE

Em pleno exito a obra benemerita da Justiça de Menores

Foi inaugurada, hoje, a «Escola Premunitoria do Bom-Pastor»

Centorme estava annun- res, e numerosas pessoas
ciado, realisou-se esta ma gradas, revestindo se de
nhã, no predio completa tocante s. o l e m n i d a d e.
mente remodelado da anti-
ga «Crech Alice de Salles»
a installação da «Escola
Premunitoria do Bom-Pas-
tor», estabelecimento de ad-
miraveis finalidades educa-
tivas e reformadoras, que
devemos ao trabalho her-
culeo da Justiça de Meno-
res, orientada pelo espirito
clarividente e christão do
dr. André de Araujo.

O acto teve a presença
do Interventor Federal e
do Prefeito de Manáos, do
Presidente do Departamen-
to Administrativo, do sr.
Bispo Diocesano, mais altas
autoridades civis e milita-



Usando da palavra, o dr.
André de Araujo fez uma
concisa mais eloquente ex-
posição dos esforços desen-
volvidos para a criação e
inauguração da Escola,
dando contas publicas das
importancias arrecadadas
e applicadas em tão alto e
humanitario objectivo. Fa-
lou do programma a ser
executado naquelle abrigo
de reeducação moral, lou-
vando o espirito de philan-
tropia da população ama-
zonense, bem assim o apoio
esclarecido do governo do
Estado.

A seguir, d. Basilio Perei-
ra proferio commoveate al-
locução.

Após a cerimonia da in-
auguração, todos os pre-
sentes percorreram as de-
pendencias do novo institu-
to, colhendo magnifica im-
pressão da organização
dos serviços internos, am-
plitude e condicionamento
hygienico das suas diffe-
rentes secções, que atten-
dem perfeitamente aos re-
quisitos pedagogicos mo-
dernos.

Por s. excia. revma. o sr.
Bispo Diocesano foi cele-
brada missa em acção de
graças na formosa capella
do estabelecimento.

Dr. André de Araujo

3.3.7 A TRIBUNA DO NORTE

TÍTULO:	Tribuna do Norte (1967-1970)
Subtítulo	Sem subtítulo
Formato:	Tabloide
Periodicidade:	Semanal
Lugar de Publicação:	Boa Vista
Proprietário:	governador Hélio Campos
Diretores:	Ana Cecília M. Pereira
Principais redatores e colaboradores	Antônio R. Pereira
Observações:	Só durou um curto período eleitoral do governo Helio Campos.

O jornal A Tribuna do Norte apareceu no cenário boa-vistense em 1967 ligado ao governador Hélio Campos. Era editado e impresso semanalmente no formato tabloide na imprensa oficial, tendo como diretora Ana Cecília M. Pereira e diretor de redação Antônio R. Pereira, deixando de circular em 1970 (CRUZ, 1998).

Neste período, o jornal Boa Vista teve uma paralisação, em função da circulação do Tribuna do Norte. Mas este também logo deixou de circular, devido ao início da campanha de Hélio Campos, que tinha como opositor Sílvio Botelho.

Um único exemplar foi encontrado nas pesquisas de campo, como anexo de uma monografia do curso de História, disponível no repositório virtual.

Na imagem da edição recuperada, o Jornal Tribuna do Norte trazia a notícia de que os restos mortais de Padre Calleri chegariam naquela data, 04 de dezembro de 1968 no Território, após a expedição Calleri, planejada junto com a Arquidiocese de Roraima ter dado errado.

FIGURA 16 – Capa do jornal “Tribuna do Norte”, edição nº 100 de dezembro de 1968

POVO COMOVIDO

RECEBERÁ HOJE, OS RESTOS MORTAIS DO PADRE CALLERI

O povo de Roraima, chorando o fim trágico de seu grande guia espiritual, receberá hoje, as 10 horas, no aeroporto brigadeiro Sherpa, os restos mortais do inesquecível Padre João Calleri, tragicamente morto nas selvas do rio Alalaú.

Os despojos chegarão em avião especial do DNER, posto a disposição da Prelazia de Roraima. Do aeroporto, o cortejo rumará até a Matriz, onde permanecerá em câmara ardente, até as 16 horas, quando será oficiada uma missa de corpo presente e, em seguida, o cortejo fúnebre rumará até o cemitério N.S. da Conceição.



Um dos elementos do equipamento usado, está no meio do crânio de um dos membros da expedição Calleri.

TRIBUNA DO NORTE

DIRETORA RESPONSÁVEL — ANA CECILIA M. PEREIRA
DIRETOR DE REDAÇÃO — ANTONIO R. PEREIRA

ANO II Boa Vista, 4 de dezembro de 1968 Nº 100

EDIÇÃO EXTRA

Prelazia de Roraima Comunicado

A Prelazia de Roraima leva ao conhecimento do público que por ocasião da chegada dos despojos do Rev. Pe. João Calleri, terá lugar o seguinte programa:

10.00 hrs. — Chegada no aeroporto
Logo em seguida, cortejo de carros até a Matriz onde os despojos permanecerão em câmara ardente.

16.00 hrs. — Missa de corpo presente e, em seguida, cortejo fúnebre até o Cemitério Nossa Senhora da Conceição.

N. B. — O DNER põe a disposição do povo as condições para o transporte até o aeroporto. Local da concentração: Praça de Esporte Cap. Clóvis. O cortejo fúnebre até o cemitério será percorrido a pé.



Fonte: Tribuna do Norte, 1968, n. 01

Jornal Tribuna do Norte, 1968, n. 100, cor: tons de cinza, Fotografia retirada do anexo do exemplar da monografia A Construção da BR-174 (1967-1977) e os Uaimiri-atroari, disponível no repositório do Curso de História da UFRR

3.3.8 O JORNAL BOA VISTA

TÍTULO:	Jornal Boa Vista (1973-1983)
Subtítulo	Propriedade do governo do Território Federal de Roraima
Formato:	Tabloide, 6 páginas
Periodicidade:	Semanal
Lugar de Publicação:	Rua coronel Pinto, 234, Boa Vista - Roraima
Proprietário:	Governo do Território Federal de Roraima
Diretores:	Raimundo Wanderley, Lucides Oliveira, Wilson Moraes
Principais redatores e colaboradores	Maria Macaggi, João Alves de Moura, Amanajás Golveira, Antonio Rodrigues Pereira, Valderleide Baraúna, Raimundo Nonato de Lima, Wilson Moraes, Antonio Ederval de Lima
Observações:	

No contexto do regime militar brasileiro, O Jornal Boa Vista circulou entre 1973 e 1983 como porta-voz do governo territorial de Roraima. Apresentava-se como sendo responsável por realizar a difusão da ideologia de “Desenvolvimento, Integração e Segurança” transmitida pelo Governo Federal para as populações da região. O jornal, segundo Rodrigues (1996), era uma vitrine de propaganda das ações realizadas pelo Governo, tendo como objetivo principal conectar a população às notícias de interesses políticos da administração central.

O Governador da época, Coronel Hélio Campos (1970-1974), foi quem resolveu fazer renascer o jornal com o título Jornal Boa Vista: “A equipe encarregada de produzir a edição não teve criatividade para fazer os títulos em tamanho grande e imprimiu o jornal com os títulos feitos em letras manuscritas” (CRUZ, 1998).

O editorial do dia 20 de setembro de 1973 explica em sua capa: "Estamos circulando na terceira edição, em busca de notícias que melhor possam interessar nossos leitores empregamos todo nosso esforço. Não temos pretensão de agradar a todos e reconhecemos as falhas existentes. Os nossos erros são fruto da inexperiência que é passageira. Em breve daremos aos que merecem, um bom jornal”.

O jornalista Laucides Oliveira foi um dos editores. No início não trazia expediente com nome de quem trabalhava nele. Apenas explicava que era um Informativo do Governo de Roraima. Em agosto de 1974, a redatora Maria Macaggi aparece no expediente. Nessa mesma edição aparece Vanderleide Baraúna, outra mulher, na “composição de textos” do Expediente.

O jornal teve os seus últimos exemplares impressos no ano de 1983 quando deixou definitivamente de circular (JUPIRA, 2003).

FIGURA 15 -- Capa do "Jornal Boa Vista", edição nº 18 do dia 15 de junho de 1974

INES MELO - Estudante, 18 anos: " - Chegada na hora certa, para melhor desenvolvimento da juventude e o crescimento de Roraima".

CÉLIO JUNIOR - Estudante, 13 anos: " - Super incrementada iniciativa em favor das crianças e jovens de Roraima".

ANTONIO VIEIRA DA SILVA - Motorista, 36 anos: " - Uma grande iniciativa do Governo para com Roraima".

MÁRIS MOTA GUIMARÃES - Chefe de Gabinete do Governador: " - Sucesso absoluto pela imagem e pelo som de primeira qualidade. Grande iniciativa do Governo, visando a aprimorar a educação e proporcionar lazer ao roraimense".

BENJAMIM MONTEIRO - Disc-Jockey: " - Um "pia" memorável: comunicação pelo seu melhor veículo: Lazer e cultura. Atestado de maior idade, para Boa Vista".

RAMIRO FRANCISCO DA SILVA - Presidente da Associação Comercial: " - Fator de progresso de uma cidade e de desenvolvimento para um povo".

FRANCISCO LINHARES - Líder Comerciante: " - Marca de grande desenvolvimento e fator educacional".

ODETE DE ALMEIDA - Acadêmica de Medicina: " - Chegou no momento exato, quando Roraima alcança pleno desenvolvimento; meio de comunicação e cultura necessário ao roraimense. Promete, pelo que tem mostrado, ser uma brilhante emissora de TV".

WILSON MORAIS - Técnico em Off Set: " - Uma conquista do roraimense, um notável empreendimento do Governo e um fator do nosso progresso".

FRANCISCO, "WALDIR SÓRIANO" no seu ambiente de trabalho: " - Motorista, Ferreiro adepto da Televisão. O que mais acreditou na sua chegada. No dia da instalação da antena, não resistiu e subiu à torre (30 metros), ajudando os operários na sua fixação. Foi o mais eficiente deles e só voltou a pisar em terra firme com o encerramento do trabalho. " - Nossa TV foi o melhor presente da minha vida!", afirmou.

NENE MACAGGI - Escritora e jornalista: " - Ótima, a idéia de termos uma TV! Ela é um atestado vivo de cultura, de interesse e acima de tudo é grande atração para todos - meninos, moços e velhos. E como se fosse a mãe de família ciumentosa é carinhosa chamando seus filhos para se reunirem ao seu redor".

TV - O MILAGRE DA IMAGEM E DO SOM
TV - roraima realidade 74 - a cores público vibrou com a Copa do Mundo

A Televisão finalmente chegou a Roraima. E chegou batendo recordes de tempo, desde a construção civil à implantação do sistema. A edificação, funcional e de belo aspecto estético, ficou pronta em menos de 30 dias. Em dois, a equipe de técnicos instalou todos os equipamentos. O próprio jardim foi plantado em 24 horas. E o roraimense, acostumado a "rastrear" as emissões venezuelanas e portorriquenhas, descobriu - de repente - que suas possantes antenas: basta uma de mesa, para receber a imagem espetacular do Canal 2 - TV RO RAIMA. E a cidade de Boa Vista recebeu a sua televisão, de alta qualidade, com uma sofisticação que bem define o arrojado do empreendimento: TV A CORES.

continua na pag. 5

Jornal Boa Vista
ANO 11
Nº 18
Boa Vista - 15 de junho - 1974

EMPATE AMARGO NA ESTREIA DO BRASIL
placar branco na esperança verde e amarela pag. 4

Elementos do Departamento Técnico da Rádio Roraima recebem instruções sobre a operação da console de áudio e vídeo-tape.

Paulo César, Leivinha e Marinho entoam, na A-Iemanhá, o Hino Nacional Brasileiro. Foto colhida na transmissão de Brasil x Iugoslávia, pela TV-Roraima.

como receba a TV?






Fonte: Jornal Boa Vista, 1974. cor: tons de cinza com vermelho (com a ação do tempo a cor ficou sépia, Fotografia retirada do exemplar encontrado no acervo da biblioteca Nenê Macaggi

3.3.10 O RORAIMA

TÍTULO:	O Roraima (1976-1987)
Subtítulo	Um jornal a serviço da comunidade roraimense
Formato:	Tabloide
Periodicidade:	Semanal
Lugar de Publicação:	Avenida Getúlio Vargas, Boa Vista-Roraima
Proprietário:	Sidney Mendes
Diretores:	Inácio Mendes e Maria S. Marques dos Santos
Principais redatores e colaboradores	Sidney Mendes, Francisco Experidião, Leônidas França, Carlos Alberto, Plínio Vicente, Augusto Matheus, Selby Mendes, Nelson Orofino, e Jaber Xaud
Observações:	

Em 1976, o jornalista Sidney Mendes trouxe sua tipografia de Rondônia para Roraima e lançou o jornal O Roraima – um jornal a serviço da comunidade roraimense, com linha editorial sugestiva: “É batendo que se colhe”. Além de possuir correspondentes nas principais cidades brasileiras, era um jornal de oposição ao governo e tinha com diretor Inácio Mendes (pai de Sidney) e como gerente Maria S. Marques dos Santos.

O Roraima era o jornal mais atuante da capital em sua época. Em razão disso, o dono usufruía de certa influência no governo do estado, que tinha como comandante o governador Getúlio Cruz.

Em virtude de um dos confrontos políticos com as autoridades locais, o jornal teve suas instalações derrubadas por um trator da prefeitura por ordem do prefeito Silvio Leite (CRUZ, 1998). Eleito pelo PMDB, em dezembro de 1985, Silvio Leite assumiu a Prefeitura da capital em janeiro de 1986. Sidnei procurou parceria entre a executiva municipal e a imprensa, mas não chegaram a entendimento. A partir daí, o jornal começa a fazer oposição cerrada.

Em 1987, a relação entre o prefeito e o jornal azedou de vez e em junho de 1987, enquanto os servidores trabalhavam na oficina, máquinas pesadas da Prefeitura Municipal de Boa Vista começaram a derrubar o prédio. Os operadores haviam recebido a ordem diretamente do gabinete do prefeito. A determinação era de pôr o prédio do jornal abaixo, mas a derrubada do prédio se deu de forma parcial, sem prejudicar máquinas e ninguém saiu ferido. Além de mandar derrubar o prédio, o Prefeito também tratou de cassar o alvará de funcionamento do jornal que precisou fechar as portas em Boa Vista, por não possuir licença da municipalidade nem ser inscrito na junta comercial.

FIGURA 16 - Capa do jornal "O Roraima", edição n° 137 do dia 16 de fevereiro de 1979

Edição de hoje: **8** PÁGINAS

O RORAIMA
UM JORNAL PARA O RORAIMENSE
FUNDADOR: INÁCIO MENDES DA SILVA

Prêço do Exemplar Cr\$ 4,00

ANO III BOA VISTA, 16 DE FEVEREIRO DE 1979 NÚMERO 137

Coronel Ottomar Pinto concede entrevista coletiva à imprensa roraimense

Após participar de uma exposição do Governador Fernando Ramos Pereira sobre os trabalhos de sua Administração, realizada no Auditório do Palácio da Cultura, o futuro Governador do Território, Coronel Ottomar Pinto de Souza, da Aeronáutica, concedeu uma entrevista coletiva à imprensa roraimense, ali representada pela Rádio Nacional de Boa Vista, TV Roraima, Jornal O RORAIMA e Jornal Boa Vista. Cavalheirescamente, o Coronel Ottomar de Souza, que deverá assumir a governança do Roraima após a posse do futuro Ministro do Interior, Mário Andreazza, colocou-se à disposição dos Jornalistas, os quais fizeram as seguintes indagações:

— Sr. Coronel, responsável pela rádio-jornalismo de Boa Vista e IV Roraima — Canal 4, foi a primeira a receber o Governador no Auditório do Palácio da Cultura, se tratando de visitas às repartições públicas, além de ser responsável pela transmissão de notícias, como também de entrevistas, etc. poderia dizer alguma coisa dos trabalhos de sua equipe realiza para mudar as bases de Boa Vista para Boa Vista, ou seja, o seguinte respeito:

— "Eu quero agradecer inicialmente a oportunidade que ela me dá em uma cidade esbarradeira à população de Roraima. Quero dizer que os trabalhos que a Equipe que comigo está realizando aqui, estão bem avançados, por que a Equipe contou com a participação entusiasta de toda a Equipe de trabalho do Coronel Fernando Ramos Pereira. Pode observar que aqui em Roraima uma equipe capaz, eficiente, existe uma só: dados, informações, o que facilita sobre esse trabalho que estamos fazendo no Território. O trabalho está avançado, já foram definidas metas, já estão sendo elaborados programas e estamos fazendo auto-comentação desse programa hoje. No futuro, suas viagens que realizou ontem e hoje, o que vi é verdadeiramente reconfortante. A gente vê uma população motivada para a produção, para o progresso, e se pode sentir também, ao percorrer esse Território, que as suas potencialidades são incalculáveis, com condições de se levantar e de caminhar com velocidade e com serenidade para o progresso e desenvolvimento".

Sydnei Mendes da Silva, Diretor do jornal O RORAIMA, assim expressou a sua pergunta: Coronel Ottomar, o senhor confirma a formação do seu secretariado, conforme a divulgação feita pela imprensa amazônica?

— "O que a imprensa amazônica publicou a respeito do meu secretariado, foi para mim uma surpresa. Eu poderia dizer que aquilo que está escrito, a título de colaboração, de sugestão. Confesso que a maioria dos nomes, sem nenhum menosprezo a alguns nomes que ali estão, eu desconheço. Desconheço por que o meu relacionamento com o pessoal do Território não é muito intenso, apesar de haver um relacionamento muito grande com o Território, no espaço físico, com suas obras. Então eu digo, resumindo, que o que a imprensa amazônica publicou não reflete verdadeiramente o ponto de vista, o pensamento, nosso a respeito do secretariado e a Equipe do Governo".

Por fim, o Sr. Mendes da Silva, Diretor do jornal Boa Vista, fez a seguinte pergunta: Coronel Ottomar de Souza Pinto, a Jornal Boa Vista como órgão oficial do Governo, teria interesse em publicar no próximo número do jornal o maior projeto que foi desenvolvido pela Administração do Coronel Fernando Ramos Pereira, tratando o projeto de hidroenergia do Rio-Queer. Se é seu

Governo dará continuidade ao projeto ou o senhor apresentará ao longo de seu mandato alguma alternativa para o problema energético do Território?

— "A pergunta é realmente uma pergunta um tanto quanto controversa, discutível, mas o que posso dizer quanto ao projeto da Hidroelétrica do Rio-Queer, que a administração Ramos Pereira apostou entusiasticamente, é que ele representa uma solução integrada a utilização de uma bacia hidrográfica. Esse projeto merece realmente os maiores elogios e a medida da sua viabilidade de se tornar prática a utilização desse projeto, ele representa a solução ideal para o problema energético e para outros problemas, com o problema aqui do Território de Roraima. Recentemente, nós concordamos em grandes números de dados, com o ponto de vista e com a ideia generosa que inspirou o Governador Ramos Pereira. O ideal será que nós consigamos atingir esse objetivo. Todavia, um projeto dessa envergadura não depende exclusivamente dos recursos do Território. Muito ao contrário, os recursos são alienígenas, muitos vêm de outros órgãos do poder público federal, de modo que se a ELETRO-NORTE, a ELETOBRAS ou a própria PORTALCO não conseguirem mobilizar recursos para levar a cabo esse projeto e oferecer soluções alternativas a curto prazo, que possa ser financiada com devida urgência, de maneira que não venhamos dar-lhe a deus ou Irá a anos, mergulhar no sofrimento do racionamento e na impossibilidade de atender ao reclamo de projetos do Território por não ter potencial energético suficiente para atender a demanda das indústrias, etc. Inevitavelmente nós teremos que partir para as soluções alternativas, mas devo dizer que concordo com a tese do Governador Ramos Pereira e tudo faremos para levar a cabo sua iniciativa, uma iniciativa generosa e que é a solução final, a solução mais adequada à utilização das potencialidades do Rio Branco".

Lamentável atuação dos Correios e Telégrafos em Boa Vista

Agência local do correio, segundo várias reclamações chegam à nossa Redação com uma lamentável atuação em seus serviços, inclusive com um atendimento deficiente com a ausência de funcionários disponíveis por algum

século, os quais nunca são encontrados quando procurados durante o expediente normal daquela Agência.

A lamentável atuação não constata quando uma carta despachada em uma das Agências do Rio Branco, no dia 01 de outubro de 1978 é recebida em Boa Vista

no dia 12 de fevereiro do corrente exercício e quando uma outra, de procedência de Porto Velho, Território de Rondônia, despachada em 11 de novembro do ano passado, é entregue ao destinatário em Boa Vista, dia 7 de fevereiro corrente.

Registramos o fato para que a direção da Agência local tome as providências necessárias para cobrir o abastecimento, uma vez que sempre acreditamos na eficiência dos nossos Correios mas que infelizmente ainda abriga em seus Quadros alguns funcionários que não dão a devida atenção às suas obrigações.

Circo Norte-Africano estréia hoje em Boa Vista

Com falhações saltitantes ao seu picadeiro, o Circo Norte Africano — Circo das Feras, estará em atuação a garotada roraimense na noite de sua estréia hoje, no campo de futebol do GAN.

A partir das 21:00 horas, os que apreciam um bom espetáculo circense, onde se destacam os trapezistas voadores, mágicos, equilibristas e as famosas feras amestradas por seus domadores, não deve perder o grande espetáculo de estréia do Circo Norte Africano, na noite de hoje.

Perigoso estelionatário preso em Boa Vista [Texto na PÁGINA 5]

Fonte: Jornal O Roraima, 1979. cor: tons de sépia, Fotografia retirada do exemplar encontrado no acervo Pessoal do Jornalista Galvão Soares

3.3.11 TRIBUNA DE MUCAJAÍ

TÍTULO:	Tribuna de Mucajaí (1977-1977)
Subtítulo	
Formato:	Tabloide
Periodicidade:	Semanal
Lugar de Publicação:	Mucajaí
Proprietário:	Sidney Mendes
Diretores:	Rui Figueredo
Principais redatores e colaboradores	Pericles Perruci, Francisco Experidião, Carlos Simões
Observações:	

Sidney Mendes ainda tentou continuar na carreira jornalística, lançando em 1977 o jornal Tribuna de Mucajaí, jornal que teve vida efêmera, vindo a fechar meses depois por conta de mudança de Estado do proprietário.

A história encontrada é que meses depois de ter seu prédio derrubado, O Roraima estava de volta as bancas de Boa Vista, após seu proprietário Sydnei Mendes transferir maquinário e profissionais para a cidade de Mucajaí, distante 53 quilômetros de Boa Vista. O nome também mudou e o jornal passou a se chamar Tribuna de Mucajaí. De edições diárias, passou a ser confeccionado uma vez por semana, com edições dispostas em bancas todos os domingos (CHAGAS, 2008).

O jornal tinha apenas três profissionais e as matérias eram colhidas ao longo da semana em Boa Vista e editadas em Mucajaí no sábado para estar no domingo nas bancas.

Quando os jornalistas foram informados da morte do prefeito Sílvio Leite ficaram apreensivos por conta da briga com o dono do jornal.

No entanto, Silvio Leite tinha tido durante um ano e meio que foi prefeito, desentendimentos com uma grande parcela de pessoas e as possibilidades eram bastante abrangentes de retaliação, o que terminou ocorrendo.

Com a morte de Silvio Leite mudou o panorama político, o diálogo entre a Prefeitura e o jornal se restabeleceu. Algumas negociações foram feitas até que chegaram à convergência. Quando se selou acordo, os funcionários da Tribuna de Mucajaí acharam que teriam seus salários reorganizados pois estavam há três meses sem receber. Mas Sydnei desapareceu da cidade assim que recebeu o dinheiro do poder público (CHAGAS, 2008).

FIGURA 17 - Capa do jornal “Tribuna de Mucajai”, do dia 21 de agosto de 1977



Fonte: Jornal “Tribuna de Mucajai”, 1977. cor: tons de sépia, Fotografia retirada do exemplar encontrado no acervo do Instituto Durango

3.3.12 O OBSERVADOR

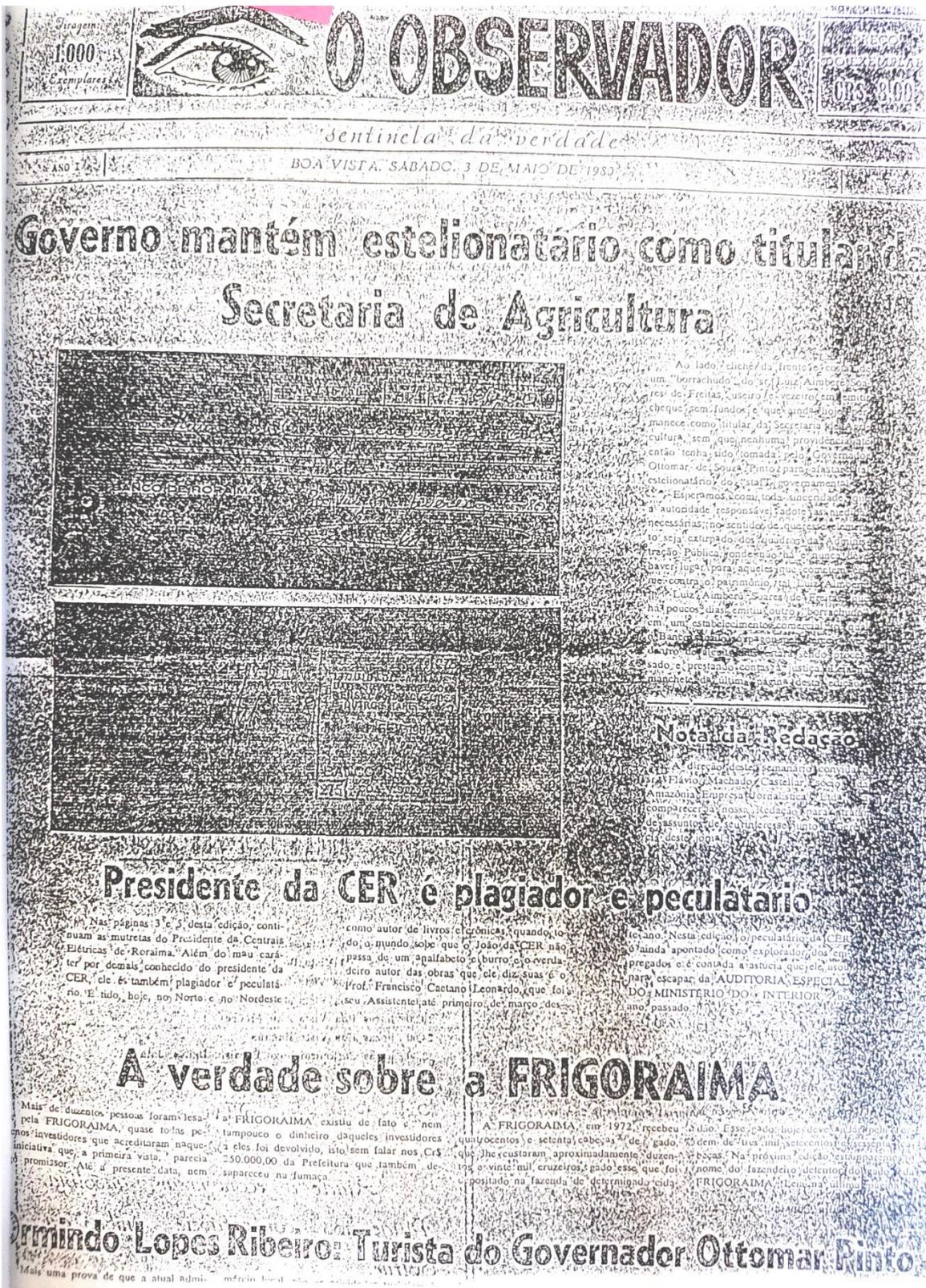
TÍTULO:	O Observador (1978-1980)
Subtítulo	Sentinela da Verdade
Formato:	A4
Periodicidade:	Semanal
Lugar de Publicação:	Boa Vista
Proprietário:	Sílvio de Castro Leite
Diretores:	Sílvio de Castro Leite
Principais redatores e colaboradores	José Machado de Oliveira e Sílvio Sebastião de Castro Leite
Observações:	Utilizou o jornal para conseguir apoio político na campanha para prefeito de Boa Vista, sendo eleito e em seguida assassinado

Em 1978, foi impresso o jornal O Observador – Sentinela da Verdade. Seu fundador foi o amazonense Sílvio de Castro Leite, que como de praxe no meio político local utilizou-se do jornal como meio de veiculação e apoio político na campanha para prefeito a que foi eleito prefeito de Boa Vista (SOARES, 1998).

Em um discurso no Senado Federal, o deputado Freitas Nobre (PMDB) citou o fato do Governador do Território de Roraima, pedir instauração de inquérito na Polícia Federal contra os jornalistas José Machado de Oliveira e Sílvio Sebastião de Castro Leite, redatores do jornal O Observador. Esse inquérito serviu de base para a instauração de ação penal perante a 12ª Circunscrição Judiciária Militar. Os jornalistas impetraram ordem de habeas corpus junto ao Superior Tribunal Militar que lhes deu ganho de causa, pondo fim ao procedimento penal militar.

De acordo com o relato do jornalista Laucides Oliveira, o jornal foi o impresso de oposição com uma maior influência política neste ano, também combatido de forma até violenta pelo ex-governador Ottomar Pinto (1979-1983). Sílvio Leite foi assassinado em 1987 em uma emboscada (RODRIGUES, 1986).

FIGURA 18 – Capa do jornal “O Observador”, edição nº 3 de maio de 1980



Fonte: Jornal “O Observador”, 1980. cor: tons de sépia, em péssimo estado de conservação. Fotografia retirada do exemplar encontrado no acervo do Jornalista Galvão Soares

3.3.13 FOLHA DE RORAIMA

TÍTULO:	Folha de Roraima (1980-1982)
Subtítulo	Um jornal a serviço de Roraima
Formato:	A4, tabloide e Compacto
Periodicidade:	Semanal
Lugar de Publicação:	Boa Vista - Roraima
Proprietário:	João Batista de Melo Alencar
Diretores:	João Batista de Melo Alencar
Principais redatores e colaboradores	Amazonas Brasil, Mauricio Seabra, Teka,

Nesse período áureo para os jornais de Roraima surgiu em 1980 a Folha de Roraima – um jornal a serviço de Roraima, com tiragem inicial de mil exemplares. Com linha editorial combativa, tinha em seu quadro de redatores Amazonas Brasil, escritor e ex-conselheiro do Tribunal de Contas do Estado de Roraima (TCE/RR), morto em 2010 aos 73 anos. A intenção desse jornal era fazer oposição declarada ao governador da época, o brigadeiro Ottomar Pinto.

O mais interessante ainda é que o jornal era vendido na Banca de Revista Valcira tinha suas edições esgotadas em pouco tempo, pois pessoas ligadas provavelmente ao governador compravam em grande quantidade como forma de impedir que os demais leitores tivessem acesso ao jornal.

O jornal Folha de Roraima traz duas edições encontradas com formatos diferentes e somente na Edição que trata da morte de João Alencar, diretor do jornal é que traz um expediente, somente com o nome dele.

Em 1982, o jornalista proprietário e responsável pelo jornal João Batista de Melo Alencar, foi assassinado a tiros, cessando abruptamente as edições do jornal. Coincidência ou não o assassinato do jornalista deu-se após a publicação da matéria “Queremos esta cabeça fora de Roraima” destacada com a fotografia do rosto do Governador Ottomar, edição do final de novembro de 1982, dias depois o jornalista foi morto (SOARES, 1998).

Ottomar foi acusado de ser um dos dois homens que contratou os pistoleiros que assassinaram o jornalista, levando a remoção de Ottomar do cargo pelo então presidente João Figueiredo (VEJA, 13/04/1983). Já que os ricos e poderosos no Brasil são raramente levados a julgamento ou declarados culpados por algum tipo de má conduta, a falta de consequências judiciais no caso não fornece praticamente nenhuma indicação de correta ação (ou não) da condenação que a imprensa fez naquele tempo (FEARNSIDE; IMBROZIO, s/d).

FIGURA 19 – Capa do jornal “Folha de Roraima”, edição nº 30 do dia 10 de maio de 1982



Fonte: Jornal “Folha de Roraima”, 1982. cor: Preto e branco e tons de sépia, em bom estado de conservação. Fotografia retirada do exemplar encontrado no acervo pessoal do Professor Carlos Alberto Pavelegini de Medeiros Pesquisador e Historiador

3.3.14 A GAZETA DE RORAIMA

TÍTULO:	A Gazeta Feminina (1981-1982); A Gazeta (1982-1983); A Gazeta de Roraima (1988-1992)
Subtítulo	Um jornal a serviço de Roraima
Formato:	Tabloide, compacto
Periodicidade:	Mensal - Semanário
Lugar de Publicação:	Gráfica Bezerra de Menezes, Boa Vista-Roraima
Proprietário:	Fernando Quintella
Diretores:	Fernando Quintella
Principais redatores e colaboradores	Kátia Brasil, Plínio Vicente da Silva, Ester Bastos, Anísio Fernandes, Fabíola Guimarães, Sérgio Fortes, Vilmar Brito,
Observações:	Venceu o Prêmio Esso m 1991

Fundado no fim de 1981, o jornal começou com proposta diferente ao mercado de jornais do então Território Federal de Roraima. A linha editorial seria voltada ao público feminino, segmento esquecido pelos veículos de comunicação existentes à época, todos prioritariamente direcionados ao noticiário político.

A primeira edição circulou no dia 12 de dezembro de 1981 e teve o título Gazeta Feminina. Impresso na Gráfica Bezerra de Menezes, em Boa Vista, tratava-se de mensário tamanho tabloide (32cm x 43cm), com 12 páginas, sendo a primeira e a última coloridas. O tema da capa era o período natalino. Dicas de moda, receitas para o período de festas, decoração, enfim, material compatível com a proposta, embora duas páginas sobre futebol mostrassem confusão editorial. No Expediente, apenas o nome feminino de Lucrecia Guimarães na “Composição”. A página 2 foi a única página em toda a edição com nome de mulher assinando artigo pela escritora Nenê Macaggi. Segundo o editorial, de Fernando Quintella, a Gazeta Feminina nascia um jornal dedicado à mulher, “um órgão de Imprensa que tem como linha editorial a boa informação, o debate do assunto polêmico, a moda, a culinária, a consulta jurídica”. Afirmou que não seria um “jornal feminista”, mas sim “feminino”.

A segunda edição, em fevereiro de 1982, veio com modificações. O jornal passou a ser impresso no Rio de Janeiro, com tamanho reduzido (36cm x 28cm). O tema era o carnaval, com noticiário sobre a programação de bailes e desfiles na capital. O editor insistia no assunto futebol. A rejeição ao jornal era grande. O título Gazeta Feminina afastava leitores do sexo masculino, embora houvesse conteúdo destinado aos homens (o tal futebol...). nessa edição não consta mais nenhum nome feminino no Editorial.

Como principal providência, a partir da edição de abril (não houve edição em janeiro e março) o título do jornal passou a ser A Gazeta. O noticiário ficou mais variado, embora houvesse duas páginas dedicadas às mulheres. Também nesta edição estreou a coluna social assinada pelo advogado Paulo Marcelo. O Expediente não traz nenhum nome feminino. O Editorial justifica que a mudança ocorreu depois de uma pesquisa junto aos eleitores, que “não admitiam alguns assuntos, como futebol, ou mesmo publicidade que – segundo seu enfoque – não tinham nada a ver com a mulher”.

Ainda em 1982, as cores da capa sumiram devido ao custo de impressão. O jornal passou a ter noticiário político, pois era ano eleitoral. Houve boa cobertura do antes e depois das eleições de novembro, com a publicação do perfil dos quatro deputados federais e onze vereadores eleitos na capital, inclusive com fotos. A partir daí, nunca mais a política deixou de se fazer presente na linha editorial do jornal. Em alguns momentos importantes, a cobertura do setor tomou conta de quase todo o noticiário.

A segunda grande virada veio em 1º de outubro de 1983, quando o jornal passou a ser semanário, novamente impresso na Editora Bezerra de Menezes. Com a linha editorial consolidada, os assuntos variavam bastante. Conflitos pela demarcação de áreas indígenas, crimes vinculados à política, a gangorra dos grupos políticos, eleições diretas para as prefeituras (1985), fechamento do Banco de Roraima, tudo isso mostrava a dinâmica do território a caminho do novo estado.

Em abril de 1988, a mudança pegou novamente o título. O jornal passou a se chamar A Gazeta de Roraima, com a novidade do Caderno G, segundo caderno de variedades e cultura. Todas as eleições do período tiveram boa cobertura do jornal. Em 1991, a reportagem Bandeira Brasileira Hasteada na Fronteira, de autoria da repórter Kátia Brasil, é vencedora do Prêmio Esso Regional Norte daquele ano. Foi a primeira e única vez que um jornal dos antigos territórios federais ganhou o prêmio nos 65 anos de existência. O Jornal fechou as portas em 1992.

FIGURA 20 – Capa do jornal “A Gazeta de Roraima”, edição n° 354 do dia 22 a 28 de novembro de 1991



Fonte: Jornal “A Gazeta de Roraima”, 1991. cor: Sépia, em bom estado de conservação. Fotografia retirada do exemplar encontrado no acervo pessoal do jornalista Fernando Quintella

3.3.15 FOLHA DE BOA VISTA

TÍTULO:	Folha de Boa Vista (1983)
Subtítulo	Um jornal Necessário
Formato:	Standard
Periodicidade:	Diário
Lugar de Publicação:	Rua Lobo d Almada 54 São Francisco – Boa Vista Roraima
Proprietário:	Getúlio Cruz
Diretores:	Paula Cruz
Principais redatores e colaboradores	Vários ao longo dos 36 anos. Fernando Estrela, Cosete Spíndola, Sônia Tarcitano e Cícero Cruz Pessoa
Observações:	

No que diz respeito ao jornal “Folha de Boa Vista”, este teve a sua primeira edição em circulação em 21 outubro de 1983. No início, circulava apenas com uma edição semanal e ainda era impresso em Manaus. Os idealizadores do jornal foram os jornalistas: Fernando Estrela, Cosete Spíndola, Sônia Tarcitano e Cícero Cruz Pessoa.

Em 1998, quando Getúlio Cruz saiu do Governo do Estado, o jornal “Folha de Boa Vista” atravessava mais uma crise financeira. Esta crise provocou a rendição dos sócios à proposta de compra por parte do então ex-governador. Getúlio impôs um novo estilo ao jornal, que voltou a circular três vezes por semana, dispensando parte dos funcionários.

Mesmo assim, Soares (1998) diz que as dificuldades financeiras permaneceram, pois além de tudo ainda concorria com o jornal “O Estado de Roraima”. A intuição do novo proprietário da Folha de Boa Vista, alinhada à percepção de mercado e perfil dos leitores, fizeram o jornal consolidar algumas mudanças para circulação permanente por quase 30 anos.

O caráter familiar atribuído à empresa fez com que, aos poucos, a “Folha de Boa Vista” fosse conquistando o mercado e se consolidando até transformar-se no veículo de comunicação impresso mais expressivo do estado”.

No auge da crise, o proprietário Getúlio Cruz resolveu colocar azul no nome da Folha e criar o slogan, “Jornal Necessário”. A linha editorial é de defesa do interesse regional envolvendo os interesses econômicos, políticos e sociais. O jornal deixou de circular na forma impressa em 2020 e hoje é apenas digital.

FIGURA 21 – Capa do jornal “Folha de Boa Vista”, edição nº 463 do dia 17 de agosto de 1988



Fonte: Jornal “Folha de Boa Vista”, 1988. cor: Sépia, em bom estado de conservação. Fotografia retirada do exemplar encontrado no acervo pessoal do jornalista Galvão Soares

3.3.16 TRIBUNA DE RORAIMA

TÍTULO:	Tribuna de Roraima (1986)
Subtítulo	O Jornal dos municípios
Formato:	Standard
Periodicidade:	Semanário
Lugar de Publicação:	Gráfica Bezerra de Menezes, boa vista Roraima
Proprietário:	Rubem de Lima Filho
Diretores:	Péricles Perruci, Élson Ney Rodrigues
Principais redatores e colaboradores	Péricles Perruci, Élson Ney Rodrigues e Plínio Vicente, Afonso Rodrigues, Rio Branco Brasil, Nelson Orofino
Observações:	

Em 1986, surgiu o semanário Tribuna de Roraima, de propriedade do empresário Rubem de Lima Filho, editado pelos jornalistas Péricles Perruci, Élson Ney Rodrigues e Plínio Vicente. Entre os proprietários do jornal “Tribuna de Roraima” estava um ex-diretor do “Jornal Boa Vista”, de forma que, mesmo em mãos de particulares, tinha em muito as funções do anterior.

Este periódico em termos de noticiosos foi pouco marcante em relação aos impactos políticos dos demais jornais que existiram antes. Seu jornalismo era moderado e passava a impressão ao leitor de ser um jornal apolítico, mas na verdade prestava apoio ao governador Getúlio Cruz (SOARES, 1998).

No editorial da sua primeira edição, em 11 de abril de 1986, o Tribuna de Roraima informa que seu principal objetivo é integrar através da comunicação escrita todos os municípios do território. Afirmava ainda que queria contribuir levando o povo roraimense informações de todos os rincões do Território, e que esperava contar com apoio e simpatia de autoridades para bem utilizar o veículo de comunicação

O Jornal em várias de suas edições tecia críticas ao modo como a imprensa era tratada relembrando os idos da Ditadura Militar em casos como prisão de jornalistas, ameaças e principalmente dando bastante destaque a tentativa do prefeito Silvio Leite de derrubar o jornal O Roraima, de propriedade do jornalista Sidney Mendes.

FIGURA 22– Capa do jornal “Tribuna de Roraima”, edição n° 34 de 05 de dezembro de 1986



Fonte: Jornal “Tribuna de Roraima”, 1986. cor: Sépia, em bom estado de conservação. Fotografia retirada do exemplar encontrado no acervo do jornal Folha de Boa Vista

3.3.17 A CRÍTICA DE RORAIMA

TÍTULO:	A CRÍTICA DE RORAIMA (1986-1990)
Subtítulo	
Formato:	Standart 12, 8 páginas
Periodicidade:	Diário
Lugar de Publicação:	Boa Vista, Roraima
Proprietário:	Rede Calderaro de Comunicação
Diretores:	Laucides Oliveira
Principais redatores e colaboradores	Laucides Oliveira, Feutmann Gondim
Observações:	

A Crítica de Roraima que surgiu em 1986, após a Rede Calderaro de Comunicação do Estado do Amazonas lançar o jornal como novo projeto de comunicação em Roraima. O jornal não tinha pretensão política, e foi aberto pelo fato de os donos da empresa terem projetos de abrir um canal de rádio e televisão. Como não conseguiram a concessão do canal, que foi dividida entre os políticos locais, resolveram fechar o jornal. Com circulação diária em tamanho standard 12, com oito páginas e matérias nacionais do Amazonas e estrangeiras, o periódico ficou em circulação até novembro de 1990, comandado por Laucides Oliveira (CRUZ, 1998).

O começo não foi fácil, sem equipamento Laucides teve que se virar e resolver os problemas que iam surgindo, sendo que a inauguração do jornal era o primeiro deles, visto que no dia 19 de abril de 1988, seria o aniversário da Crítica do Amazonas. Apesar do curto espaço de tempo, eles conseguiram:

O que inviabilizou a Crítica no estado, é que Calderaro levando em conta sua potencialidade política na região, em Brasília e a amizade com Antônio Carlos Magalhães, ministro da comunicação naquela época, tinha certeza de que iria conseguir um canal de rádio e televisão. Quando Laucides avisou a ele que os canais tinham sido distribuídos entre os políticos locais, Calderaro não acreditou e um dia de novembro de 1990, telefonou e disse: Laucides, muito obrigado a você e ao pessoal, vamos fechar o jornal, não me interessa ficar só com um jornal aí (CRUZ, 1998, p.35).

As edições do jornal foram difíceis de serem encontradas e a mestrandia teve acesso apenas a dois recortes de páginas do acervo do Povos Indígenas de Roraima datadas de 21/1-/1988 e 26/04/1988 que falam sobre a situação indígena de Roraima, a invasão de terras e a morte de índios. Também teve acesso a duas capas do jornal que estavam no acervo do Museu de Roraima, mas por conta da pandemia e do fechamento do museu ficou impossibilitada de retornar ao local para continuar a pesquisa

FIGURA 23 – Capa do jornal “A Crítica de Roraima”, edição n° 105 de julho de 1987



Fonte: Jornal “A Crítica de Roraima”, 1987. cor: Sépia, em bom estado de conservação. Fotografia retirada do exemplar encontrado no acervo do jornal Folha de Boa Vista

3.3.18 DIÁRIO

TÍTULO:	DIÁRIO (1987-1995)
Subtítulo	Um jornal a serviço de Roraima
Formato:	Standart
Periodicidade:	Semanal, diário
Lugar de Publicação:	Boa Vista
Proprietário:	Mozart M da Silva
Diretores:	Exedito Perônico
Principais redatores e colaboradores	Gonzaga de Andrade, Humberto Silva, Maria de Lourdes Carvalho, Exedito Perônico, Chagas Neto, Manoel Lima, Wilson Barbosa
Observações:	

O Jornal de Roraima depois de um ano mudou o nome para Diário de Roraima e o dono era Mozart M da Silva, deixando de circular em 1994. Em 1995 voltou a circular, passando a se chamar O Diário.

A equipe do jornal era formada por 42 pessoas, sendo 17 repórteres e diretores e 25 da equipe de apoio. Os jornalistas acreditam que a empresa pertencia ao ex governador Ottomar de Sousa Pinto tendo sido passada depois para o governador Neudo Campos.

A diretora administrativa era Lourdes Carvalho. Exedito Peronico era diretor de redação, Humberto Silva editor executivo, Gonzaga de Andrade secretario de redação. Manoel Lima editor de política, Wilson Barbosa repórter policial, e os repórteres Eudiene Martins, Leila Camargo, Edjane Matias, Neuraci Lima, Francisco Espiridião, Jonas Elmore, Jessé Souza, Ester Bastos, Fernando Matos, Chagas Neto diretor comercial e José Alves departamento comercial.

Tinha uma linha de oposição ao grupo do ex-senador Romero Jucá, apesar de quando tinha algo errado nas obras do governo do Estado, na gestão de Neudo Campos, eram feitas matérias com críticas.

Uma das matérias mais emblemáticas foi relacionada a prostituição infantil no Airton Senna, que seria a primeira denúncia deste tipo em Roraima. Mas quando descobriram que políticos, empresários e pessoas influentes no estado que faziam parte do esquema, todo o material feito, inclusive filmagens foi descartado e os jornalistas foram proibidos de seguir adiante com as denúncias.

FIGURA 24 – Capa do jornal “O Diário de Roraima”, edição nº 4 do dia 20 de fevereiro de 1986



Fonte: Jornal “O Diário de Roraima”, 1986. cor: Sépia, em bom estado de conservação. Fotografia retirada do exemplar conservado no acervo do Museu de Roraima

3.3.19 O JORNAL

TÍTULO:	O JORNAL (1988-1990)
Subtítulo	O jornal da integração Brasil Venezuela
Formato:	Standart
Periodicidade:	Semanal
Lugar de Publicação:	Boa Vista, Roraima
Proprietário:	Fernando Estrella
Diretores:	Fernando Estrella e Rui Figueiredo
Principais redatores e colaboradores	Rui Figueiredo, Fernando Estrella, Sávio Mourão, Luzia Pereira da Silva.
Observações:	

Já no final da década, apareceu O Jornal – O jornal da integração Brasil Venezuela, surgido depois que Fernando Estrella vendeu a Folha de Boa Vista para Getúlio Cruz. Estrella fundou o jornal em sociedade com o governador do Território Ottomar Pinto, por meio de contrato de compra e venda, onde determinava que o Jornal iria ser usado pelo gerente administrativo, no caso Estrella. O objetivo do contrato era ‘distribuir jornal noticioso e publicitário’. O capital social era de 300 mil cruzados.

A sociedade foi criada em julho de 1986 e desfeita em janeiro de 1990. Fernando Estrella explica que quando fundou ‘O Jornal’ que circulou em primeira edição no dia 22 de agosto de 1988, a equipe de produção era composta por dois jornalistas Rui Figueiredo e Fernando Estrella, além de um revisor, um montador e mais três pessoas de apoio:

Abri uma sucursal na cidade de Santa Helena do Uairém (Venezuela) com o sub-título Jornal da Integração Brasil-Venezuela. O jornal deixou de circular porque fui para Brasília (...) quando voltei não tive mais interesse (...) tinha que ter uma equipe formada e eu estava um pouco descapitalizado e resolvi, não vou mais investir em jornal (CRUZ, 1998, p. 36).

O jornalista cedeu a primeira edição para este trabalho e explicou que o jornal ia dar suporte político na época para ottomar Pinto que acreditava necessitar de apoio da imprensa para sua campanha. Ele também teria utilizado o jornal para atacar adversários políticos.

FIGURA 25 – Capa do jornal “O Jornal”, edição n° 148 do dia 27 de outubro de 1992

O JORNAL

ANO V - EDIÇÃO Nº 148

Bom Vista, 27 de Outubro de 1992

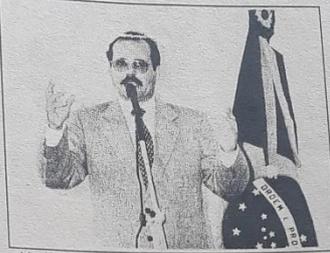
Preço Único 1.500,00

Jornalista Responsável Fernando Estrella

Legislativo quer moralizar salários do Judiciário que já chegam a Cr\$ 130 milhões/mês

Judiciário faz seminário

O Tribunal de Justiça de Roraima (TJR) realizou a II Semana de Estudos Jurídicos. O evento contou com a participação de magistrados e professores de Direito de três Estados brasileiros. O presidente do TJR, desembargador Roberio Nunes dos Anjos, ressaltou a importância do acontecimento para a divulgação das novas técnicas do Direito para os profissionais da área. Entre os participantes estavam desembargadores, juizes, advogados, professores e alunos de Comunicação.



Almir Sá é o relator

O Deputado estadual Almir Sá, relator do Projeto de Lei sobre os vencimentos do Poder Judiciário estadual, declarou que a ALE vai mexer nas vantagens e nos benefícios do Judiciário. Ele assegura que é prerrogativa dos parlamentares regular os valores destes vencimentos, de acordo com a realidade do Estado.

O presidente do Tribunal de Justiça de Roraima, desembargador Roberio Nunes dos Anjos, defende a manutenção dos valores pagos atualmente, que fazem os salários dos desembargadores chegarem a Cr\$ 130 milhões. Ele alega que a redução nos vencimentos pode comprometer a independência do Judiciário.

(Página 03)

Ottomar garante que consumidores não pagarão instalação elétrica

O governador Ottomar Pinto anunciou que a Eletronorte, em parceria com o governo do Estado, deverá fazer as ligações domiciliares de energia elétrica no bairro Cauamé, totalmente sem ônus para os novos consumidores. Os moradores do Cauamé fizeram uma autêntica festa, na noite da última quarta-feira, para receber o governador Ottomar Pinto, que inaugurou a luz elétrica no bairro, uma das antigas aspirações da comunidade.

Acompanhado de secretários estaduais e dirigentes de empresas do governo, Ottomar Pinto informou também aos moradores do Cauamé que a Eletronorte não deverá proceder cortes nas contas de luz que estão em atraso. Numa conversa do governador com a direção local da empresa ficou acertado que a Eletronorte não fará o corte e o governo deverá assumir esse ônus.

Página 8

Guangue ataca comerciário na rua

Uma gangue de marginais tentou matar o comerciário Francisco Edson Castro Ribeiro (avenida Getúlio Vargas 207 - Centro) na noite de sábado, dia 17. A tentativa ocorreu quando Francisco saía do bar Garrafão, que fica localizado na avenida Ville Roy, no bairro de São Vicente.

A queixa foi registrada no Plantão Central de Polícia pela irmã de Francisco, Francely de Castro Ribeiro, 26 anos. Ela teme que os marginais tentem novamente matar seu irmão. Segundo ela, tudo começou com uma briga de bar entre Francisco Edson e um outro rapaz também chamado Francisco, que havia prometido vingança.

Página 8

Petita Brasil anuncia atrações para VII Femur

O VII Festival de Música de Roraima (VII Femur), que ocorrerá no dia 22 de dezembro, vai ter como uma das atrações principais a apresentação do grupo Venezuelano "Venezuelas Danzas Monagas". Um outro show cogitado é o da empresa paulista Promoarte, do apresentador Gugu Liberato, que dispõe de 10 artistas diferentes. O custo do Festival está estimado em Cr\$ 300 milhões.

(Página 04)

Coligação espera nova eleição

Os integrantes da Coligação esperam uma nova eleição por Caracarái, pelos partidos PRP, PSB ainda aguardam uma decisão da Justiça na questão dos municípios. O candidato prefeito Antonio Reis em entrevista que o advogado Coligação ao dar entrada no processo de anulação do Tribunal Superior Eleitoral, em Brasília o processo desenvolvido para o TRF em Brasília para que o julgamento na primeira instância fosse feito em Brasília e dependendo do resultado, assim pudesse ser feito em Brasília. Para Anacleto, dar entrada primeiro processo em Boa Vista é perda de tempo, já que os processos são ganhos pelo governador do Estado.

Página 6

Polícia registra casos de abandono do lar

Esta semana foram registrados dois casos de abandono do lar no Plantão Central de Polícia. Um no bairro Asa Branca e outro no Asa Quei Clube. Enquanto uma das esposas lavando a roupa de 11 anos, a outra deixou o marido com os filhos. De acordo com informações de fontes da Delegacia de Defesa da Mulher, o caso deve ser investigado, pois em muitos casos as mulheres são maltratadas.

Página 08

Deputado diz que assessor não tem moral

O deputado Sérgio Moreira (PSDB), disse em seu gabinete que Mateus não tem moral para lhe criticar. É um subserviente e o chefe de Ottomar Pinto, secretário de Indústria, Justiça e Meio Ambiente. Roberio Nunes dos Anjos.

Segundo o parlamentar este moço está fazendo campanha com o dinheiro público nas mãos com clientelismo e tratando os indígenas, legados e outros. Outros de suas várias promessas é fazer as comunidades um pouco e isto ele não tem condições de realizar.

Página 2

Fonte: Jornal “O Jornal”, 1986. cor: Sépia, em bom estado de conservação. Fotografia retirada do exemplar encontrado no acervo do Museu de Roraima

CAPÍTULO 4 – RORAIMA: A POLÍTICA NOS JORNAIS EM NÚMEROS

4.1 OS JORNAIS DO RIO BRANCO E A POLÍTICA NA CONSTRUÇÃO DA PESQUISA

No período em que o município do Rio Branco pertencia ao Amazonas, foram encontrados registros nessa pesquisa da existência de 10 jornais que teriam passado pelo local, sendo que sete deles conseguimos encontrar exemplares em museus e em coleções particulares de outros locais pesquisados.

Com habituais quatro páginas, nenhum deles teve de fato, uma periodicidade regular e pouco tempo sobreviveram, alguns com apenas duas edições registradas, ou com duração de menos de um ano. A dificuldade de preservação tornou quase impossível a manutenção no tempo de cópias de mais de um exemplar de cada um desses jornais. Desses jornais que passaram pelo município do Rio Branco cinco eram manuscritos e cinco impressos e mesmo tendo um texto infinitamente mais restrito do que os impressos, havia no manuscrito a expectativa de inclusão de público e o desejo de atingir o destinatário da mensagem.

A limitação em função da tecnologia – a escrita à mão tomando como ferramenta possível as canetas ou lápis e a tinta e o papel – induzia a maneiras de apreensão dos sentidos que revelam a construção de sociabilidades relacionadas aos modos de comunicação.

A utilização do papel almaço sem pauta, de textura mais fina, deixava vazar a letra manuscrita de um lado para o outro dificultando a leitura. Para organizar o jornal, entretanto, utilizavam alguns recursos que a caneta feita de pena de ave manejada por mãos de letrados hábeis permitia. Assim, separavam as colunas por fios (usando a maioria das vezes a régua para permitir o traço milimetricamente reto) e empregar letras góticas no título do jornal além de abusarem de fios simples ou rebuscados.

Os textos eram escritos em letras cursivas, num traçado regular, inclinadas para a direita e espaçadas na linha, o que facilitava a compreensão. Essas características se repetem no Caniço, no Tacutu, na Escova, que eram manuscritos e tinham toda uma organização gráfica e visual.

QUADRO 3 - Estilo Gráfico e Materialidades dos jornais do período

	Tipo de papel	N. de colunas	Tipologia	Destaques
O Caniço	Papel almaço de baixa gramatura	2 colunas separadas por um traço livre e com o uso de margem nos dois lados do papel	Letra gótica em tamanho maior para títulos e cursiva para o texto	Nome do jornal em letras góticas desenhadas; Títulos simples; Fios simples; sem rasuras ou erros aparentes
O Tacutu	Papel almaço de baixa gramatura	2 colunas separadas por um fio feito com régua, com o uso de uma margem menor do lado direito	Letra cursiva e itálica para títulos e para o texto	Nome do jornal em letra cursiva; Títulos com mesma tipologia em tamanho igual ao do texto; Fios simples separando as notas do texto
A Escova	Papel almaço de baixa gramatura	Uma edição com 2 colunas e outra com 3 colunas separadas por fios simples entre as colunas e as notas	Letra cursiva itálica no texto e nos títulos	Nome do Jornal em letra de forma maiúscula rebuscada e em tamanho maior do que o texto e os títulos do mesmo tamanho do texto em letras cursivas itálicas
O Bem-te-vi	Papel Madeira	2 colunas separadas por um traço simples e outros traços simples separando as notas	Fonte tipográfica desenhada com diferenciação entre os títulos e o texto	Nome do jornal em tipografia de forma maior, separado do estilo usado no texto e nos títulos, com informações sobre o objetivo e os proprietários
Rio Branco	Papel Madeira	3 colunas separadas sem traços. Traços simples, pontilhados ou rebuscados separando as notas	Fonte tipográfica com diferenciação entre os títulos (em negrito e fontes diversas e maiúscula) e o texto	Nome do jornal em letra de forma maior e rebuscada, separado do estilo usado no texto e nos títulos das notas
Jornal do Rio Branco	Papel Madeira	4 colunas separadas por um traço simples e outros traços simples, duplos e signos diferentes separando as notas	Fonte tipográfica italiana com diferenciação entre os títulos (em negrito e maiúsculos) e o texto.	Nome do jornal em letra de forma maior e sem rebuscamento, separado do estilo usado no texto e nos títulos das notas. Fonte do texto italiana, com falta de sinais nas palavras
O Rio Branco	Papel Madeira	4 colunas separadas por traços simples e outros traços simples separando as notas	Fonte tipográfica com diferenciação entre os títulos (em negrito, letra de forma e fontes diversas) e o texto	Nome do jornal em letra de forma em tamanho maior e negritada, separado do estilo usado no texto e nos títulos das notas

Fonte: Autoria Própria

Um dos problemas encontrados durante a pesquisa foi o da degradação e da perda dos jornais impressos e manuscritos, problema detectado tanto em Roraima quanto no Amazonas, onde fizemos uma parte inicial da pesquisa em busca de recuperar os jornais do período em que pertencemos ao Território. Em Roraima, conseguimos recuperar exemplares dos manuscritos Tacutu e Caniço que estavam no acervo do Museu de Roraima, mas sem nenhum tipo de documentação

comprobatória. Como tínhamos achado em uma monografia de 1996, imagens anexas de exemplares de jornal, utilizamos para tentar encontrar junto ao único funcionário do setor, alguma memória da passagem desses jornais pelo local. Depois de dois dias de buscas ele conseguiu achar na parte de documentação os exemplares que nem sabia que tinha no Museu.

Em Manaus, capital do Amazonas, a busca não foi diferente. A Biblioteca Estadual não permite o acesso ao acervo, informando que os jornais estão em local insalubre e sem nenhum tipo de proteção.

Após buscas em mais de 10 bibliotecas e centros particulares, conseguimos achar exemplares de periódicos no Centro de Povos Indígenas e no Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas. No Centro Indígena, o trabalho de recuperação da memória é exemplar e quase toda a coleção está digitalizada e de fácil acesso em sistemas de buscas. No IGHA, a situação é um pouco diferente. O local não tem nenhum tipo de sistema de digitalização dos jornais, apesar de ter uma coleção enorme e está fechado por falta de recursos. O acesso é complicado, precisa ter hora marcada e não existe um registro completo de onde os jornais estão nas pastas, sendo preciso um tempo maior de pesquisa no local para se encontrar os exemplares. Pretende-se retornar ao local no andamento da pesquisa. Portanto, a escolha dos periódicos a serem analisados nessa fase ocorreu levando-se em consideração o acesso as edições disponíveis encontradas pelo pesquisador em suas buscas. Considerando os períodos de origem dos jornais incluídos neste estudo, a análise perpassa um período histórico de 40 anos, iniciando em 1907 e encerrado em 1947.

Apesar disso conseguimos recuperar a história de 7 periódicos que circularam no período de pertencimento ao Amazonas, encontrados durante o mapeamento deste estudo em bibliotecas, centros de pesquisa e coleções particulares e que tiveram edições registradas por meio de fotografia.

Optou-se por analisar apenas as chamadas políticas de cada jornal selecionado com o objetivo de afunilar ainda mais o objeto do estudo, visto que encontramos poucos exemplares disponíveis para consulta e o processo de recuperação desses jornais é muito complicado por conta da perda da memória jornalística em Roraima e no Amazonas e do fato de não haver nenhum lugar onde se possa pesquisar especificamente a história do nosso estado.

Esse tipo de recorte da pesquisa é categorizado por Álvaro Pires (2012) como uma “estrutura fechada”, identificado como aquele caso em que é impossível ao

pesquisador verificar todo o seu *universo*, sendo necessário retirar dele uma *amostra* bem definida.

O *corpus* foi analisado por meio de análise de conteúdo, que Bauer e Gaskell (2012) afirmam ser uma técnica híbrida que ajuda no processo de compreensão da complexidade de um conjunto de textos, implicando (muitas vezes) em um tratamento aprofundado deles. Os autores ressaltam ainda que muitas análises dessa natureza enfocam no que dizem os textos de modo que a análise do material se torna uma ponte entre a estatística e um estudo qualitativo. (BAUER, GASKELL, 2012).

Isso está em sintonia com os textos dos jornais analisados, pois eles reproduzem e representam ações dos atores envolvidos tanto na imprensa como na política de Roraima naquele período. Como a ligação política com a imprensa é o foco do estudo identificamos quais as chamadas políticas, fizemos a contagem e agrupamos pelo assunto tratado em uma análise quantitativa, a partir da identificação das frequências com que surgiram nos jornais analisados.

QUADRO 4 – Manchetes políticas constantes nos jornais do Rio Branco

JORNAIS	EDIÇÕES	MANCHETES	DE POLÍTICA	ASSUNTOS TRATADOS
O Caniço	1	5	3	1-Editorial elogiando o Coronel Bento Brasil, um dos maiores proprietários de terras no Vale do Rio Branco 2- Anuncia a chegada do governador Antônio Constantino Nery a vila do Rio Branco, descrevendo a viagem 3- Parabeniza o coronel Bento Brasil pela passagem de seu aniversário
A Escova	2	12	0	1-Jornal fala muito da vida das mulheres e da sociedade local abordando traições, e nada sobre política
Tacutú	1	20	5	1-Editorial rumo político do jornal 2- Eleição de Bento Brasil par o cargo de deputado estadual pelo rio branco 3- Chegada do brigadeiro Cachoeirinha ao rio branco 4- O pedido de demissão do superintendente do município 5-Festa a Bento Brasil de sua chegada ao rio branco
O Bem-te-vi	2	12	0	Jornal fala muito da vida das mulheres e da sociedade local abordando relacionamentos e nada sobre política
Rio Branco	2	17	6	1-O ex-superintendente não quis entregar ao seu substituto o arquivo da intendência 2- Uma eleição feita em casa pelo coronel Pereira Pinto candidato a presidência da república

				<p>3- Passagem de Virgílio do Carmo Ribeiro por Boa Vista</p> <p>4-Artigo sobre a comissão de defesa da borracha</p> <p>5- Protesto contra Tenente Cicero Barbosa, comandante do forte São Joaquim por ter atravessado a fazenda sem consentimento do Gen. Eraldo Veras</p> <p>6- Representação ao promotor público por conta do desaparecimento de textos e escrituras da intendência</p>
O Rio Branco	2	14	10	<p>1- Elogio a Revolução Francesa</p> <p>2- Visita dos políticos e personalidades na redação do jornal</p> <p>3- Abertura da reunião da assembleia legislativa</p> <p>4- Artigo sobre a primeira guerra mundial</p> <p>5- Petições despachadas pelo superintendente municipal</p> <p>6- Votação pela câmara dos representantes nos estados unidos de uma lei para puir os boateiros</p> <p>7- Nomeação do novo delegado de polícia Manoel Pereira Pinto pelo governador</p> <p>8- Posse do capitão Manoel Magalhaes como presidente da intendência municipal</p> <p>9- Eleição de Paulino de Mello como presidente do superior tribunal de justiça do estado</p> <p>10 - Posse de deputado Jose Rocha Leal no cargo de governador do município</p>
Jornal do Rio Branco	6	10	6	<p>1- Editorial crítico aos governantes pelo não desenvolvimento do Rio Branco</p> <p>2-O governo de Georgetown e a construção da estrada de ferro</p> <p>3-Relatorio do bispo do Rio Branco ao ministro da agricultura sobre a situação do Rio Branco</p> <p>4- Correspondência trocada entre militares sobre o progresso do rio branco e a política local</p> <p>5- Notas sobre a possibilidade da primeira guerra mundial e notícias sobre como os políticos da época atuavam</p> <p>6- Notícias sobre a política do brasil citando as candidaturas a residente e outras pessoas famosas no rio branco</p>

Fonte: Autoria própria

4.2 ANÁLISE DE CONTEÚDO NOS JORNAIS DO TERRITÓRIO DE RORAIMA

Apesar da inexistência de obras em livros sobre a imprensa de Roraima, as bibliotecas públicas visitadas em Boa Vista e em Manaus deram robustez à pesquisa documental. Raríssimos exemplares de jornais antigos puderam ser manuseados com certa dificuldade. Eles estão arquivados de forma desordenada, sem qualquer tipo de catalogação em um sótão do palácio da cultura. O acesso é permitido somente via autorização da direção e os pesquisadores são orientados a usarem máscaras e luvas para não sofrerem com eventuais riscos provocados pela poeira. A Secretaria de Cultura permitiu a reprodução dos jornais encontrados.

Nesse espaço, durante as visitas, puderam ser encontrados os jornais O Boa Vista, Jornal Boa Vista, Tribuna de Roraima, A Crítica de Roraima, O Diário.

Alguns jornais tiveram o manuseio do material feito com muita dificuldade pois as páginas estavam bastante deterioradas pelo tempo. Os demais disponíveis não faziam parte do recorte temporal da pesquisa, ou seja, surgiram após 1988.

Nos arquivos pessoais, as documentações estão, geralmente, em posse de pessoas, famílias, grupos de interesses (militantes políticos) ou de empresas. Por ser material guardado por vontade particular e não como forma de torná-lo público, existe o risco de muitos itens sofrerem com a falta de armazenamento adequado ao longo do tempo (BARCELLAR, 2008).

O jornalista Galvão Soares possui acervo catalogado de edições dos jornais O Átomo, O Combate, Resistência, O Debate, Jornal Boa Vista, O Roraima, O Observador e Folha de Roraima.

. Ele autorizou a visita e a reprodução dos arquivos mesmo bastante preocupado com a pandemia, pois é do grupo de risco. Tivemos que esperar seis meses para conseguir fazer a digitalização e catalogação de todo o material existente no acervo do jornalista. Para a digitalização, foram contempladas todas as edições encontradas.

Além disso, a pesquisa documental abrangeu exemplares que apresentaram alguma variação gráfica, como diminuição ou aumento de páginas ou mudança de formato, por exemplo. Ao todo, 238 páginas passaram por digitalização. A visita no acervo pessoal durou cinco dias até o fim da digitalização do material. Outro arquivo de caráter privado, mantido pelo jornalista Fernando Quintella, também serviu como fonte de pesquisa documental. Foram encontradas páginas do jornal A Gazeta, em

todas as suas versões, que pertenciam ao jornalista e foram doadas para a autora desta dissertação durante a visita.

Cabe frisar que como são materiais antigos e em sua maioria em má conservação, houve um cuidado no manuseio. Foram seguidos os passos a seguir, definidos por Barcellar (2008) na forma de tratamento dos documentos:

1) Disponibilidade de tempo: as consultas exigem paciência para descobrir o que é útil para a pesquisa. A reserva de apenas algumas horas em um único dia dificilmente é suficiente para encontrar, reunir e analisar o que pode servir ao estudo. Portanto, a primeira coisa a se fazer, é disponibilizar um bom tempo para se debruçar nos arquivos.

2) Cuidados pessoais: A utilização de luvas, máscaras e aventais são essenciais. Nesse caso, a preocupação é com o próprio pesquisador, em razão de malefícios que podem ser causados pelo contato com a poeira e cupins.

3) Manuseio: Além de prevenir possíveis sintomas prejudiciais provocados pelo tempo, as luvas e máscaras ainda evitam que o suor danifique a fibra de papel, que com o passar dos anos, fica cada vez mais sensível. Até um simples ato de virar a página deve ser calculada para evitar danos ao material. Recomenda-se que nesse gesto, por exemplo, se utilize as duas mãos para que a folha não rasgue, caso seja puxada apenas uma das mãos pela ponta. Ainda sobre o manuseio, movimentos bruscos são expressamente proibidos nesse tipo de pesquisa.

4) Reprodução: Em alguns tipos de arquivos, o acesso é raro. A insistência do pesquisador ou até mesmo a relevância de sua pesquisa, por outro lado, facilita a liberação das consultas. Independentemente da dificuldade, no entanto, ao ser autorizado a manusear documentos, o pesquisador deve buscar alternativas para reproduzir aquele material para não ter que retornar ao local por alguma falha deixada durante a consulta. Frisa-se que a reprodução deve ter aval da entidade ou pessoa responsável pelo espaço.

5) Amostra: Alguns arquivos são desafiantes para o pesquisador em razão de sua magnitude. Por isso, ao encontrar o que for útil, recomenda-se que ele seja separado do que não for servir para o estudo. Isso evita a mistura de documentos diversos

Após o mapeamento e digitalização do acervo encontrado, optou-se por analisar apenas as matérias políticas dos jornais com o objetivo de afunilar ainda mais

o objeto do estudo, visto que encontramos de alguns jornais muitos exemplares disponíveis para consulta e de outros apenas um exemplar ou a imagem da capa.

TABELA 5 – Período de circulação dos jornais do território

JORNAIS	SURTIU	TÉRMINOU	PERÍODO	EDIÇÕES
O Boa Vista	1948	1963	10 anos	13 edições
O Átomo	1953	1956	4 anos	25 edições
O Combate	1945	1946	1 ano	1 edições
Resistência	1954	1954	1 ano	1 edição
O Debate	1956	1957	1 ano	1 edição
A Tarde	1937	1964	23 anos	1 edição
A Tribuna do Norte	1967	1970	3 anos	3 anos
Jornal Boa Vista	1973	1983	10 anos	6 anos
O Roraima	1976	1987	11 anos	1 ano
Tribuna de Mucajaí	1976	1976	1 ano	1 exemplar
O Observador	1978	1980	4 anos	1 capa
Folha de Roraima	1980	1982	2 anos	3 edições
Tribuna de Roraima	1986	1988	2 anos	30 edições
Gazeta de Roraima	1981	1992	11 anos	10 anos
A Crítica de Roraima	1986	1990	4 anos	4 edições
O Diário	1987	1995	8 anos	3 edições
O Jornal	1988	1990	2 anos	3 edições

Fonte: Autoria própria

Dentro do mapeamento se fez uma avaliação de que a maioria dos jornais tiveram poucos anos de duração e nasceram e morreram em menos de um período eleitoral. Dos 17 jornais analisados, apenas seis duraram uma média de 10 anos. No total foram encontradas cerca de 200 edições dos jornais que passaram pelo rio Branco e pelo território de Roraima.

O processo de recuperação desses jornais é muito complicado por conta da perda da memória jornalística em Roraima e do fato de não haver nenhum lugar onde se possa pesquisar especificamente a história do nosso estado. A pandemia também piorou ainda mais a situação. Muitas pessoas que contariam histórias a partir de entrevistas ou morreram ou não estavam recebendo visitas na pandemia e esse retrato do jornalismo roraimense a partir da oralidade foi perdido.

Apesar disso, foi possível reunir as informações possíveis dentro do contexto atual e esse tipo de recorte da pesquisa é categorizado por Álvaro Pires (2012, p. 158) como uma “estrutura fechada”, identificado como aquele caso em que é impossível ao pesquisador verificar todo o seu universo, sendo necessário retirar dele uma amostra bem definida.

Isso está em sintonia com os textos dos jornais analisados, pois reproduzem e representam ações dos atores envolvidos tanto na imprensa como na política de Roraima naquele período. Como a ligação política com a imprensa é o foco do estudo identificamos as chamadas políticas, fizemos a contagem e agrupamos pelo assunto tratado em uma análise quantitativa, a partir da identificação das frequências com que surgiram nos jornais analisados.

QUADRO 6 – Manchetes políticas nos jornais do Território

JORNAIS	Quantidade de edições	de MANCHETES	DE POLÍTICA	ASSUNTOS TRATADOS
Boa Vista -	4	15	6	Roraima recebe festivamente governador Assis Peixoto Parabens deputado Novo secretariado de governo Reforma do secretariado Atividades do Governador Visita do senhor governador ao interior
A Crítica de Roraima	3	17	5	Prefeito volta sem verbas, mas defende prorrogação Câmara nega doação Constituinte agitada com jogo do bicho Rombo de 145 bilhões com anistia Salvação de Roraima é comércio na fronteira
Estado de Roraima	3	14	5	A sorte dos candidatos PFL não tem interesse em aliança com PRN Coligações motivam adiamento das convenções Governo muda discurso sobre demissão de servidores Collor vai pilotar taque de guerra
O Debate	1	5	3	Confirmação da visita de Juscelino ao território Deputado em colação de grau como paraninfo Elogio ao deputado Felix Valois
O Roraima	6	34	13	Coronel Ottomar pinto concede entrevista coletiva a imprensa roraimense Jornalista João Alencar é barbaramente assassinado Governo vence as eleições em Roraima Comício da Arena no bairro São Vicente vereador homenageado pelo MDB de Manaus Estácio Melo agredido por esposa e filhas nos comícios do MDB MDB vencendo em Rondônia Amplas possibilidades de emenda sobre eleição Escolha de prefeito é problema sério PMDB faz a convenção Getúlio, uma esperança Tomam posse os secretários de governo Autoridades em Boa Vista Discurso do governador Getúlio Cruz Jornalista diz que prefeito quer se vingar

O Jornal Boa Vista	1	3	3	Arena vê o MDB infiltrado de comunistas Juiz incompetente para julgar anulação de eleição General constata ação comunista na imprensa"
O Observador	1	3	2	Governo mantem estelionatário como titular da secretaria de agricultura Presidente da Cerr de plagiador e peculário
Folha de Roraima	6	33	17	Editorial Todos querem essa cabeça fora de Roraima Território de Roraima SA Ottomar não lançara candidato a deputado PTB tem Lauro para disputar eleição com apoio de ottomar Chagas Duarte é candidato a vereador Helio e Julio querem ottomar fora do governo de Roraima Ufa, três anos de Ottomar. alguém ainda aguenta? Relatório de Parimé leva a Mario Frota a concluir que Ottomar e sua gang permanecerão impunes Ganhou o PMDB com a passeata do PTB e de Ottomar Ottomar e Alcides podem ser demitidos Pode jorrar petróleo no Tacutú A coligação 25 anos depois Silvio Leite mandou surrupiar os documentos da imprensa? As declarações de Ottomar nos pampas Arriando a máscara: Silvio Leite é inocente A vez dos políticos
Tribuna de Roraima	1	8	1	Estudos feitos pelo Conselho de Segurança Nacional e dos males que a igreja progressista podia trazer ao Brasil
Resistência -	3	2	1	Frente Única um sindicato de vigaristas O Armando Desarmando: Um crime prefeito a demolição do prédio da divisão de obras e o governador é o único responsável
Tribuna de Mucajaí	3	1	1	Legislação breca ação de Getúlio
O Combate	11	2	1	Direito dos estudantes pobres Veja a bandalheira
O Diário	43	11	6	Ottomar fala de benefícios para Boa Vista Ottomar fala de trabalho e projetos Comitiva de Maluf é advertida Baixarias de Jucá são contestadas por deputados Risco de CPI mista paira sobre o governo Governo distribui 25 mil alevinos para agricultores Deputados rebatem acusações de Jucá

				<p>Humberto Campos diz que está recebendo ameaças de morte Detran apreende caminhões irregulares da Prefeitura Neudo Campos inaugura novo posto da Codesaima Klein faz análise de seis meses de governo PCdB quer formar frente progressista Empresário volta a cobrar dívida do governo e diz que foi ameaçado José Figueiredo: limpeza torna Boa Vista mais bonita Almir Guerra, Educação e fé na constituinte Prefeitura vai à Justiça para garantir direito de o povo ter lote de terra</p>
--	--	--	--	---

Fonte: Autoria própria

4.2.1 A construção da pesquisa- O Discurso Político

A pesquisa teve por objetivo a sistematização do jornalismo roraimense em seus primeiros 80 anos, entre 1907 e 1988. O trabalho abordou três pontos específicos: a) Primeiramente o mapeamento dos jornais impressos, que existiram no referido período; b) Em seguida, buscou identificar eventuais fatores políticos que pudessem ter contribuído para o surgimento e desenvolvimento do jornalismo dentro do referido recorte temporal e; c) Por fim mostrou as características da imprensa de Roraima e suas particularidades.

A partir do cruzamento de dados colhidos através de pesquisa bibliográfica e documental e entrevistas com jornalistas que atuaram no mercado roraimense antes de 1990, a pesquisa conseguiu catalogar 27 jornais impressos nos 80 primeiros anos de jornalismo de Roraima. Dentro da história contada nos jornais vemos muita ligação com a política, boicotes do poder executivo, prefeito que chegou a derrubar prédio de jornais com trator e jornalistas presos por conta do que escreviam, além de outras questões levantadas pelos veículos.

FIGURA 27 – Matéria do jornal “Tribuna de Roraima”, a respeito da demolição do jornal ‘O Roraima’

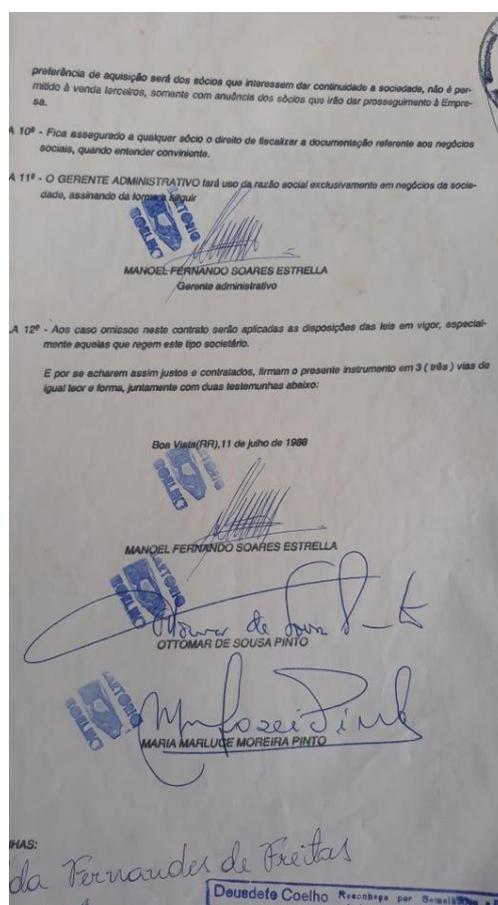


Fonte: Exemplar encontrado no acervo do Museu de Roraima

Essa análise primeira é embasada na forma como esses jornais retratavam a vida cotidiana da sociedade roraimense sempre entrelaçada aos políticos que queriam ver seu nome impresso, mesmo que a informação a seu respeito não fosse grande coisa. Era prestigiado pelo simples fato de estar no jornal. Isso é claro, na manchete do jornal que fala de uma carta indignada escrita pelo deputado ‘Chagas Duarte ao jornal sobre um possível acordo com Ottomar Pinto’.

Mas a política como influente no surgimento de iniciativas jornalísticas, não se resumiu ao poder executivo. Parlamentares igualmente atuaram nesse contexto. Temos vários jornais criados por deputados para serem usados no período eleitoral e outros que faziam sociedade com políticos, como é o caso do O Jornal, onde o jornalista Fernando Estrella chegou a fechar contrato societário com o governador Ottomar Pinto, que também foi apontado como dono do O Diário.

FIGURA 28 – Exemplar do Contrato feito de sociedade no ‘O Jornal’ com a assinatura do governador Ottomar Pinto



Fonte: Arquivo Pessoal do jornalista Fernando Estrella

Além de dar aval à elite política, os jornais mantidos pelo governo eram acríticos. Tornaram-se meros aparelhos de sustentação de seus ideais (MARQUES, 2009). Também houve perseguição contra quem ousasse em apontar falhas de seu governo, sobretudo iniciativas jornalísticas.

FIGURA 29 – Capa do jornal “A Tribuna de Roraima”



Fonte: Acervo da Biblioteca Pública Nene Maccagi

Entende-se que quando se fala em história, o pesquisador não pode afirmar nada que não esteja documentado. Esse arquivo não se refere apenas a itens materiais registrados, mas também às fontes que viveram no recorte temporal destacado na pesquisa. Contudo, na relação com o seu objeto, o historiador não tem que aceitar como algo dado. É preciso que destile e submeta a fonte histórica a

sistemáticos questionamentos. Isto é, deve-se depurar a relação da informação fornecida com os fatos a partir de um olhar crítico, como bem ensina Barros (2013).

A presença do governo local em suas páginas através de publicações de leis e decretos evidencia alinhamento do jornal com a elite local e uma das formas de arrecadar fundos para se tornar sustentável financeiramente.

Por outro lado, a inexistência de uma economia consolidada causou a dependência dos veículos jornalísticos das verbas de publicidade do governo territorial. É o caso do O Roraima onde o proprietário chegou a fechar as portas por não conseguir fechar acordo com o poder político local.

FIGURA 30 – Capa do jornal “O Roraima”



Fonte: Acervo pessoal do jornalista Galvão Soares

Apesar disso, por trás dos periódicos existiam políticos ou pessoas com bom relacionamento com a elite política. Isso é uma característica dos jornais afastados dos grandes centros urbanos aparecendo latente nos conteúdos o fato de os próprios políticos serem donos dos jornais, resultando assim em um jornalismo acrítico e cheio de interesses pessoais.

Ao se analisar o conteúdo político nas matérias constantes nos jornais objetos desse estudo, é preciso destacar o contexto em que esses jornais existiam, pois, sobretudo entre 1964 e 1985, era imposta uma censura dos governos militares aos jornais como maneira de silenciar a sociedade fazendo com que os sujeitos só

ocupassem o lugar que lhes era destinado pelas instituições para evitar que suas identidades aflorassem e passassem a ter força.

Se por um lado, os políticos tiveram participação decisiva no jornalismo nesse período, por outro, censuraram e perseguiram iniciativas jornalísticas e profissionais contrários aos atos do governo do território.

O que a Ditadura Militar impôs de censura contra a imprensa Brasil afora a partir de 1964, sobretudo, após o Ato Institucional Número 5, o jornalismo de Roraima já vivia. Um dos exemplos é a manchete do Jornal Boa Vista onde fala da "Ação comunista na imprensa".

FIGURA 31 – Capa do jornal “Boa Vista”

JORNAL BOA VISTA
ano v Boa Vista (RR), quarta-feira, 02 de março de 1977 n.159

Arena vê o MDB infiltrado por comunistas

Brasília — Em nome da Comissão Executiva Nacional da Arena, o paladão Francisco Pereira divulgou ontem à imprensa oficial do País, repulindo o documento que o MDB lançou publicamente ontem, defendendo contra as ações cassações de vereadores da Roraima.

A Arena diz que a democracia se encontra quando representantes do povo, "aquecendo seus compromissos com o regime, transformaram-se em agentes da subversão comunista". Em outro trecho, a Arena deixou claro que há no MDB infiltrações e vínculos com agentes e o mais notório, ainda que aliastando a esperança de que os recentes episódios não interrompam o diálogo entre os Partidos.

Mandado de Segurança: Z se considera incompetente

O fundamento do fundamento se trata de eleitoral, o Exercício, Dr. Roraima e da Circunscrição de Roraima declarou-se inapta para proferir o julgamento.

Mandado de Segurança impetrado pelo Vereador Raimundo Marques com a finalidade de anular a eleição do Vereador João Vital Pereira Pinto para a Presidência da Mesa da Câmara Municipal de Boa Vista.

O processo foi encaminhado pelo judiciário local à consideração do Tribunal Regional Eleitoral do Estado do Amazonas, o qual, se decidir pela incompetência do Dr. Roraima, Dr. Roraima e Silva, juiz em Exercício do Território Federal de Roraima, deverá enviar o Mandado de Segurança a um Juiz Eleitoral que for designado.

O Mandado de Segurança ven coincidir com outros fatos políticos registrados em várias Câmaras Municipais do país.

Bispo confirma acusações a bispos

Após documentos "estarcados" sobre os seus "avisos", o Bispo de Diamantina, Dom Geraldo Frezza voltou a acusar de comunistas os Bispos D. Pedro Casaldaliga e D. Tomás Balduino, de São Paulo e Goiás.

Leia na pág. 2

General constata ação comunista na imprensa

O Comandante do III Exército, General Fernando Beifart Bethlem, afirmou em Porto Alegre, que "estão sendo fielmente seguidas, em um modo geral, por todos os meios de comunicação de massa".

Brasil, as normas táticas que firmavam em documento apreendido em uma célula comunista, no Rio de Janeiro, e que prega a "infiltração revolucionária" também entre intelectuais e no próprio Exército.

Garantiu, entretanto, que o Exército é uma instituição humana e digna, e "mas intransigente na defesa da ordem, da lei e das instituições democráticas, e na responsabilidade que julga ser sua, desde sé-

culos, de manter a integridade deste grande país, cujo povo, se bem que seja às vezes imprevisível em suas manifestações, não obstante é bom, ordeiro e trabalhador".

Citou dados do livro *Os Militares na Política*, do professor Alfred Stepan, demonstrando que "o Exército não constitui uma casta; seus chefes e demais elementos provêm das mais diferentes camadas da sociedade, com predominância da classe média". E que os militares tendem a representar os interesses da classe média e a compensar a incapacidade que ela tem de se estabelecer como grupo bem integrado.

Reportagem na pág. 3

A nota

"A democracia se esgota quando representantes do povo, esquecidos seus compromissos com o regime, transformaram-se em agentes da subversão comunista."

"O Partido que os abriga e lhes justifica as ações e atividades favorece em sua maioria a aderir à contestação, assumindo a responsabilidade por condutas notoriamente contrárias à lei."

"O aperfeiçoamento democrático, aspecto dos brasileiros, não se alcançará sem a clara disposição de todos dos Partidos contrários que, sob distúrbios os mais diversos, tentam destruir a separação do Estado e a paz da Nação."

"Pouco importa a pregão de princípios se algumas esperanças e convicções indeclináveis registram, no Partido da Oposição, infiltrações e vínculos com agentes comunistas notórios."

Respeitamos a Oposição, veniente e respeitosa, nos limites da lei e a temas delimitados nas urnas, sucessivamente, com o apoio decidido do povo brasileiro. Mas, respaldados e conscientes, sobretudo quando se as inspirações de ativistas entregues ao trabalho de minar as instituições."

Repelimos a tese de que vivemos sob regime indefinido. O país está tranquilo e paz, protegido pela Constituição, e o Ato Institucional excepcional, tem sido acionado não contra os adversários do Governo, mas invariavelmente, contra os inimigos do regime.

Se os vereadores cassados representarem pensamento político do MDB, estaremos, diante de grave problema com a causa de interrupção do diálogo entre o Poder. Esperamos que não. Estamos que a nota de ontem é resultante de decisões políticas a que se habituou em tempos eleitorais, abrangendo e quadros aqueles que, desatendidos em um regime democrático, se infiltram onde possível para burilar a lei e fazer ações subversivas."

Com a responsabilidade de todo o pensamento da maioria do povo recentemente expresso nas urnas, a nota do MDB, simples memória, mas que a Revolução continuará do sob o comando lido, firme Presidente Ernesto Geisel, a paz e o desenvolvimento que, em hipótese, serão destruídos pela demagogia e irresponsabilidade".

(Do Jornal do Brasil)

Fonte: Acervo da Biblioteca Nacional

Portanto, o modo de agir imposto aos jornalistas no exercício da profissão esteve bastante comprometido, conforme as empresas de comunicação se vinculavam e dependiam da esfera política e dos políticos atrelados a regimes autoritários; além da censura, a autocensura dos jornalistas e os constrangimentos organizacionais impediam que a população tivesse acesso ao que era verídico, quer dizer, a notícia não refletia de forma mais ou menos realista a realidade social, mas o discurso hegemônico do poder.

Os jornais não escondiam o interesse por um partido ou mesmo por algum político cuja importância local era nítida. A análise desse material mostra que importa mais o objetivo inconsciente e /ou consciente do texto do que o que está nele escrito. E como não existe discurso sem sujeito e nem sujeito sem ideologia, como muito bem aborda Orlandi (2010), o meio impresso caracteriza-se como um cenário para a produção de sentidos de sujeitos que se manifestam ideologicamente.

No jornal 'O Roraima', a notícia sobre "Coronel Ottomar Pinto concede entrevista coletiva a imprensa roraimense" é uma demonstração clara do apoio ao governante local tratado como o 'Coronel' e manifestando nas entrelinhas um apoio a forma como o novo governante conduziria o estado.

Entende-se a partir do recorte selecionado dos jornais que eles retratam uma parte da realidade, mesmo que às vezes esta realidade esteja colocada de forma deturpada, é preciso entender que a informação no tempo e na vida das pessoas provoca uma intervenção ideológica e influencia o comportamento ou atitudes do leitor.

Outro ponto a se destacar, que chamou a atenção da pesquisadora, é o assujeitamento nos títulos escolhidos pelo jornal 'O Debate' de José Rezende, que era favorável ao governo da época. Duas de suas manchetes falam elogiosas ao governo do capitão Jose Maria Barbosa, sempre colocado como sujeito principal da informação mesmo quando ela era a primeira visita de um presidente da República ao novo território.

A foto de Barbosa ao lado da informação, mostra bem essa tendência, que é destacada por Mariani (1999), também usada em relação ao deputado Felix Valois, que virou manchete apenas por ser um paraninfo de uma turma de alunos. O discurso jornalístico é ideológico porque é produzido sob um contexto histórico, em que predominam determinados fatos que nos remetem a interpretações da realidade.

Mariani (1999) dizia que as interpretações existentes nos jornais informam o que interessa às instâncias que os dominam.

É preciso sempre recordar que a interpretação é passível de equívoco, pois embora a interpretação pareça ser clara, na realidade existem muitas e diferentes definições conforme esclarece Machado (1998). Ele explica que no que concerne, a um texto escrito numa época de forte aparato político é muito provável que o jornalista não tenha ficado isento de possíveis influências políticas. Em alguns casos, ele segue as ideologias da empresa e da sociedade.

As empresas de comunicação, podem servir para se firmarem diante das opressões e interesses de grupos com ideologias pró ou contra governo, servem como portal publicitário para futuras eleições ou para iniciar escândalos com opositores.

O jornal é o mediador de informações entre cidadão e interesse público é usado por quem detêm o poder para angariar votos ou destruir opositores, sobretudo se pensarmos no caso de um jornal impresso, numa época em que as tecnologias ainda não eram disponíveis para todos e nem de fácil acesso.

Isso se observa no jornal 'O Observador' de Silvio de Castro Leite, amazonense, advogado e político de oposição que tinha de início uma linha editorial sensacionalista.

A manchete "Governo mantém estelionatário como titular da Secretaria de Agricultura" vinha chamando o então secretário Aimberê Freitas, hoje um historiador conceituado em Roraima, de "useiro e vezeiro" do governador Ottomar Pinto.

Isso mostra dentro da proposta de Análise do Conteúdo, que essas manchetes dos jornais da época não eram construções inocentes, despidas de interesses políticos, mas se inseriam numa disputa ideológica que implicava pensar as disposições dos leitores e políticos dentro do tabuleiro de jogos sociais. Entende-se que a ausência de matérias contendo críticas, denúncias ou cobrança ao Poder Executivo local, revela a falta de independência e de autonomia dos jornais, em nome da sobrevivência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação constituiu um esforço exploratório para compreender a imprensa em Roraima do ponto de vista analítico, visando entender o predomínio da autoridade política como filtro fundamental para a informação publicamente disponível. Se enfatiza o resultado desse trabalho, que é um catálogo cuidadoso da imprensa local.

Entende-se que este trabalho tornou bastante claro que a imprensa roraimense enfrentou constante insegurança sobre o material a ser publicado, até mesmo pelas diversas formas e manifestações da censura que ocorreram, ou até mesmo autocensura dos empresários do ramo e dos próprios jornalistas que buscavam sobreviver num terreno com modestos índices de alfabetização e constantes interferências políticas do poder central.

Como herança desse processo, ainda hoje a imprensa local é marcada pelo encolhimento da circulação de jornais diários e sua estrita dependência de poderes políticos, que manifestam alguma herança patrimonialista dos primeiros coronéis.

Na medida em que escreve, o jornalista fixa determinados fragmentos de memória, hierarquiza aquilo que é importante em detrimento do que deve ser esquecido e, assim, acaba sendo um ator ativo no processo de construção – político – da história. Foi nesse sentido que, como demonstrado, o jornalismo roraimense serviu de voz e expressão de determinados grupos políticos, mitigando os seus ideais de independência e imparcialidade, servindo de mediador para benefício político de grupos que disputavam a posse dos aparelhos de poder.

Após a análise do material, entende-se que os políticos que eram destacados, procuravam estruturar ao menos uma parte do seu poder através dos jornais e nota-se que era habitual que os jornais tecessem elogios constantes ou críticas pagas a essas lideranças. No entanto, o diálogo dos jornais com a comunidade que mostrava suas carências e demandas terminou por lançar os jornais numa rota de colisão com os políticos locais.

Apesar disso, é preciso deixar claro que os jornais se tornaram uma ferramenta de comunicação muito importante a favor de interesses políticos. Eles mostravam as disputas políticas e o jogo de poder dos diversos grupos políticos com algumas doses de críticas ferrenhas, seja pelo próprio dono do jornal ou por seus cronistas ou com elogios rasgados aos apoiadores. Tratados como veículos a serviço de interesses, os

jornais também eram usados para atenuar as críticas sobre determinados grupos, que tinham projetos políticos que não proporcionavam a melhoria de vida da população.

O papel da imprensa até hoje não mudou muito. Sempre foi muito comum jornais surgirem para defender interesses de grupos políticos, mas entende-se que ao final, os leitores compreendem as mensagens do jornal, porém questionam essas mensagens, e respondem nas urnas muitas vezes não elegendo os políticos mesmo eles tendo veículos de comunicação a seu favor.

Este foi um esforço preliminar para compreender a imprensa em Roraima, visando entender o predomínio dos grupos políticos como filtros fundamentais para a informação publicamente disponível. Oferecendo mais uma via de entrada para o estudo do tema, pretendeu-se reforçar o quanto ainda é necessário avançar na análise do conteúdo ideológico e as estratégias de desenvolvimento político que ainda são fundamentais para a determinação das pautas jornalísticas.

O esforço em sistematizar as informações dos primeiros 80 anos do jornalismo roraimense coloca esta pesquisa no início de um processo de preenchimento de um vazio científico sobre o referido campo em Roraima. O mapeamento de jornais, o apontamento das conexões entre o jornalismo e a política podem subsidiar ou ainda fomentar futuras investigações científicas. O presente estudo não tem a pretensão em esgotar a história, mas de contribuir para a pesquisa jornalística no extremo Norte do Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, Perseu. **Um trabalhador da notícia**: textos de Perseu Abramo.1997

BAUER, Martin W. GASKELL, George. **Análise de conteúdo clássica**: uma revisão. In: BAUER, Martin W. GASKELL, George (Orgs.). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, p. 189-217.

BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa**. Brasil 1800-1900. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010. 266p.

BARBOSA, Reinaldo Imbrósio. **Ocupação Humana em Roraima**. Do histórico colonial ao início do assentamento dirigido. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldii. Belém, 1993.

BAHIA, Juarez. **Jornal, História e Técnica**, história da imprensa brasileira. São Paulo:Ática, 1990.

BONIN, Jiani Adriana. **Revisitando os bastidores da pesquisa**: práticas metodológicas na construção de um objeto de investigação. In: MALDONADO, Efendy et al. Metodologias de pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos. 2ª edição. Porto Alegre: Sulina, 2011, p. 19-42.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Ed. EDUSPE, 1997.

BUCAR, Ruy Alberto Pereira, JÚNIOR, Francisco Gilson Rebouças. **Os Manuscritos No Norte De Goiás**: Jornalismo Com Graça e Ousadia. Fundação Universidade Federal do Tocantins, Anais da IV Jornada Interdisciplinar do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Sociedade, Tendencias em Comunicação A Construção Social das Narrativas, outubro de 2019, Palmas TO

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 2008

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **A Imprensa na História do Brasil**. São Paulo: Contexto/Edusp, 2ª Ed.,1994, p. 24-2

CARILLI, J. **Folhas da Província**: a Imprensa Amazonense durante o período imperial (1851-1889). Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal do Amazonas, 2014.

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. **Na oficina do historiador**: conversas sobre história e imprensa. Projeto História, São Paulo, n.35, dez.

CRUZ, Jacy Souza. **Jornais impressos de Roraima – 1907 – 1997**. Centro de Comunicação, Educação, Letras e Secretariado. Departamento de Comunicação Social. Universidade Federal de Roraima. Voa Vista, 1998

DIAS, J. A., & PAIXÃO, C. N. A. d. (2018). **Enquadramentos noticiosos e narrativas episódicas**: Imprensa e memória nas manifestações estudantis de 1932 na Bahia. Cordis: Revista Eletrônica de História Social da Cidade, 18,

ELIAS, Norbert e SCOTSON, John. **Os estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000

FARAGE, Nádía. **As muralhas dos sertões**: os povos indígenas no Rio Branco e a colonização As Muralhas dos Sertões: Os Povos Indígenas no Rio Branco e a Colonização. torcidas. Autor: Nádía Farage ISBN: Editora: ANPOCS, Paz e Terra Edição: 1991

FARIA E SOUZA, João Baptista de. **A Imprensa no Amazonas, 1851-1908**. Manaus: Tipografia da Imprensa Oficial, 1908

FREIRE, José Ribamar Bessa (Coord.). **Cem Anos de Imprensa no Amazonas (1851-1950)**. Catálogo de jornais. Manaus: Editora Calderaro, 1990.

_____, José Ribamar Bessa. **Jornal manuscrito**: Caniço, Maluco e Papagaio. Manaus, 1990. disponível em <http://www.taquiprati.com.br/cronica/636-jornais-manuscritos-o-canico-o-maluco-e-o-papagaiom> acessado em 19 de dezembro de 2019

FREITAS, Luiz Aimberê Soares de. **Geografia e História de Roraima**. Boa Vista: DLM, 2001.

FERREIRA, Paulo Roberto. **Mais de 180 anos de imprensa na Amazônia**. Disponível em: < <https://pt.scribd.com/document/272850322/Artigo-Mais-de-180-Anos-de-Imprensa-Na-Amazonia-Paulo-Roberto-Ferreira> > Acesso em 08/05/2020

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 7 ed. - São Paulo: Atlas, 2017.

JUPIRA, S. S. Raposa Serra do Sol: **Demarcação Territorial**. Disputa Ideológica dos Atores nas Notícias da Imprensa Roraimense. 2003. 186 f. Dissertação Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2012.

LIMA, Maria Goretti Leite de. **O índio na mídia impressa em Roraima**. Boa Vista, Editora da UFRR, 2008

LUCA, Tania Regina de. **História dos nós e por meio dos periódicos**. In: PINSKY, C. B. (org.) Fontes Históricas. São Paulo; Contexto, 2005. p. 111-153.

LE GOFF, Jacques. **As mentalidades**: uma história ambígua. In: LE GOFF, Jacques; NORA; Pierre (Org.). História: novos objetos. Rio de Janeiro: F. Alves, 2010. p. 68-83.

LIMA, Maria Goretti Leite de. **O índio na mídia impressa em Roraima**. Boa Vista, RR: UFRR, 2008.

MUNARO, Luís Francisco e ZOUEN, Maurício Elias. **Jornal do Rio Branco (1916-1919): O projeto beneditino de civilização na vila de Boa Vista do Rio Branco**. IN: Anais do III Encontro Regional Norte de História da Mídia. Boa Vista, 2014. Disponível em www.ufrr.br/alcar. Acesso em maio de 2019.

MAGALHÃES, Dorval de. **Roraima**: informações históricas. 4ª ed. Rio de Janeiro: Dorval de Magalhães, 1986.

MARQUES DE MELO, José. **Gêneros jornalísticos no Brasil**: o estado da questão. In: XXXII Congresso Brasileiro De Ciências Da Comunicação, 2009, Curitiba (PR). Anais... Curitiba (PR): Universidade Positivo, 2009.

MASSARANI, Luisa. BUYS, Bruno. AMORIM, Luís Henrique. VENEU, Fernanda. **Jornalismo científico na América Latina**: um estudo de caso de sete jornais da região. Journal of Science Communication, set 2005.

MUNARO, Luís Francisco. **Rios de palavras**: a imprensa nas periferias da Amazônia (1821-1921). [recursoeletrônico] / Luís Francisco Munaro (Org.) -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2017.

MUNARO, L. F. **Aspectos da imprensa e da modernidade amazônicas**: um estudo do centro às periferias. TROPOS, v. 1, n. 2, 2014.

OLIVEIRA, Reginaldo Gomes de. **A herança dos descaminhos na formação do Estado de Roraima**. São Paulo, Universidade de São Paulo/ Reginaldo Gomes de Oliveira. São Paulo. Programa de Pós-Graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. USP, 2003.

OLIVEIRA, Helyelson Silva de. **As ordens religiosas na Amazônia**: os missionários beneditinos e os conflitos políticos no Vale do Rio Branco (1840-1948) / Helyelson Silva de Oliveira. – Boa Vista, 2017.

PAULA, J.; FERNANDES, P.; SEIXAS, N. **Protagonistas da imprensa blelenense entre 1820 e 1830**. In Anais VIII Encontro Nacional de História da Mídia. Guarapuava, 2012

PINHEIRO, F. **A história acreana nas ondas do rádio**. Revista Brasileira de História da Mídia, v. 1, n. 2, 2015. Disponível em: <<http://www.ojs.ufpi.br/index.php/rbhm/article/download/4026/2359>>. Acesso em 24 de dez.de 2021.

PIRES, Álvaro. **Amostragem e pesquisa qualitativa**: ensaio teórico e metodológico. In: POUPART, Jean. DESLAURIERS, Jean-Pierre. GROULX, Lionel-H. LAPERRIÈRE, Anne. MAYER, Robert. PIRES, ÁLVARO (Orgs.). A pesquisa

qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. 3a edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

RAMALHO, Marina. POLINO, Carmelo. MASSARANI, Luisa. **Do laboratório para o horário nobre: a cobertura de ciência no principal telejornal brasileiro.** Journal of Science Communication, v. 11, p. 1-10, 2012

RÉMOND, René. **Por uma história política.** 2. Ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

RODRIGUES, Shirley. **A imprensa escrita em Roraima: uma questão de ética.** Boa Vista: Compukromos, 1996.

SANTOS, Fabiane Vinente dos. **Filhas de Eva no País das Amazonas: gênero, sexualidade e condição feminina nos Jornais de Manaus (1890-1915).** Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia. UFAM, 2006

SANTOS, Nelvio Paulo Dutra. **Políticas públicas, economia e poder: o Estado de Roraima entre 1970 e 2000.** Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido - PDTU), Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará, 2004.

SILVA, Paulo Sergio Rodrigues da. **A violência contra os povos indígenas em Roraima: uma análise histórica a partir do Jornal Folha de Boa vista (1996 a 2005) / Paulo Sergio Rodrigues da Silva.** -- Boa Vista, 2014. 150 p.: il.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil.** 4a edição. Rio de Janeiro: Mauad, 1999

SOARES, Jacy de Souza Cruz. **Jornais impressos de Roraima: 1905-1997.** Monografia (Graduação em Comunicação Social), UFRR/CENCEL/Departamento de Comunicação, Boa Vista, 1998

SOUTELO, Luciana de Castro. **A memória pública do passado recente nas sociedades ibéricas: revisionismo histórico e combates pela memória em finais do século XX.** 594 fls. Tese de doutoramento. Porto: Universidade do Porto, 2015, p. 10. (Grifos da autora)

UGARTE, Maria Luiza. **Do jornal à academia: elites letradas e periodismo no Amazonas (1880-1920).** Amazônia em Cadernos. Manaus: Editora Ufam, 2007.

VELOSO, Maria do Socorro Furtado. **Imprensa, poder e contra-hegemonia na Amazônia: 20 anos do Jornal Pessoal (1987-2007).** 2008. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008a.

VERAS, Antonio Tolrino de Resende. **A produção do espaço urbano de Boa Vista - Roraima.** Tese (Doutorado em Geografia Humana), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.